

Este exemplar corresponde à
redação final da Tese defendida

por

R I T A B A S S O

e aprovada pela Comissão
Julgada em 13/11/84

por José C. Bonfim

REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DOS ALUNOS DE 2º GRAU

Dissertação apresentada como
exigência parcial para obten
ção do grau de Mestre em Edu
cação, na Área de Psicologia
Educacional, sob a orienta
ção da Profª. Dra. Maria Lau
ra P. Barbosa Franco.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

Faculdade de Educação

1984

UNICAMP

Comissão Julgadora

publ. Boston
Hussey

"A escola não é estática nem intocável. A forma que ela assume em cada momento é sempre o resultado precário e provisório de um movimento permanente de transformação, impulsionado por tensões, conflitos, esperanças e propostas alternativas."

Cuidado, Escola!*

* IDAC, São Paulo, Ed. Brasiliense, 1980

AGRADECIMENTOS

Embora o individualismo seja uma característica inegável no interior de qualquer instituição escolar, rompemos com ele na medida em que transformamos nossas relações meramente escolares em relações sociais, ou seja, transformamos o "estar juntos" em troca de experiências, em ajuda e acima de tudo em amizades.

São a estes muitos amigos e amigas, quer sejam professores, colegas ou funcionários, que quero agradecer.

No nome de Jaci Darci Salgado, meu sincero muito obrigado a todos os funcionários;

no nome de Yara Haas, meu carinho a todos meus colegas;

no nome do Prof. Dr. Milton José de Almeida, meu reconhecimento a todos os professores que foram mais que amigos pelos corredores da Universidade.

Pelos professores do Departamento de Psicologia, meu agradecimento especial

à Profª. Dra. Maria Inês Leite Vicentini;

à Profª. Dra. Maria Meliane F. Montezuma, orientadora do Programa e

ao Prof. Dr. Sergio Goldenberg.

Meu agradecimento especial a Maria Helena Gabrielli que foi a grande protetora em consertar os meus contínuos desacertos.

Agradeço também ao Prof. Dr. Aquilis Von Zuben, Coordenador da Pós-Graduação na época de meu ingresso na Universidade.

Ao Prof. Dr. José Dias Sobrinho, Coordenador atual, também meu reconhecimento.

Finalmente, à incansável Orientadora, Profª. Dra. Maria Laura P. Barbosa Franco que pela sua paciência manifesta na amizade e carinho com que sempre me tem tratado foi a que permitiu que chegasse ao fim deste trabalho. A esta grande e eficiente orientadora, meu reconhecimento e meu muito obrigada.

A possibilidade da realização deste trabalho devo também

ao apoio recebido pela 3ª Delegacia Regional de Ensino, sediada em Estrela - RS.

a colaboração das instituições escolares. Através de seus diretores, quero agradecer a confiança recebida de toda comunidade acadêmica que sempre facilitou o acesso a informações.

aos alunos, que se dispuseram a falar de si, da sua vida, da sua escola. A estes alunos o meu carinho.

Enfim, àqueles que sempre fizeram de sua casa o meu lar: Clênio, Níria, Cláudia e Gisele esta é a maneira que encontrei para manifestar o meu reconhecimento e lhes agradecer. Muito obrigada.

Dedico a meus pais que na simplicidade de suas vidas possuem a sabedoria de respeitar o projeto de vida de cada um de seus filhos.

ÍNDICE

I — COLOCAÇÃO DA PROBLEMÁTICA	1
II — AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS	15
III — OBJETIVOS	21
IV — METODOLOGIA	24
1. Procedimentos Metodológicos	24
2. O Município de Lajeado no contexto do Estado do Rio Grande do Sul	27
3. As escolas e suas características	29
3.1. Instituição A	32
3.2. Instituição B	35
3.3. Instituição C	37
3.4. Instituição D	39
4. Características dos sujeitos da pesquisa	42
V — OS DADOS	
1. Motivos da realização dos estudos de 2º Grau	49
2. Expectativas da escola como instituição	52
3. Expectativas da unidade doméstica frente ao estudo dos filhos	55
4. Representações dos alunos acerca da escola em que estudam	57
5. Representações frente à estrutura de poder da escola	61
6. Expectativas frente à profissão desejada	64

7. Relação entre Escola-Trabalho-Profissão	68
8. Representações frente às diferenças sociais	70
VI — A GUIA DE CONCLUSÃO	75
VII — REFERENCIAL BIBLIOGRÁFICO	79
ANEXOS	81
Anexo 1	82
Anexo 2	84
Anexo 3	87
Anexo 4	90
Anexo 5	94

I — COLOCAÇÃO DA PROBLEMÁTICA

Uma análise retrospectiva das pesquisas na área da educação demonstra que a escola de 1º grau tem sido o centro das atenções dos educadores e pesquisadores.

Mesmo aqueles que se dedicam ao estudo da Universidade, na maioria o fazem para buscar, via capacitação de recursos humanos, alternativas de melhoria do ensino de 1º grau.

Concordando com Maria Laura P. B. Franco, diríamos que

"tal convergência de interesses parece-nos justificável seja porque reconhecemos a magnitude dos problemas que se instalam no 1º grau, seja por considerá-lo fundamental para qualquer proposta mais ampla de democratização do ensino.

No entanto, não podemos deixar de levar em conta que as mazelas que afligem o ensino de 1º grau, tendo sua origem nos males estruturais da sociedade brasileira, atingem o ensino de 2º grau com tanta ou mais intensidade com que atingem o grau que o antecede. Além disso, a expansão quantitativa do 2º grau, observada nas últimas décadas, tem contribuído para o aparecimento de problemas adicionais.

No plano sócio-político, a coexistência de um aumento de oportunidades educacionais a nível médio, junto com a presença de considerável parcela da popu

lação excluída de todo acesso à educação, cria condições particularmente complexas no que diz respeito à vigência de uma ordem democrática.

No plano econômico o aumento da oferta de escolarização média está acelerando processos de desvalorização da educação básica como condicionante para o ingresso no mercado de trabalho, mesmo que seja em ocupações manuais não-especializadas.

A todos esses aspectos acrescenta-se o fato de que estamos ainda sob o impacto de uma reforma (Cf. Lei 5.692/71) que pretendeu atribuir a esse nível de ensino um caráter terminal e diretamente voltado para a formação de técnicos a nível médio. (Franco, 1984)

Esses e outros motivos nos levaram a optar pelo estudo do 2º grau.

Como o presente estudo envolve também a questão da qualificação para o trabalho pelo processo de escolarização a nível de 2º grau, é de suma importância retomar não somente a Lei 5.692/71 que estabeleceu a profissionalização obrigatória para este nível de ensino em todo o território nacional, como também da própria evolução do ensino profissional no Brasil.

A nível de governo, data do ano de 1930 a preocupação com o controle da educação nacional em todos os níveis. Isto ocorreu em função da política econômica do país que, nesta mesma década entra em um período econômico conhecido como o de "substituição de importações". Com isso surge a necessidade do controle da preparação de mão-de-obra o que é explicativo da inclusão na Constituição de 1937 de artigos sobre o ensino profissional. Esta Constituição previa em seu texto como obrigação das indústrias e sindicatos a criação de escolas de aprendizagem na sua área de especialização para os filhos de

seus empregados. Em função da mesma Constituição, um ano depois são abertas, por ordem do Governo Central, escolas técnicas profissionais em várias capitais de Estados e mesmo em algumas cidades.

Todavia, estes cursos profissionais não ofereciam diplomas reconhecidos e, por pressão dos egressos, no início da década de 1940, estes cursos foram reconhecidos; também outros cursos foram criados com as Leis Orgânicas dos Ensinos Secundário, Industrial, Comercial, Normal e Agrícola. Por estas leis foram definidos objetivos, conteúdos e também finalidades distintas.

Esta foi a legislação que formalizou, no plano legal, para o nível médio, o que sempre havia sido motivo de discussão entre educadores: um duplo sistema de ensino para um mesmo nível. Por um lado, escolas profissionais destinadas aos menos favorecidos economicamente e que viriam a constituir o operariado das empresas em plena expansão; por outro, uma escola que conduzia diretamente uma elite à Universidade, ou seja, os mais favorecidos e que viriam a ser os futuros dirigentes da nação.

Notamos a coerência deste modelo de ensino vigente com o próprio modelo econômico em desenvolvimento. Entretanto, egressos de cursos profissionais, impedidos de obter um diploma universitário — imposição da legislação em vigor — ficaram descontentes. Com base na aspiração destes alunos em ascender via escolarização e, ao mesmo tempo, para amenizar tamanha desigualdade de direitos, iniciaram-se ainda na mesma década tentativas de equiparação. Todavia, somente em 1953 foram definidos os "cursos relacionados" que davam ao concludente o direito de ingressar no nível superior.

Com a LDB 4.024/61, as mudanças ocorridas foram moderadas, sendo que a mais importante foi a completa equivalência entre os cur

secundários e profissionais para efeito de ingresso aos cursos superiores.

Em traços gerais, é este o quadro, em termos de legislação, que antecede a Lei 5.692/71: toda mudança buscava atender aos anseios de vários segmentos da população. Mudanças gradativas que acabaram por fazer de todo ensino médio um ensino propedêutico.

Como diz Maria Laura P. B. Franco

"até 1971, todas as tentativas efetuadas para romper a tradicional dicotomia do ensino médio brasileiro (que se encarrega desde suas origens da formação diferencial entre trabalhadores braçais e trabalhadores intelectuais) foram soluções conciliatórias; liberações reformistas que implicavam em mudanças lentas e graduais. Isso porque, tinham como modelo um curso secundário assentado numa característica de continuidade, opondo-se, pois, ao caráter de terminalidade a ser delegado (em 1971) ao 2º ciclo. Ou seja, todas as tentativas aventadas sempre foram voltadas à equiparação dos cursos técnicos ao propedêutico secundário, atenuando-se as peculiaridades dos primeiros e removendo-se, gradualmente, as barreiras entre eles e a Universidade.

Mas, o que aconteceu em 1971 ao promulgar-se mediante a Lei 5.692/71 a 'profissionalização universal e compulsória a nível de 2º grau', foi uma reviravolta de 180°, na medida em que, praticamente, se pretendia uma equiparação formal do curso secundário aos cursos técnicos.

Foi, pois, uma proposta de transformação estrutural uma vez que, em sua gênese, implicava na substituição do modelo humanístico/científico do 2º grau propedêutico por um novo modelo: o tecnológico/terminal." (Franco, 1984)

E para Luiz Antonio Cunha

"a origem histórica da Lei 5.692/71 está diretamente ligada às mudanças políticas de 1964. O apoio das camadas médias da sociedade ao novo esquema de poder resultou em aumento da oferta de vagas nos cursos superiores, conforme sua demanda. Entretanto a política econômica a partir daí fez com que as oportunidades de empreendimento para as camadas médias diminuíssem bastante, fazendo com que elas procurassem ainda mais intensamente os cursos superiores como recurso de ascensão. No entanto, apesar de continuar crescendo o atendimento da demanda, o número de excedentes tem crescido mais que proporcionalmente, resultando em crises, expressas politicamente, como a de 1968. É preciso acrescentar, no entanto, que os dados de 1971 mostram uma inversão da tendência, isto é, um crescimento do número de vagas maior do que o de candidatos. As respostas à crise, além do aumento de vagas, foram certas formas de controle, como a reforma universitária. O grupo de trabalho que elaborou o anteprojeto de reforma universitária recomendou a reforma do ensino médio como medida indispensável ao crescimento 'ordenado' do ensino superior. Ele devia ser profissional, passando a desviar para o mercado de trabalho um grande número de demandantes potenciais dos cursos superiores. (Cunha, 1977)

No entanto, a "profissionalização universal e compulsória", prevista na Lei 5.692/71 para o ensino de 2º grau, começou a ser questionada, praticamente, no dia seguinte à sua promulgação.

Em primeiro lugar, os cursos profissionais, principalmente o Ensino Técnico Industrial que gozava de grande prestígio junto às empresas, foram descaracterizados e embora continuem existindo, per-

deram a sua legislação própria, vigente há 30 anos. Com isso um primeiro problema: o risco do desprestígio dos cursos técnicos profissionais, principalmente do Técnico Industrial.

Luiz Antonio Cunha, ainda em 1972, não acreditava na viabilidade de uma nivelção do ensino médio em termos de realidade brasileira onde a sociedade é dividida em classes; acreditava, sim, na possibilidade de se criarem "artifícios" para compatibilizar a função propedêutica deste nível existente até então, com a imposta terminalidade. Isto porque, já naquele ano, em algumas escolas particulares, estavam se iniciando "arranjos curriculares" para preservar a propeduecidade do ensino de 2º grau naqueles estabelecimentos de ensino, em decorrência de uma exigência das camadas mais abastadas de nossa sociedade.

Portanto, se por um lado a Lei 5.692/71 apresentou-se como a solução de muitos problemas educacionais, por outro lado, Cunha previu o fracasso desta mesma lei frente à realidade de nosso país; decorridos alguns anos, Warde, analisa as alterações que se fizeram necessárias, através do Parecer 76/75, para uma lei que não deu certo. E isto podemos agrupar em apenas dois itens:

1. a falta total de uma infra-estrutura, quer seja de recursos humanos especializados, quer seja de condições mínimas de recursos materiais para se pensar em uma profissionalização a curto prazo para todo o território nacional;
2. a sua inadequação, acima já analisada, para a realidade social, política e econômica da sociedade brasileira.

"Neste sentido, pode-se afirmar que a proposta do Ensino Profissionalizante previsto na Lei 5.692/71 revela, no mínimo, a insensibilidade de seus planeja-

dores frente à necessidade de levar em conta:

- as contradições, exigências sociais e econômicas da sociedade;
- as pressões e reivindicações sociais; e
- as necessidades e expectativas daqueles que serão necessariamente afetados por deliberações reformistas (pais, alunos, professores) para a implantação de uma nova ordem educacional.

É mais um exemplo a revelar a enorme distância que existe, no Brasil, entre os textos legais e a realidade. Sem a participação dos múltiplos atores que trabalham em educação e sem a análise conjuntural da sociedade brasileira e das necessidades concretas da população, o ensino profissionalizante está hoje produzindo os frutos já previstos em 1973: falsificação grosseira de suas finalidades, desqualificação e fracasso." (Franco, 1984)

Após uma década de sucessivos consertos feitos através de Pareceres, Decretos, Resoluções, Portarias etc. todos na forma de documentos considerados legais pela nossa legislação, a última tentativa apresentada pelos órgãos competentes do governo, utilizando-se dos mesmos mecanismos das decisões anteriores, foi a transformação do ensino profissionalizante — compulsório até então — em opcional para as escolas, através da Lei 7.044/72.

O Parecer 1.144/82 do Conselho Estadual de Educação do Estado do Rio Grande do Sul, em consonância com o Parecer 618/82 do CFE, esclarece que, em termos de objetivo geral, o componente curricular sobre o trabalho já não é mais qualificação para o trabalho, mas preparação para o trabalho e propõe, já para 1983, tarefas de emergência, considerando esse ano letivo como um ano de transição. Anuncia também para o primeiro semestre letivo do mesmo ano, a emissão de um

NOVO ATO definindo normas para o tratamento a ser dado à preparação para o trabalho.

Do Parecer 618/82 do CFE deve ser destacado em sua integridade:

"... a orientação atual dos sistemas de ensino, ou das escolas, não terão necessariamente que sofrer alterações. Em outras palavras, os Pareceres 45/72 e 76/75 do CFE, assim como as Resoluções deles decorrentes, continuam em vigor, embora possam vir a sofrer revisões no futuro"

Embora tendo adicionado estes novos dados, não pretendemos entrar em outros detalhes sobre a lei que antecedeu a 7.044/82 e também não julgamos necessário tecer outras considerações sobre esta nova lei. Isto porque nossa proposta, ainda que repouse sobre a Lei 5.692/71, está acima de tudo orientada para a busca de dados concretos que estão materializados na fala dos alunos como subsídios de análise. Consideramos de grande fecundidade pesquisas que buscam refletir a problemática educacional a partir de dados daqueles que são os mais interessados: os alunos — e no nosso caso particular — alunos que freqüentam o 2º grau.

Isso não significa descartar a necessidade de reflexões acerca de nossa legislação educacional, nem desmerecer o valor dos estudos macroestruturais, históricos e teóricos. Significa, apenas, concordar com Maria Laura P. B. Franco quando afirma que

"para conhecer a realidade em sua totalidade é necessário partir do concreto para atingir o abstrato e, uma vez claramente estabelecidos os conceitos, re-

gressar ao concreto para os enriquecer com toda a complexidade de suas determinações. Ora, as reformas são mudanças conjunturais que ocorrem em estruturas concretas já existentes. Daí, e sob pena de incorrer_{mos} no risco de mudar por mudar, torna-se indispensá_{vel} recorrer a dados empíricos quantitativos que con_{centrem} a possibilidade de desvendar áreas críticas, pontos de estrangulamento, acertos e desacertos deste ou daquele nível de ensino." (Franco, 1984)

Com essa preocupação procuramos efetuar um levantamento das teses existentes na Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas, cujo enfoque de estudo privilegiasse o ensino de 2º grau.

Embora em número reduzido, encontramos pesquisas empíricas que vão até a realidade do aluno em busca de subsídios. Consideramos, pois, oportuno destacar aqui, aquelas teses que se desenvolveram dentro dessa perspectiva.

Ferreira, M.S. (1978) investiga a questão da escolha profissional

"estudando a forma como os elementos diretamente envolvidos no processo de orientação educacional — Orientadores e Orientandos — percebem e explicam a opção profissional dos indivíduos."

Para isso, a autora entrevista tanto orientadores educacionais atuantes como alunos que se submeteram a este processo. E assim a autora chega à conclusão de que os critérios utilizados para selecionar os alunos pelas escolas não são as aptidões e os interesses, como Orientadores e Orientandos acreditam, porque a determinação de-

pende da escola; dentre as habilitações que as escolas oferecem a seleção é feita através de um exame de seleção e pelo número de vagas que esta dispõe.

Portanto, a autora buscou no "discurso" — em forma de entrevista — tanto de alunos de 2º grau que se submeteram ao processo de orientação como de seus orientadores esclarecer a questão da "Escolha Profissional: Opção ou imposição?". Com isso obteve um dado muito sutil e encoberto: a regra do jogo não muda apesar de existir um programa de orientação educacional porque a escola impõe a habilitação profissional a seus alunos.

A pesquisa realizada por Maria Aparecida Figueiredo (1980) teve como objetivo detectar as causas que estavam provocando a lenta desvalorização e também a desativação da profissão do professor de 1º grau na cidade de São Carlos-SP. Para isso foi aplicado um questionário a todas as 59 alunas que freqüentavam o Magistério e foram realizadas entrevistas com 15 egressas da mesma habilitação.

A partir dos dados obtidos, a autora constatou que a gradativa desativação e desvalorização da habilitação para o Magistério de 1º grau se deve ao excesso de profissionais e a má remuneração. Além da saturação do mercado de trabalho, o incentivo está todo voltado para cursos profissionalizantes de área produtiva. Outro fator responsável é o prestígio do professor universitário naquela cidade, o que motiva atingir este status, sendo no caso a Habilitação para o Magistério apenas um elo de passagem para a Pedagogia.

Outra pesquisa foi realizada por Lourdes Maria M. de Toledo (1979) com o objetivo de levantar o conceito do significado do trabalho percebido pelos estudantes de 2º e 3º graus para dar subsídios e informações que fundamentassem programas de orientação educacional e orientação vocacional. Foi uma tentativa de, a partir do que o estudante pensa, sente e percebe, orientá-lo de modo eficiente.

A pesquisa foi realizada com uma amostra de escolas de 2º grau e de Universidades da cidade de Campinas-SP. Os dados foram colhidos através da aplicação de questionários. Para a autora, este estudo veio mostrar a necessidade de se respeitarem os valores individuais, as diferenças de sexo, de nível de escolarização e as diferenças sócio-econômicas no processo de orientação.

Destaca-se dentre as sugestões da autora a de se elaborar outra técnica para a coleta de dados e, de preferência, que esta seja na forma de entrevistas individuais ou mesmo coletivas. Com isso parece ter se evidenciado a superioridade dos dados obtidos em forma de "discurso" onde o pesquisador entra em contato direto com a "fala" do aluno.

Gostaríamos de ressaltar que reconhecemos nas pesquisas acima descritas um caminho promissor para a busca de soluções para problemas educacionais onde causas, aspirações e percepções devem ser levadas em conta.

E falando em percepções e aspirações é preciso

"levar em conta que a população que hoje pleiteia e frequenta o ensino de 2º grau é muito diferente daquela que o fazia há 10 anos atrás. Até bem pouco tempo, poderíamos pensar que os candidatos ao ensino de 2º grau seriam apenas jovens de 'classe média' ou de elite já que os menos privilegiados abandonam a escola nas primeiras séries escolares. Hoje, sabemos que a demanda por esse nível de ensino, por parte de jovens provenientes de bairros periféricos, tem aumentado a cada ano.

Um exemplo do que acabamos de afirmar refere-se à iniciativa tomada por representantes do Centro de Clubes de Mães sediado nos bairros de Perus, Pirituba e Jaguara, do Município de São Paulo, que se orga

nizaram na tentativa de se fazer ouvir pelas autoridades, com o objetivo de expor seus descontentamentos e reivindicações. Esses representantes procuraram o Secretário de Educação do Estado de São Paulo não apenas para reivindicar mais escolas de 2º grau, como também para solicitar um aumento de instalação de cursos profissionalizantes de 2º grau em escolas da rede oficial já existentes na região. (Folha de São Paulo 18/05/1982 p. 18)

Tal carência foi constatada em pesquisa que o centro desenvolveu em 48 escolas da rede estadual e municipal, sendo consultados, não apenas diretores, professores e alunos de 6ª a 8ª série do 1º grau, mas também moradores de 70 vilas num total aproximado de 2.500 pessoas.

Segundo o Centro do Clube de Mães, a pesquisa constatou que o número de escolas de 2º grau é insuficiente para atender a demanda de concluintes do 1º grau. Por isso, muitos deles são obrigados a interromper os estudos, viáveis apenas em bairros distantes, devido à incompatibilidade entre o horário de trabalho e de entrada em aulas.

De acordo com os dados da pesquisa 96,5% dos alunos da 8ª série do 1º grau consultados pretende cursar o 2º grau profissionalizante pois, conforme explicou uma das representantes do Centro, poderão ter posteriormente acesso à Universidade e, ao mesmo tempo que estudam, terão condições de obter um trabalho melhor remunerado e custear, com isso, sua escolaridade futura, bem como auxiliar no orçamento doméstico de suas famílias.

Iniciativas como essa tornam-se muito importantes se analisarmos os dados, a seguir.

A região onde foi realizada a pesquisa caracteriza-se por ser um conglomerado urbano de periferia com uma concentração razoavelmente significativa de jovens em idade escolar (48.095) o que representa aproximadamente 7% do total de jovens de 15 a 18 anos re

sidentes em São Paulo. Nessa região aproximadamente 60% da população tem um rendimento mensal que não ultrapassa a faixa de até 5 salários mínimos regionais. Lá existem (em 1982) apenas 11 escolas estaduais de 2º grau e 2 particulares. Do total desses 48.095 jovens entre 15 e 18 anos residentes no local apenas 10% (5.016) estão matriculados nas escolas estaduais existentes e 1,25% (601) nas particulares. Em suma, 88,7% estão fora da escola de 2º grau*." (Franco, 1984)

Embora esses dados sejam restritos à realidade paulistana, temos observado que a expansão quantitativa do ensino do 2º grau (aliada à inchação do ensino via democratização das oportunidades educacionais) tem se repetido em todas as regiões do Brasil, principalmente junto às grandes metrópoles**.

Todavia, a rede pública ainda é insuficiente para atender à demanda da população que hoje pleiteia o ensino de 2º grau gratuito. Isso porque, devido à perda do poder aquisitivo das "camadas médias", as mensalidades das escolas particulares estão se tornando proibitivas para um número cada vez maior de pessoas.

Portanto, este estudo tem o aluno como meta principal e muitos aspectos poderiam ser objeto de estudo. Entretanto, nossa opção é analisar as expectativas dos alunos frente à escola, frente ao trabalho e à própria realidade social em que estão situados. E isso

* Projeções avançadas para 1982 do Censo de 1980, COGEP, 1982; Mapa de Movimento (janeiro a março de 1982) das escolas de 2º grau do Município de São Paulo SE/São Paulo.

** Cf. Pesquisa Nacional por Amostragem de Domicílios (PNAD), 1982.

está expresso na linguagem deles e se constitui no conjunto de suas "representações sociais".

Elegemos, então, analisar as REPRESENTAÇÕES SOCIAIS que os alunos de 2º grau fazem deste nível de ensino. Isto porque acreditamos ser uma das vias legítimas para a busca de subsídios, se não de soluções pelo menos para uma reflexão a ser feita a partir de representações dos ALUNOS que estão reproduzindo uma escolarização imposta, muitas vezes alienada de suas necessidades concretas.

Cabe-nos agora, dada a complexidade do conceito de "representação" ou de "representação social", elucidar tal conceito.

II — AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS

É preciso deixar claro, logo de início, que não pretendemos desenvolver uma monografia teórica acerca das representações sociais. Vamos nos limitar a tecer algumas considerações sobre esse conceito para elucidar um pouco mais o fio teórico condutor que norteou nosso trabalho empírico.

Consideramos as representações como sendo o "conteúdo interno" da nossa consciência as quais englobam nossas percepções, idéias, aspirações, pensamentos, conceitos e outros fenômenos psicológicos. Mas a consciência não é a somatória destes ou de outros fenômenos psíquicos internos. Como Leontiev (1978), a concebemos como sendo "um movimento interno particular engendrado pela atividade humana".

Isso está em flagrante desacordo com a psicologia de matriz positivista que pressupõe representações como uma imagem generalizada inscrita na memória, "acabada", que por um trabalho dos órgãos sensoriais penetra o psiquismo e se conserva nos arquivos da memória.

"Ao contrário, nossas imagens sensoriais generalizadas, assim como os conceitos, contêm movimento e, por conseguinte, contradições. A representação do objeto inclui não apenas o semelhante na variedade de

objetos, mas também nas especificações e facetas diferenciadas. Não apenas os conceitos são dialéticos, mas também nossas representações. Por isso eles são capazes de cumprir uma função que não se reduz ao papel de modelos, padrões fixados e correlacionados com as influências recebidas pelos receptores. Assim como a imagem psíquica, as representações existem de modo inseparável da atividade do sujeito, o que as transforma em vivas e criativas." (Franco, 1983)

É pois pela atividade que se produz a transição do objeto em sua forma subjetiva; da mesma forma através da atividade se processa a transição do conteúdo subjetivo para seus resultados objetivos, ou seja para os produtos e realizações humanas. (Leontiev, 1978)

Vista deste ângulo a atividade aparece como um processo através do qual se concretizam as transições recíprocas entre os dois pólos da teoria do conhecimento: "o objeto do conhecimento" e "o sujeito que conhece". Com isso postulamos uma unidade e uma interdependência entre os processos psicológicos internos e a atividade concreta e externa. A atividade externa transcorre em condições de uma coletividade aberta em interação com outros homens. Em que pese sua especificidade, a atividade do indivíduo humano é um sistema incluído no sistema de relações sociais. A atividade de cada homem depende, pois, de seu lugar na sociedade, de suas condições de sobrevivência, e de como vai se adaptando e construindo circunstâncias individuais que são únicas.

É de suma importância levar em conta a inter-relação entre a atividade interior que se processa no conteúdo interno da ciência e a atividade externa. Isto porque a própria ciência psicológica tem isolado através dos tempos os fenômenos psíquicos da

atividade prática dos homens. Sabemos, por exemplo, que a atividade de pensar que é interna, mental, está intimamente relacionada com o fazer que é uma atividade prática e externa. A separação entre ambos os aspectos é ideológica consagrando-se na nossa própria dificuldade em perceber a inter-relação entre uma atividade manual e uma atividade intelectual. Ou ainda, em compreender que toda a atividade interna a nível psicológico possui seu correspondente externo.

Assim, por exemplo, quando as pessoas trabalham elas agem e pensam. Trabalham, porque são capazes de organizar, fazer previsões, determinar objetivos.

As pessoas ao trabalhar utilizam o corpo inteiro, desde as mãos, os sentimentos e o pensamento. É impossível dizer, no momento em que as pessoas trabalham, o que está sendo mais importante: se seu corpo, seus sentimentos ou sua cabeça.

Portanto, os trabalhadores, nas fábricas e na agricultura, também são pensadores, e os pensadores nas universidades também são trabalhadores.

Por isso é que afirmamos que separar a atividade manual da intelectual constitui-se numa dicotomia ideológica.

Rubstein (1982) também enfatiza a importância da atividade psíquica na formação das representações. Para o autor, a percepção apreende a realidade imediata. Suas imagens quando reproduzidas e reelaboradas pela atividade psíquica se transformam em configurações novas e diferenciadas que são as representações. São estas representações que possibilitam a existência de uma vida interna. Isto porque a percepção, enquanto processo psicológico que apreende a realidade concreta, se limita ao presente, ao imediato. Já as representações permitem que o passado volte ao presente e o futuro seja previsto.

É um fenômeno psíquico amplo, abrangente, e que apesar de ser por vezes fragmentário e difuso, é essencialmente dinâmico, na medida em que as representações são capazes de transformarem-se em conceitos de acordo com seu grau de generalização. Evidencia-se então a relação de todos os processos psíquicos internos com nossas representações pois são elas que dinamizam e até possibilitam, segundo este autor, a existência de uma vida interior.

Lane (1981) descreve o processo de formação de nossas representações. A linguagem, para Lane, exerce uma função preponderante neste processo porque é ela que faz a mediação entre nós e os outros homens. E as representações implicam sempre em relações com outros seres humanos, em ações sobre objetos ou situações. É deste confronto da nossa consciência individual sobre aquilo que já possui um sentido social que produzimos nossas representações. Segundo a autora, "é o sentido pessoal que atribuímos aos significados elaborados socialmente".

Acreditamos que ficou esclarecida nossa posição de que as representações sociais englobam o conjunto dos fenômenos psíquicos que pertencem ao conteúdo interno da nossa consciência. Embora abrangendo uma esfera interna, somente se elaboram a partir da vida real e prática dos homens. Entretanto nossas representações existem na medida em que se materializam, ou seja, se manifestam, via linguagem.

Como em nossa proposta deste estudo queremos apreender as representações dos sujeitos desta pesquisa através de suas "falas" é necessário que a linguagem enquanto veículo de mediação de nossas representações seja melhor explicitada.

Somente podemos entender a origem e o desenvolvimento da linguagem na sua relação com a evolução histórica e social do ho-

mem. Ela surgiu quando o homem, para produzir os bens necessários a sua sobrevivência, teve que cooperar com os outros homens. A cooperação exigiu a comunicação. Daí surge a linguagem dentro do processo do trabalho social que vem exercer entre os homens a função da comunicação.

Todavia, no seu início quando a divisão de trabalho era simples, a relação palavra-objeto também era simples porque determinava significados facilmente objetivados. Mas foi se tornando cada vez mais complexa na medida em que as relações entre os homens se tornaram mais complexas em função de uma maior complexidade na divisão do trabalho. Com isto a linguagem perde seu caráter exclusivamente prático e se transforma em configurações mais genéricas e abstratas, adequando-se às necessidades dos diferentes grupos sociais. É por isso que a linguagem não pode ser vista apenas na relação direta entre palavra e objeto, ou seja, numa relação linear. É preciso se conhecer o contexto em que ela foi produzida para se compreender o seu significado. Isto porque segundo Rubstein (1982) o significado das palavras não está fora das "relações práticas e ativas" que se desenvolvem entre os homens.

Para este mesmo autor, a linguagem está intimamente relacionada com o pensamento, e a palavra é que expressa nossos pensamentos, conceitos, sentimentos, vivências dentre outros fenômenos psicológicos. Neste sentido, a linguagem se relaciona com a consciência como um todo. Esta também se nutre e se enriquece na experiência social mas com a ajuda da linguagem. E por esta mesma via, a consciência de um indivíduo pode ser apreendida por outras pessoas.

Já a fala, o discurso, ainda para Rubstein, é a linguagem em "atuação", a linguagem viva e materializada. A fala, desta for-

ma, é a expressão existencial da consciência e do seu conteúdo íntimo. Conseqüentemente, através da "fala", do discurso, torna-se possível captar as representações sociais.

Quando por exemplo, através da nossa fala expressamos nosso ponto de vista sobre um acontecimento, quando descrevemos ou narramos um fato, quando opinamos, estamos manifestando nossa consciência pessoal acerca daquilo a que nos referimos para outras pessoas. E isso nada mais é do que nossa representação sobre algo. É por isso que através das "falas" podemos "captar" o significado de uma representação. Mas como poderemos apreender uma representação na prática? Citaremos um exemplo.

Quando temos diante de nós a "fala" de um aluno de que sua instituição "é ainda uma exceção da realidade brasileira" dado o bom nível de ensino que apresenta, e conhecida a dinâmica interna deste estabelecimento de ensino, não é uma inferência, mas sim a apreensão da representação deste aluno sobre a educação brasileira e sobre sua escola. Esta mesma representação permite "captar" que este aluno possui uma visão mais ampla de educação; que possui consciência sobre o que se passa em sua escola e também no interior de outras instituições escolares.

Na perspectiva de buscar nas "falas" dos alunos suas representações é que passamos a arrolar os objetivos do presente estudo.

III — OBJETIVOS

Nosso objetivo principal foi ANALISAR AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE ALUNOS QUE CURSAM O 2º GRAU. A partir deste objetivo pretendemos apreender:

1. o que os alunos pensam a respeito do ensino de 2º grau, tal como está hoje configurado;
2. o que eles esperam receber da escola enquanto instituição e o que ela está oferecendo;
3. as condições reais em que estão situados frente a habilitação que cursam e a relação existente entre Escola-Profissão-Trabalho;
4. suas concepções acerca das desigualdades sociais.

Além disso, procuraremos estabelecer relações entre as representações dos alunos e as características particulares da escola de onde o aluno provém.

Isto porque a escola enquanto instituição apresenta características muito peculiares e como tal, a existência da escola enquanto instituição também deve ser recuperada.

Historicamente, a escola nasceu como sendo um lugar onde era dispensada uma instrução, onde os interessados adquiriam conhecimentos e técnicas que a sociedade não podia transmitir diretamente. A escola era apenas um prolongamento da ação da sociedade num

domínio específico. Entretanto, o lugar de instrução, tornou-se hoje um lugar de educação. Para Charlot (1979), são instituições sociais, que se pensam elas próprias, não como sociais mas como culturais. Conseqüentemente, estão cada dia mais isoladas do mundo do trabalho e as relações sociais que lá ocorrem estão reduzidas a relações escolares. E estas relações ditas "escolares" nos são apresentadas como sendo relações sociais.

Na análise de L.A. Cunha (1980) sobre a escola enquanto instituição em países capitalistas, assim a define:

"... é uma instituição que contribui para a reprodução do trabalhador coletivo... que ensina a disciplina, legitima a divisão hierárquica do trabalho coletivo, ao mesmo tempo em que permite ao trabalho concreto reproduzir-se na sua divisão pela entrada dos trabalhadores individuais no processo de produção... ela (a escola) deve reproduzir o trabalhador como indivíduo socializado, capaz de consumir, votar, submeter-se aos serviços médicos..."

A escola deve ainda ensinar a competir e conseqüentemente orientá-lo para o individualismo.

Temos hoje este quadro da escola enquanto instituição analisada por vários estudiosos. Se a origem da escola foi uma necessidade social, são evidentes os seus desvios e que podem ser

"detectados na medida em que o ensino se dê através de situações em que os conteúdos teóricos impliquem numa prática e numa reflexão sobre ambos, ou seja, os significados e/ou representações são confrontados pela interação dos sujeitos reais (pelos alunos) com o mundo real que os cerca... em outras palavras, é uma

escola crítica onde nenhuma verdade seja absoluta."
(Lane, S., 1981)

Dentro desta perspectiva, dia-a-dia literaturas aparecem. Deixo, entretanto, considerações possíveis de serem tecidas sobre a escola enquanto instituição, em aberto, para que os alunos nos orientem para possíveis conclusões que permitam oferecer subsídios de reflexão para professores, educadores etc., principalmente para a região em que a pesquisa foi realizada¹.

¹ Lajeado, R.S..

IV — METODOLOGIA

1. Procedimentos metodológicos

Os procedimentos serão relatados de forma contínua, desprendendo-se da divisão tradicional deste tipo de relato.

A preocupação primeira girou em torno da escolha do tema e que teve sua definição no último bimestre letivo de 1981. Os determinantes para esta escolha, foram, por um lado, meu trabalho de assessoria como profissional junto a uma escola de 2º grau durante 3 anos, e por outro, o início da tramitação no Congresso Nacional de um anteprojeto que propunha mudanças para a Lei 5.692/71, entre outros aspectos, que pretendia tornar opcional o ensino profissionalizante. Sendo uma problemática da atualidade, estava diretamente ligado a um dos grandes problemas sociais: a relação entre escola e trabalho. E com isso estavam em jogo novas decisões que afetariam diretamente o aluno, para o qual poucos estudiosos voltaram suas preocupações. Sendo assim, optei por analisar o ensino de 2º grau através das representações de seus alunos frente sua realidade escolar e profissional.

Definido o tema, me foi possibilitada a escolha do local para a realização da pesquisa. Optei pela cidade de Lajeado-RS, em primeiro lugar por ser a região de minha origem. Escolhi esta cidade da

região e não outras com características similares, por apresentar o maior número de escolas de 2º grau e conseqüentemente, apresentando condições de representatividade sem implicar em perda de tempo para possíveis locomoções. Também por opção escolhi trabalhar com as 4 instituições de 2º grau em funcionamento na cidade.

A etapa de coleta de dados compreendeu dois momentos distintos: num primeiro momento foi feita a caracterização do local da pesquisa e das instituições; num segundo momento, a entrevista com os alunos da amostra.

Para a caracterização das instituições foram mantidos contatos sistemáticos com professores, técnicos, direção, alunos, funcionários etc. Com os diretores de cada instituição foi realizada uma entrevista, cujo roteiro se encontra em anexo (Anexo 1). Estas foram gravadas e posteriormente transcritas que forneceram os subsídios básicos para esta etapa. Foram realizadas entrevistas também com técnicos, em 2 instituições, para complementação de informações. Houve ainda participação em reuniões com professores e em duas instituições com alunos, como também em promoções extraclasse e assistência a aulas em todos os estabelecimentos e turnos. Além disso foi utilizada uma ficha adicional de informações da escola, conforme Anexo 2.

As características de cada instituição bem como a contextualização do local da pesquisa seguem nos próximos subitens.

Deve ser lembrado que o projeto desta pesquisa previa, ao invés de entrevistas, um questionário contendo questões abertas e fechadas e que deveria ser testado durante o processo de caracterização das escolas. Este teste foi realizado e na sua avaliação decidiu-se pela realização de entrevistas ao invés do questionário. E isto por apresentar um material muito rico para a análise das representações dos alunos. O questionário foi transformado em um roteiro de entrevistas.

ta (Anexo 3) e elaborou-se uma ficha de informações complementares a serem preenchidas pelo aluno (Anexo 4).

Esta primeira fase da pesquisa compreendeu os meses de setembro, outubro e novembro de 1982. Já a segunda fase (a fase de coleta de dados) foi realizada nos meses de março e abril de 1983.

Sendo um estudo que prioriza a análise das representações acerca do ensino de 2º grau, trabalhamos com alunos de 3ªs séries, já no final do curso. Isso porque esses alunos já percorreram a trajetória deste nível de ensino, estando pois em melhores condições de falar sobre ele. Destes sujeitos, ou seja, dentre os alunos da 3ª série do 2º grau, trabalhamos com uma amostra de 10%. Para a seleção da amostra, realizou-se um sorteio aleatório. Para facilitar e garantir uma amostragem por habilitação, turno e sexo, separou-se a lista de nomes por classe e também por sexo. Feito o sorteio, o pesquisador entrou em contato individual com cada aluno, momento em que foi esclarecido o objetivo desta pesquisa, destacando-se na ocasião, ser o aluno um elemento importante para nos fornecer informações. Foi informado também de que as entrevistas seriam gravadas para facilitar o trabalho do pesquisador. A partir de então, marcou-se dia e o horário para a realização das mesmas. Não houve nenhuma desistência. Todos compareceram no horário previamente marcado.

Posteriormente passou-se à transcrição do material gravado. Sendo 335 os alunos das 4 instituições, que freqüentavam a 3ª série no ano letivo de 1983, a amostra foi de 35 sujeitos. Portanto, as 35 entrevistas foram transcritas com o auxílio do roteiro previamente elaborado e foram levantados os grandes temas aglutinadores que iriam nortear as temáticas a serem exploradas. Essas temáticas são enumeradas a seguir e serão devidamente justificadas na discussão dos resultados.

TEMÁTICAS

REPRESENTAÇÕES ACERCA

- 01 — dos motivos da realização dos estudos de 2º grau
- 02 — da expectativa da Unidade Doméstica frente ao estudo dos filhos
- 03 — das expectativas da escola como "Instituição"
- 04 — da escola em que estudam
- 05 — da estrutura de poder da escola
- 06 — da profissão desejada
- 07 — da relação entre escola-profissão-trabalho
- 08 — das diferenças sociais

As falas dos alunos foram classificadas em cada uma destas temáticas (Anexo 5). O critério para a classificação nesta ou naquela temática, foi definido a partir da análise de conteúdo de toda a entrevista.

Posteriormente, e ainda a partir das falas já classificadas em temáticas, foram abertas categorias de análise mais amplas. Tais categorias agrupam as falas mais específicas e expressam as tendências observadas.

A última etapa foi a análise e interpretação dos dados, atribuindo significados às representações dos alunos, porém não perdendo o elo de relações com as instituições de onde provêm seus alunos.

Passaremos agora a caracterizar o local da pesquisa, ou seja — a cidade de Lajeado — e cada uma das instituições, bem como da respectiva amostra.

2. O município de Lajeado no contexto do Estado do Rio Grande do Sul

Geograficamente, LAJEADO está situado na região centro-oeste do estado, às margens do Rio Taquari, considerado um dos vales mais férteis do país.

Pelos dados censitários de 1980, este município conta com uma população de 63.739 habitantes dos quais 31.180 residem em zona rural¹, o que equivale a quase 50% da população.

A economia do município é a agropecuária e o comércio. No meio rural, encontramos uma agricultura familiar em minifúndios e, no meio urbano, um centro comercial bastante aprimorado, que é freqüentado pela população de vários municípios da região.

Outro dado fornecido pelo IBGE refere-se ao índice de crescimento populacional do município que é de 1,12% ao ano². O fenômeno do êxodo rural³, frente a um crescimento populacional inferior à média, poderá ser atribuído ao fato de que é comum a migração da cidade pequena para outros centros maiores, principalmente para a capital. Os migrantes, na sua maioria, são os filhos de famílias de maior poder aquisitivo ou de nível cultural mais elevado.

Quanto às escolas de 2º grau, havia em 1982, quando do início da pesquisa, 6 estabelecimentos de ensino dos quais 2 no meio rural. Pelos dados censitários houve, neste ano letivo, 2.041 alunos matriculados; destes 1.871 nas escolas da cidade. Nos meses de março e abril, durante a última etapa de coleta de dados, houve alterações neste quadro. Duas novas escolas da rede estadual foram implantadas, sendo uma no meio urbano e outra no meio rural.

Outro dado a ser conhecido é o índice da taxa de alfabetização que pelo Censo de 1980 revelou ser 85,15%⁴.

¹ As sedes dos distritos do município são consideradas perímetros urbanos, mas para fim deste estudo não fazemos esta distinção.

² O índice de crescimento médio normal em termos nacionais é de 2,47%.

³ Na amostra de 35 sujeitos, 10 são filhos de minifundiários.

⁴ Considerada a faixa etária dos 7 anos em diante.

Lajeado conta também com uma escola de 3º grau — FATES — Fundação Alto Taquari do Ensino Superior — que oferece cursos de Letras, Ciências Contábeis e Econômicas. Em regime de férias, Pedagogia e Estudos Sociais⁵. Oferece também cursos de especialização a nível de Pós-Graduação, atualmente em Língua Portuguesa e Administração Escolar. Estes últimos são dados em convênio com as Faculdades Integradas de Santa Cruz do Sul.

A descrição destas particularidades mostra que a cidade de Lajeado, embora pouco populosa, é uma cidade que apresenta uma grande mobilidade social. Isto pode ser atribuído principalmente pela facilidade de acesso da região a esta cidade, tanto pelo seu comércio, como pela oferta escolar.

3. As escolas e suas características

Antes de se iniciar qualquer descrição sobre as instituições em questão, será apresentado um quadro geral das mesmas. (Tabela 1)

Na Tabela 1 está definido o código atribuído a cada instituição, o tipo de rede e as suas mantenedoras; o número total de alunos matriculados nos anos letivos de 1982 e 1983, por compreender o período em que a pesquisa foi realizada. Finalmente, o número de classes e o total de alunos concluintes do 2º grau — sujeitos desta pesquisa — por instituição, turno de funcionamento e as respectivas habilitações em que estão distribuídos.

⁵ Esses cursos são oferecidos durante os meses de julho, janeiro e fevereiro, nos mesmos moldes de um curso regular, divergindo por serem intensivos e serem por etapas ao invés de semestrais.

Tendo-se em vista a necessidade de contextualização dos dados de forma mais ampla, a instituição escolar mereceu toda a atenção no que diz respeito à dinâmica que a particulariza. Por esta razão, esta etapa perdurou por três meses, quando foram realizadas as entrevistas com os diretores, alguns técnicos, professores, funcionários e alunos, além da participação em reuniões com alunos, com professores, assistência às aulas e a outras promoções das escolas. E isto se deve à crença de que para aumentar a compreensão do contexto onde as representações sociais foram produzidas o mesmo deve ser conhecido através da observação direta.

TABELA 1

PANORAMA GERAL DAS INSTITUIÇÕES E OS SUJEITOS DA PESQUISA

CÓDIGO DA ESCOLA	REDE MANTENEDORA	HABILITAÇÕES OFERECIDAS NO ANO LETIVO — 1983	NÚMERO TOTAL DE ALUNOS		NÚMERO DE CLASSES DE 3ªs SÉRIES		TOTAL DE ALUNOS DE 3ªs SÉRIES
			1982	1983	DIURNO	NOTURNO	
A	Comunidade Evangélica (Particular)	Auxiliar de Escritório	214	200	01	—	32
		Técnico em Contabilidade	—	—	—	01	19
B	Sócios da Comunidade Local — CNEC (Particular)	Técnico em Secretariado	184	183	—	01	43
C	Congregação Religiosa (Particular)	Magistério	344	318	01	—	39
		Técnico de Enfermagem	—	—	—	01	30
D	Estado	Auxiliar de Laboratório de Análises Químicas	—	—	02	02	72
		Auxiliar Desenhista de Publicidade	1.150	893	01	01	38
		Auxiliar de Escritório	—	—	—	03	82
TOTAL			1.892	1.594	14		355

Será feita a seguir a descrição de características históricas e do funcionamento de cada escola, utilizando sempre o código anteriormente estabelecido.

3.1. Instituição A

Esta escola conta com grande prestígio na comunidade e na região, tendo por tradição a qualidade de ensino que sempre ofereceu a seus alunos.

Antes da implantação da 5.692/71, no período diurno havia o Científico e no noturno o Técnico de Contabilidade. O Científico, passou a ser "Auxiliar de Escritório", não perdendo contudo o caráter propedêutico daquele curso. A lei obrigou a uma terminalidade compulsória a nível médio, o que parece estar sendo "cumprido" apenas quanto à nomenclatura. Os professores continuam os mesmos e, provavelmente, o conteúdo das aulas também. Embora tenha sido feita a afirmação de que o "curso é profissionalizante", na realidade, mantém seu destaque pela preparação ao ingresso no 3º grau. Se isso é um fato, não se pode omitir que o aluno recebe conhecimentos específicos da profissionalização a que se propõe. E isso se fundamenta na própria tradição deste estabelecimento de ensino, de que, mesmo anterior à Lei — no antigo ginásio — além da carga normal era dada uma complementação com disciplinas profissionalizantes: prática de máquinas e técnicas comerciais e escrituração.

No período noturno, permanece o Técnico de Contabilidade que mantém o privilégio de colocar seus alunos no mercado de trabalho, "por que mesmo antes de concluírem o curso, nossos alunos são procura

dos pelas firmas ou empresas da região"⁶.

Pela implantação da Lei 5.692/71 não houve maiores transtornos em seus ajustes e, em face do novo projeto⁷, não há previsões de mudanças estruturais. Uma mudança na legislação, no caso de tornar optativa a profissionalização, em nada vai alterar a curto prazo os atuais cursos.

Quanto aos conteúdos dados nas diferentes disciplinas, houve alguns ajustes quanto à distribuição da carga horária, em função do currículo mínimo exigido pela legislação, mas as diretrizes gerais são aquelas ministradas antes da Lei 5.692/71.

Este estabelecimento de ensino contou com uma mesma direção durante 30 anos, sendo substituída em 1982. Sempre foi conhecida como uma escola muito rígida e disciplinadora, mas que, através de todos esses anos, manteve-se em destaque pela qualidade do ensino oferecido.

Sem perder esta tradição de prestígio pelo ensino oferecido, está sendo movido todo um processo de atualização de estatutos, sistema de representação de professores, alunos e da comunidade, com o objetivo de torná-la uma escola realmente comunitária pela participação de todos os segmentos envolvidos. Em termos de exigências disciplinares, direitos e deveres dos alunos, professores e demais funcionários, estes, segundo a direção, estão colocados de forma muito clara e como tal, devem ser cumpridos. Mas que isso não seja apenas uma disciplina pela disciplina: devem ser entendidos não só os deveres como também os direitos dentro de um contexto educativo. Enfim, a crença é de que a disciplina ainda é a base. O relacionamento do professor e aluno está sendo trabalhado porque se a disciplina é fundamental, au-

⁶ Retirado da entrevista feita em gravação com a Direção da escola.

⁷ A Lei 7.044/82 que na época da entrevista estava em tramitação no Congresso Nacional.

tomaticamente coloca o professor em condições de maior autoritarismo, e aí se perde muito do relacionamento mais global em termos educacionais. A grande questão desta escola gira em torno de uma estrutura que foi e continua sendo rígida. Entretanto há uma consciência clara do fato, bem como do perigo que possa causar qualquer imprudência e levar ao extremo oposto, o que foge às propostas da rede das Escolas Evangélicas.

Para a avaliação dos alunos, é utilizada a prova tradicional em classe. São 6 notas mensais com peso 6 e o exame final com peso 4, sendo feita a média aritmética. E o aluno que não conseguir média 5,0 entra em recuperação e o aluno que não alcança esta média é reprovado. A direção considera a questão da avaliação algo muito complexo, porque para alguns professores a avaliação é considerada como sinônimo de reprovação via testes de conhecimentos e não como um processo de ajuda ao aluno e a ele próprio.

Quanto à presença de técnicos na escola, há o Coordenador Pedagógico, que acumula o cargo de vice-diretor. Mas na realidade ele apenas ocupa a função de professor pela grande carga de aulas que ministra. Há preocupação para que a função de Coordenador Pedagógico seja dinamizada porque é vista como uma necessidade, como uma "forma de garantir a unidade de ação dentro da escola em todos os seus setores"⁸.

Quanto à questão do livro didático, há liberdade por parte do professor em adotar ou não um livro e em escolher o mesmo. O que não é permitido é fazer do livro didático o programa do curso. Que ele sirva apenas de instrumento de apoio ao aluno para estudar e fazer exercícios em casa.

⁸ Entrevista da direção.

A qualificação mínima exigida do professor para lecionar no 2º grau é a licenciatura plena, havendo, entretanto, exceções para alguns professores antigos e que são considerados pela comunidade como muito eficientes. A escola conta com 10 professores em dedicação exclusiva e 9 em dedicação parcial para este nível de ensino.

3.2. Instituição B

É uma escola comunitária da "Campanha Nacional de Escolas da Comunidade" cuja mantenedora é a comunidade local de Lajeado, que constitui também sua diretoria, eleita entre os sócios. Os sócios são os pais dos alunos e os alunos maiores de 18 anos. A participação dos pais é intensa, no que diz respeito ao 1º grau; quanto ao 2º grau, que funciona em período noturno, tem a maioria de seus alunos trabalhando e, também, muitos de outras localidades, ela é menos intensa.

A escola não conta com técnicos no momento, embora tenha havido, em anos anteriores, coordenação pedagógica. Atualmente, há intenção de se contratar uma orientadora educacional que, no momento, leciona no colégio, tem grande aceitação junto aos alunos e que, em intervalos, faz este tipo de trabalho por procura dos próprios alunos. Isso mostrou a necessidade, transformando-se em interesse da escola.

Os conteúdos das diferentes disciplinas, que fazem parte da formação geral, são baseados nas provas de vestibular da faculdade local, cujas provas são fornecidas pela administração da faculdade. Quanto ao conteúdo das disciplinas da parte profissionalizante, foram elaborados pelos próprios professores e são atualizados com base no livro didático.

Os livros didáticos são escolhidos pelos próprios professores, mas estes recebem orientação da direção para seguirem aqueles utilizados pelas outras escolas, com a intenção de não criar problemas no caso de ocorrer transferências de alunos.

A avaliação feita pela escola consta de 6 notas no decorrer do ano. Todos fazem o exame final e o aluno que não atingir média 5 entra em recuperação, da qual dependerá sua aprovação ou recuperação.

A formação acadêmica mínima exigida para lecionar no 2º grau é licenciatura plena, mas por falta de docentes com esta qualificação nas disciplinas profissionalizantes, estas são dadas por pessoas sem este requisito. A escola conta apenas com 16 professores em dedicação parcial. A direção reconhece que paga pouco a seus professores e isso acarreta mudanças freqüentes em seu corpo docente. Os principais problemas deste estabelecimento são os de ordem financeira por ser uma escola comunitária e que atende a clientela de baixa renda.

Antes da Lei 5.692/71 havia apenas o primário e o ginásio. Somente em 1975 foi iniciado o Técnico de Secretariado; em 1977, o curso Técnico de Leite e Derivados, o qual foi extinto em 1982. Na opinião da direção, a escola deveria estar melhor equipada para oferecer as condições mínimas de prática profissional. A direção diz que "esta lei é maravilhosa, mas veio de repente, de cima para baixo, sem pessoal humano preparado, a escola desequipada e aí o fracasso". Ainda por informação da direção, normalmente seus alunos negam que visam o vestibular, mas, na realidade, ao concluírem o 2º grau, todos tentam vestibular.

No caso particular desta escola, foram implantados cursos a nível técnico e isso obriga a escola a uma carga maior de matérias da parte específica profissionalizante. Isso foi considerado um erro que

ocorreu por falta de informações. Teria sido mais vantajoso para o interesse de seus alunos habilitações parciais, o que possibilitaria uma carga maior em disciplinas que preparam para o vestibular. Para a direção, significa um impasse frente ao novo projeto em tramitação; aguarda informações para mudar, adequando-se então à nova legislação.

3.3. Escola C

A mantenedora é a própria congregação religiosa que também dirige este estabelecimento de ensino. A escola conta com serviço de Orientação Educacional, Coordenação Pedagógica, Coordenação Religiosa e Administração Escolar. A Diretora acumula o cargo de Administradora.

A Coordenadora Pedagógica não é habilitada para a função, mas vem desenvolvendo esta atividade durante muitos anos. A Coordenadora do Ensino Religioso está na escola durante 2 dias semanais, o mesmo acontecendo com a Orientadora Educacional que está na escola durante três períodos. Esta última é leiga, as outras pertencem à congregação religiosa.

O maior problema enfrentado por esta escola é a pouca idade dos alunos ao ingressarem no 2º grau e que não possuem condições pessoais de optar por profissionalização. E isso se fundamenta no fato de alunos, cursando Magistério e Enfermagem, serem encaminhados pelo serviço de orientação educacional para outras instituições, em função da profissão desejada ou para a mais próxima do interesse do aluno.

No relacionamento professor e aluno são encontrados com frequência problemas, mas, geralmente, girando em torno das disciplinas e dos respectivos conteúdos. Isto porque alguns alunos se sentem satisfeitos, outros pleiteiam mais cultura geral, porque pensam em ves-

tibular e ainda há os que discordam da existência das disciplinas de física, química, matemática e outras, porque nada têm a ver com a profissão. A direção considera os alunos bastante críticos e que não se sentem constrangidos ou retraídos em chamar a direção para a sala de aula, caso o professor não esteja dando a aula conforme eles esperam.

O conteúdo mínimo dado nas diferentes disciplinas foi elaborado pela própria escola, o qual é sempre revisado e atualizado. Sobre este conteúdo é que o professor elabora seu programa de curso.

Os livros didáticos são escolhidos a critério do próprio professor, mas alguns optam por polígrafos elaborados por eles mesmos.

Quanto a direitos e deveres para o professor é a própria lei trabalhista — o regime da CLT — que regulamenta. Para o aluno, os direitos e deveres estão impressos na agenda escolar, que é vendida no início do ano letivo a todos os alunos.

Em traços gerais são:

— Direitos:

- de participar de todas as aulas;
- de serem atendidos e respeitados em suas individualidades.

— Deveres:

- se integrar na filosofia da escola que é desenvolver o homem integral não só no aspecto sociológico, psicológico, mas também religioso porque, se não temos Deus dentro de nós, de nada adiantam os conteúdos⁹.

A escola conta com 18 professores em dedicação integral e 28 em dedicação parcial para este nível de ensino.

⁹ Fala da direção

A formação acadêmica exigida é a licenciatura plena, havendo exceção para a parte específica do curso de Enfermagem por não haver enfermeiros licenciados.

3.4. Escola D

A rede mantenedora é o Estado. O número de técnicos presentes nesta escola soma 8 profissionais. Dentre estes, 4 são pedagogos, 3 orientadores educacionais e 1 supervisor educacional, além de 3 vice-diretores. Atendem também ao 1º grau. Há aproximadamente 200 professores e, como definiu uma orientadora educacional: "Há muito cacique nesta aldeia".

A implantação da 5.692/71 foi feita, segundo informações, sem nenhuma preparação anterior e sem gradatividade a exemplo do 1º grau.

Além disso, sem recursos humanos e sem recursos físicos que atendessem a qualquer tipo de habilitação. A orientação que receberam na época foi de implantar uma habilitação plena e outra parcial correspondente. E as habilitações implantadas foram: Técnico em Estatística e Técnico Redator Auxiliar. Como parcial, implantou-se apenas Auxiliar de Desenhista de Publicidade que permanece até hoje. Todas as habilitações plenas foram retiradas gradativamente ao perceberem que não se preparavam nem para a profissão e nem para o vestibular e, como solução, foram implantadas habilitações parciais que permitem, pela grade curricular, uma carga maior de matérias preparatórias ao vestibular. Esta mudança foi feita para atender melhor o que os alunos estão buscando que é o ingresso no 3º grau. Além da habilitação parcial já existente, implantou-se o Auxiliar de Escritório pois, pelo levanta

mento feito na região, constatou-se que, no setor terciário, há mais mercado de trabalho. Implantou-se o Auxiliar de Laboratório de Análises Químicas, porque estava sendo iniciado o projeto do Pólo Petroquímico, fazendo-se, então, um trabalho prospectivo de mercado de trabalho e de preparação ao vestibular. E as três habilitações parciais estão correspondendo hoje àquilo que a escola se propôs a atingir: uma área artística, uma científica e outra comercial.

A profissionalização compulsória a nível médio, do ponto de vista da direção desta escola, é "um período de escolarização sem identidade". Não se sabe o que e para que se está formando e o mesmo ocorre com o aluno, que desconhece as próprias razões porque está fazendo esta e não aquela habilitação. E a razão seria a falta de perfil deste nível de ensino. A idéia de tornar a profissionalização opcional é vista como uma possibilidade de resolver em parte o problema.

Quanto aos conteúdos desenvolvidos nas diferentes disciplinas, houve uma tentativa, em nível de região — através da Delegacia Regional de Educação — de estabelecer conteúdos mínimos a serem seguidos pelos professores. Houve a realização de várias reuniões com professores representantes de muitas escolas, inclusive da rede particular. Os resultados foram muito bons, mas não se voltou mais a rever o que seria uma necessidade. Mas é sobre estes conteúdos mínimos que os professores estão elaborando seus programas de curso. Há na escola uma orientação para que os professores que lecionam a mesma disciplina façam um programa em comum.

Para a escolha do livro didático é seguida a orientação da Secretaria de Educação do Estado que recomenda que sejam mantidos os mesmos livros por vários anos para evitarem-se gastos desnecessários na compra destes. Entretanto, muitos professores preferem não adotar livros.

O sistema adotado para avaliar os alunos, a partir do ano le

tivo de 1982, passou a ser bimestral. Fazem exame final os alunos que não atingirem média 7. Mas as avaliações bimestrais são sempre cumulativas, para que, o aluno que atingir a média que o dispensa do exame final, tenha garantida a revisão, que é aprendizagem. O relacionamento do professor com o aluno é variado: ótimo, muito bom, regular, péssimo. Este último caso é minoria, mas a situação é resolvida explicando-se ao aluno que este professor não tem mais condições de mudar, solicitando-lhe então compreensão e docilidade. Não há um trabalho efetivo realizado pelos técnicos com os alunos e professores, no sentido de realizar um trabalho integrado entre orientação educacional e pedagógica, e isto é justificado "porque há muitas coisas a nível burocrático a serem feitas". Mas a verdade é a presença de desentendimentos entre os técnicos e, com isso, muito trabalho é sacrificado.

Apesar de ser uma escola considerada liberal, na verdade, isso parece acontecer apenas no sentido de o aluno assistir ou não às aulas, de poder entrar e sair da escola em qualquer horário. Para a participação em decisões, está presente apenas o representante de turma em conselhos de classe onde o aluno não tem a liberdade de falar pela sua classe. E isso porque, antes de haver este conselho, o professor conselheiro é obrigado a verificar qual o material a ser apresentado pelos alunos. Esta situação ficou clara pela participação do pesquisador da reunião de professores sobre o assunto, depois dos alunos representantes das classes que dela participariam.

Sobre a formação acadêmica mínima exigida, como nas outras instituições, é a licenciatura plena com as exceções para os professores de física, química e outros da área profissionalizante. Entretanto, há professores, em sua maioria, com cursos de especialização e até mestrado. A escola conta com 60 professores em período integral e 97 em regime de tempo parcial. O sistema de contratação pelo Estado do

Rio Grande do Sul merece um esclarecimento.

Os professores são contratados e efetivados em regimes de tempo integral ou parcial. Os regimes parciais podem ser de 12 horas e 22 horas e integral de 32 horas e 44 horas. Os salários são pagos pelo regime de efetivação e não pelas horas/aulas dadas como ocorre no estado de São Paulo. Dentro do período de contratação não há limites estabelecidos quanto ao número mínimo de aulas a serem dadas. Porém ocorrem diferenças entre instituições da rede por regulamento interno: 1º) onde o professor ocupa do tempo livre para preparar suas aulas; 2º) onde o professor completa sua carga horária realizando trabalhos inerentes à escola. Em ambos os casos, o horário deve ser cumprido integralmente dentro da escola.

Em suma, esta escola conta com um grande número de técnicos, assessores e também professores. Com todos estes recursos humanos, até o momento, está fazendo freqüentes mudanças para ajustar a Lei 5.692/71 à realidade de seus alunos. Estes ajustes — que se fizeram ao longo de uma década — mostram a inviabilidade de atender as necessidades dos alunos sem uso de artifícios. E isso retrata mais uma vez o seu fracasso. E para concluir fazemos uso do que nos disse a direção: "É um período de escolarização sem identidade".

4. Características dos sujeitos da pesquisa

O universo desta pesquisa corresponde a 355 alunos concluintes da última série do 2º grau. A amostra deste estudo é de 35 alunos que representa 10% do universo.

As características desta amostra seguem na tabela:

TABELA 2
CARACTERÍSTICAS DA AMOSTRA

SEXO		PERÍODO		TRABALHO		REDE		PROCEDÊNCIA	
FEM.	MAS.	DIURNO	NOT.	SIM	NÃO	PART.	EST.	RURAL	URBANO
24	11	12	23	26	09	16	19	10	25

O que diz respeito aos alunos que trabalham e aqueles que não o fazem, merece nossa atenção. São 26 alunos que possuem ocupações profissionais, o que representa 74,30% da amostra. Seguem abaixo na tabela, as condições de trabalho destes alunos, discriminando-se o sexo, rede de ensino e também o período em que estudam:

TABELA 3
CARACTERÍSTICAS E CONDIÇÕES DE TRABALHO

CONDICÕES DE TRABALHO	SEXO		TURNO		REDE	
	MAS.	FEM.	DIURNO	NOT.	PART.	EST.
TRABALHAM NA PROPRIEDADE DA UNIDADE DOMÉSTICA						
Lavoura	02	—	—	02	—	02
Setor Comercial	02	03	02	03	04	01
ASSALARIADOS SUBALTERNOS						
Setor Industrial	02	—	—	02	—	02
Setor Comercial	03	10	01	12	06	07
Saúde	—	01	—	01	01	—
Doméstica	—	01	—	01	—	01
OUTROS						
Serviços da casa	—	01	01	—	—	01
Cobranças (por conta própria)	—	01	—	01	—	01
TOTAL	09	17	04	22	11	15

Como vimos acima, 74,30% dos alunos da nossa amostra exercem atividades profissionais, ou seja, 26 alunos os quais estão distribuídos na tabela acima. É importante prestar atenção para o fato de que apenas 4 dos 12 alunos que estudam no período diurno trabalham. No noturno, a situação é bem diferente; 22 dentre os 23 alunos trabalham, o que significa que apenas um aluno não desenvolve atividade profissional. Mas ao retomar a entrevista deste aluno, constatamos que o mesmo procura emprego.

Portanto, este quadro mostra mais uma vez o que tem sido já consenso entre estudiosos de que os alunos que estudam no período noturno exercem uma atividade profissional e se não o fazem o objetivo é sua inserção no mercado de trabalho.

O setor do comércio é o que absorve o maior número de alunos, ou seja 18 alunos dentre os 26 que trabalham. E isto ocorre tanto em relação aos alunos que trabalham na propriedade de seus pais como também para os assalariados.

Dos alunos assalariados, a exceção é de uma aluna que trabalha 22 horas semanais; os outros se ocupam de 48 a 49:50 horas semanais na atividade que desenvolvem. Este dado é importante na medida em que o número de horas de trabalho vem comprometer o rendimento escolar do aluno. Para estes alunos, isto é verdadeiro na medida em que uns apontaram para o grande número de horas de trabalho como responsável pelo pouco rendimento na escola. Para outros, dentre estes, acrescentaram o fato de que o pouco tempo os impede de uma alimentação adequada.

Em relação aos alunos que trabalham com seus pais, seja no comércio ou na agricultura, ou mesmo nos trabalhos de casa, estes problemas não ocorrem uma vez que dispõem do tempo necessário para estudo, alimentação e sono.

A procedência dos alunos também mereceu uma atenção maior por dois motivos: 1º) que 28,57% dos alunos são de procedência rural; 2º) que durante o estudo de caracterização das escolas constatou-se que muitos alunos vêm de outras cidades. Para esclarecer a procedência do aluno, foi feita a tabela que segue:

TABELA 4

LOCAL DE PROCEDÊNCIA DOS ALUNOS

CÓDIGO DAS ESCOLAS	ORIGEM DA UNIDADE DOMÉSTICA					
	REGIÃO RURAL		OUTRAS CIDADES		CIDADE DE LAJEADO	
	DIURNO	NOTURNO	DIURNO	NOTURNO	DIURNO	NOTURNO
A	—	—	01	—	02	02
B	—	01	—	01	—	02
C	01	01	03	—	01	01
D	—	07	01	01	04	06
TOTAL	10		07		18	

A tabela foi feita distribuindo-se a amostra por período que estudam e pelas respectivas instituições. O primeiro dado a ser constatado é que apenas 18 alunos, que representam 51,42% dos alunos, são de famílias da cidade de Lajeado. Este dado deve ser reportado ao fenômeno migratório já comentado na caracterização das instituições de que há uma saída significativa desta cidade para outros centros maiores.

Em relação à distribuição pelas diferentes instituições não se observa uma concentração diferenciada de alunos. Apenas os alunos de procedência rural não freqüentam a Escola A, em nenhum dos períodos. Para tal fato, a explicação que pode ser dada, é ser este estabe

lecimento de ensino freqüentado pelas camadas sociais de maior prestígio social.

A renda da unidade doméstica da qual procede o aluno vem apresentada na tabela abaixo:

TABELA 5
RENDA DA UNIDADE DOMÉSTICA DO ALUNO

CÓDIGO DAS ESCOLAS RENDA FAMILIAR	A	B	C	D	TOTAL
Menos de 3 salários	—	—	1	—	01
3 até 5 salários	—	—	1	02	03
5 até 10 salários	01	—	—	08	09
10 até 15 salários	01	01	04	04	10
15 até 20 salários	—	01	—	01	02
20 até 30 salários	01	01	01	01	04
Acima de 30 salários	02	01	—	03	06

Esta tabela foi elaborada com base na ficha do aluno¹¹, que foi preenchida individualmente com a ajuda do pesquisador. A renda foi calculada em salários mínimos vigentes na época da pesquisa¹² fixado em Cr\$ 23.578,00. Na escala salarial acima está situada a renda da unidade doméstica do aluno e a respectiva instituição em que o aluno freqüenta.

Temos apenas um aluno com a renda inferior a 3 salários. A família recebe Cr\$ 61.000,00 mensais. A aluna vem de outro local e reside com uma família da cidade sem vínculo empregatício e recebe seus estudos pagos em escola particular. A renda de maior incidência se

¹¹ Na etapa de coleta de dados o aluno preencheu uma ficha informativa.

¹² Todos os alunos preencheram a ficha durante o mês de abril que garantiu o mesmo salário-base.

concentra em torno de 10 a 15 salários. Os alunos de maior poder aquisitivo se distribuem igualmente entre os vários estabelecimentos, não havendo discriminação de rede particular ou estadual. Portanto, o poder aquisitivo da unidade doméstica não está determinando a escola em que os alunos estudam e o fato de ter apontado a Escola A como aquela que detém os alunos de maior prestígio social não pode ser confirmado, porém é possível que sua tradição iniba a entrada de pessoas que não tenham destaque na sociedade, embora se situem em boas condições econômicas.

Na tabela a seguir o perfil da idade dos alunos e nela podemos verificar que a faixa etária de maior incidência é de 17 anos. Numa retomada aos dados da fonte, são os alunos, que trabalham que apresentam maior idade e são aqueles que freqüentam as Escolas B, C e D. Este dado está coerente com a afirmação da Instituição A de que seus alunos ingressam no 2º grau com pouca idade.

TABELA 6
FAIXA ETÁRIA DOS ALUNOS

FAIXA ETÁRIA DOS ALUNOS \ CÓDIGO DAS ESCOLAS	A	B	C	D	TOTAL
16 anos	02	—	01	02	05
17 anos	02	01	03	06	12
18 anos	01	01	—	02	04
19 anos	—	—	01	04	05
20 anos	—	01	—	01	02
Acima de 20 anos	—	01	02	04	07

Outro dado que caracteriza esta amostra diz respeito ao nível de escolarização dos pais. A tabela que vem a seguir, mostra que todos os pais dos alunos são alfabetizados, embora grande número de

pais seja de procedência rural; outros lá residem.

TABELA 7

NÍVEL DE INSTRUÇÃO DOS PAIS

NÍVEL DE INSTRUÇÃO DOS PAIS \ CÓDIGO DAS ESCOLAS	A	B	C	D	TOTAL
Primário incompleto	01	—	02	01	04
Primário completo	03	07	11	28	49
Ginásio	02	—	—	05	07
Colegial ou equivalente	03	—	01	04	08
3º Grau ou mais	01	01	—	—	02

O nível de instrução de maior incidência nos pais é o primário, sendo que apenas 4 não chegaram a completar esta escolaridade.

Apenas 2 pais de alunos possuem o 3º grau, sendo que em um dos casos o pai é médico, e o outro possui licenciatura plena.

É interessante observar a ausência de filhos de engenheiros, advogados, professores que em cuja maioria possuem cursos de pós-graduação, de delegados, juízes de direito, de professores da faculdade local e também do grande número de médicos que trabalham na cidade.

Antes de finalizar a caracterização dos sujeitos desta amostra, queremos esclarecer que a nossa intenção foi contextualizar as informações obtidas através das fichas de informações e das entrevistas. Com isso, pretendemos oferecer informações das principais características que definem as condições da realidade social destes alunos.

Passaremos em seguida para a análise dos dados obtidos.

V — OS DADOS

Levando-se em consideração as características locais e principalmente as particularidades que cada uma das 4 instituições desta pesquisa apresentam, a discussão será feita em dois níveis: primeiro, uma descrição geral de cada temática pelas suas categorias, e segundo, procurar diferenças ou semelhanças entre os sujeitos de cada escola, para verificar se a instituição em que o aluno está inserido afeta suas representações.

1. Motivos da realização dos estudos de 2º grau

Consideramos de suma importância conhecer os motivos que levaram estes alunos a fazer seus estudos de 2º grau. Saber porque estão cursando este nível de ensino em condições diferenciadas. Este é o nosso ponto de partida para compreendermos os itens subseqüentes.

Veja-se a tabela que segue:

TABELA 8

MOTIVOS DA REALIZAÇÃO DOS ESTUDOS DE 2º GRAU

Nº	CATEGORIAS	F	%	INSTITUIÇÕES			
				A	B	C	D
1	Valorização do conhecimento do estudo	15	30,80	2	2	2	9
2	Visa continuidade de estudos — 3º grau	15	30,80	3	2	3	7
3	Profissionalização a nível técnico	9	18,80	2	—	3	4
4	Visa emprego melhor	7	14,80	—	1	2	4
5	Insuficiência do 1º grau	2	4,80	—	—	—	2
TOTAL		48	100	7	5	10	26

Os motivos expressos nas falas dos alunos para a realização dos estudos de 2º grau é a busca do 3º grau, para aproximadamente 30%. Na mesma percentagem aparece a valorização do estudo e do conhecimento, porém em dois níveis. O primeiro seria uma necessidade social mais genérica e a outra dimensão, uma imposição da sociedade urbana ao filho do minifundiário em busca de um trabalho "menos sacrificado". Dos motivos representados, menos de 20% visam a profissionalização a nível médio, ou seja, uma qualificação profissional já neste nível de ensino, não descartando porém o ingresso a médio ou a longo prazo no 3º grau. Em menor escala, há os que visam uma melhor colocação profissional em relação a que estão exercendo atualmente. Finalmente — aproximadamente 15% — estão no 2º grau porque o 1º grau se tornou insuficiente para concretizar suas aspirações.

Pela tabela acima, pode ser verificado que há uma distribuição quase que equitativa entre as instituições quanto aos motivos apresentados pelos alunos. Assim, as representações que os alunos fazem quanto aos motivos de seu ingresso no 2º grau se igualam, independente da escola ou mesmo habilitações que cursam. Com isso, podemos

dizer que tais representações têm sua origem no grupo social do aluno e não na escola; contudo não podemos omitir que esta última esteja reforçando tais motivos.

Isto significa que a comunidade de Lajeado e/ou região de onde procedem os alunos, atribui grande valor ao 3º grau. Para uma maioria o 3º grau é uma seqüência normal dentro do processo de escolarização e para outros, um investimento muito particular, representando uma verdadeira conquista: vencer apesar dos obstáculos. E isto é bem verdadeiro se considerarmos o filho do agricultor que por este caminho procura sua ascensão profissional e social. Por outro lado, independente de prosseguir ou não os estudos, o "saber" em si mesmo é importante. Compreendemos melhor quando ouvimos: "mesmo na lavoura é preciso ter estudo" ou "eu procurei estudar para não ficar por baixo, porque tem muita gente que não dá valor para quem não tem estudo". O primeiro caso é um aluno que trabalha na lavoura e está buscando a medicina. Já o segundo, trata-se de uma aluna que trabalha em local de destaque, mas o diploma do 3º grau, embora continue na mesma atividade, a coloca em lugar de prestígio diante de seus colegas de trabalho e também "desta gente que não dá valor para quem não estuda".

Podemos notar o quanto significa um diploma. Simboliza o intelectual, o bem informado. É o reflexo evidente da ideologia de ser intelectual representado pelo diploma, em detrimento do braçal evidenciado pela falta de estudo.

Podemos concluir dizendo que os motivos representados pelos alunos, mostram que este grupo social está comprometido com as camadas dominantes da nossa sociedade. Isto porque o estudo não traz um motivo que visa suprir uma necessidade, mas importando-se antes de tudo com a imposição de valores impostos por grupos dominantes. Portanto, as representações dos alunos, dos motivos que os levaram a cursar

o 2º grau, evidenciam que a busca deste grau de ensino visa mais um compromisso "social" do que a realização das próprias necessidades.

2. Expectativas da escola como instituição

Quando o aluno nos fala daquilo que espera de sua escola como instituição, ele está nos fornecendo subsídios que permitem delinear um perfil da escola que lhe convém, da escola que corresponde às suas necessidades. Buscamos pois, na análise desta temática, traçar uma escola produzida e representada por seus alunos.

Segue a tabela com as categorias desta temática:

TABELA 9
EXPECTATIVAS DA ESCOLA COMO INSTITUIÇÃO

Nº	CATEGORIAS	F	Z	INSTITUIÇÕES			
				A	B	C	D
1	Fonte de informação e conhecimento, com pletando a educação da família	33	38,40	3	3	5	22
2	Ter melhor nível de ensino, ser mais prática e menos teórica, bons professores	11	12,70	3	2	1	5
3	Deveria profissionalizar realmente e ter os recursos suficientes para as habilitações que se propõe	10	12,50	2	1	—	7
4	Tornar a escola um lugar mais agradável, sair dos padrões que a colocou longe da realidade, melhorar e atualizar os currículos	8	9,30	—	3	—	5
5	Tomar consciência de que a escola existe em função do aluno; formar pessoas e não máquinas (Ex. voltar a Filosofia e a Sociologia)	8	9,30	1	1	2	4
6	Ter mais respeito, disciplina, regras, segurança e organização	8	9,30	3	—	—	5
7	Conciliar a formação com a informação	6	7,00	2	—	—	4
8	Concessões com o aluno que estuda e trabalha	2	2,50	—	—	—	2
TOTAL		86	100	14	10	8	54

Pelas representações, existe na consciência dos alunos (35%, aproximadamente) — de acordo com as opiniões manifestadas através de suas falas sobre a escola enquanto "instituição" — que escola é fonte de informações, conhecimentos e que complementa a educação dada pela família. A escola é quem dá diploma e profissão. Com isso, pelas suas representações, os alunos estão nos dizendo que o veredito escolar é que põe a pessoa como "alguém" na sociedade. Sem este processo de escolarização, a pessoa está fadada ao anonimato.

Mas para muitos isto não basta. A escola deve oferecer melhor ensino. Ser mais prática e menos teórica. Ter bons professores, que consigam conciliar a formação com a informação. Formação para o aluno são conhecimentos acadêmicos e se a escola se "restringe a isso, embora necessários, bitolam". É necessário "discussões sobre problemas de nossa realidade" o que seria a informação. Assim vemos que, embora o aluno se sinta obrigado a titulações, ele já pensa em uma escola mais crítica, mais próxima da realidade e não uma escola puramente abstrata.

Neste mesmo raciocínio, há os que vêem a necessidade da "escola sair dos padrões atuais". Ela está distante da realidade e também das necessidades dos seus alunos. Em suas representações, propõem como solução uma revisão dos currículos atuais. A escola deve ser um lugar agradável "onde o aluno vem porque gosta e não porque é obrigado". A instituição escolar burocratizou-se a tal ponto, que os alunos vêem a necessidade dos professores tomarem consciência de que a escola existe em função dos alunos "porque muitos professores esqueceram que sem alunos não há escola". E isso está concorrendo para "formar máquinas e não pessoas humanas que pensam", que necessitam conhecer a realidade onde vivem. E a "volta da sociologia, filosofia" são indispensáveis. Nesta postura, encontramos aproximadamente 40% nas fa-

las expressas pelos alunos da amostra.

Entretanto, aproximadamente 10% dos alunos entendem que em uma boa escola deve haver atitudes de maior respeito, mais disciplina. Daí, pela representação destes alunos, a importância de regulamentos que assegurem segurança e organização dentro de um estabelecimento escolar.

No aspecto da profissionalização a nível médio, 8% propõem que a escola profissionalize realmente e que para isso é fundamental que ela tenha os recursos suficientes para fazer o que se propõe. Já quase 5% sugerem cursos não profissionalizantes para alunos cujo interesse é o 3º grau.

Novamente encontramos um equilíbrio quanto à distribuição das "falas" pelas instituições. Merecem consideração somente as escolas A e C. Isto pelo fato da primeira manter um regime de disciplina rígido e a outra, por ser um tanto liberal. Com isso, estes poucos alunos que produziram estas representações, crêem em uma escola que mantém o autoritarismo.

Entretanto, a maioria quer uma escola que informe, na qual a prática prevaleça sobre as disciplinas teóricas e abstratas. Uma escola que atenda às necessidades e esteja em sintonia com a realidade de cada um. Que a escola seja agradável onde o aluno vem porque gosta. E isto nos reporta às origens da escola. Como vimos, ela nasceu para ensinar coisas que a sociedade não podia ensinar. Hoje, pelas representações dos alunos desta pesquisa, as peças mais importantes são a burocracia e os professores. Ela é um meio de vida, que sem dúvida relega aos últimos escalões os seus alunos, além de prepará-los para uma submissão às elites detentoras do poder. É significativo que já nas representações dos alunos há manifestação de uma consciência de que é preciso tornar a escola um lugar onde o aluno aprenda a pensar

e a refletir. Enfim, uma escola "crítica, onde nenhuma verdade seja absoluta" (Lane, 1981). Com isso, podemos perceber que na maioria dos alunos há um repúdio à escola como instituição tal como hoje ela está configurada.

3. Expectativas da unidade doméstica frente ao estudo dos filhos

De uma forma genérica, sabemos que os filhos assimilam os valores de seus pais. Por isso é importante, neste estudo, conhecer o que a unidade familiar tem planejado para o futuro destes alunos. Neste sentido é possível que os valores se igualem.

Segue a tabela com as categorias:

TABELA 10

EXPECTATIVAS DA UNIDADE DOMÉSTICA FRENTE AO ESTUDO DOS FILHOS

Nº	CATEGORIAS	F	%	INSTITUIÇÕES			
				A	B	C	D
1	Como uma forma de buscar o 3º grau que dá uma profissão mais rendosa, prestígio e status social	23	37,00	4	2	2	15
2	Ascensão profissional gradativa através do estudo e/ou do estudo e trabalho simultâneos	16	25,80	1	2	4	9
3	Valorização do estudo como conhecimento instituído na sociedade — uma herança cultural que fornece as habilidades básicas até para se expressar	14	22,80	2	3	3	6
4	Qualificação profissional a nível médio	9	14,40	2	2	—	5
TOTAL		62	100	9	9	9	35

Pelas representações dos filhos, na unidade doméstica desta amostra, há uma valorização do 3º grau, o qual possibilita a seus filhos uma profissão mais rendosa, status, prestígio profissional e social. Nesta mesma crença, a ascensão profissional se dá "começando por baixo", galgando gradativamente melhores postos na empresa via estudo, embora 25% dos casos deva conciliar estudo e trabalho. Nesta mesma perspectiva vamos encontrar uma valorização do estudo como conhecimento "uma herança cultural que ninguém conseguirá roubar" e que é dada pela escola. Diante do fato de muitos pais não terem mais que o antigo curso primário, o que os privam de melhores condições no meio urbano por sentirem dificuldades "em até no se expressar", a escola é vista como quem dá todas estas habilidades básicas de ler, escrever e ascender culturalmente. Como podemos notar, o "falar bem" é importante para não permanecer no anonimato, que é um valor imposto pela classe dominante e absorvido por este grupo social. Neste panorama estão as representações feitas por aproximadamente 85% dos alunos desta amostra.

Aproximadamente 10% dos pais consideram a qualificação profissional a nível médio como suficiente para seus filhos. E há quem considere o tempo de trabalho urbano industrial um benefício para seus filhos frente às condições do trabalho rural. Embora apenas 5% abordem explicitamente este aspecto, deve-se levar em conta o número significativo de filhos de minifundiários presentes nesta amostra.

Como era de se esperar, as instituições não estão afetando as representações dos alunos, que foram reproduzidas em sua unidade doméstica, havendo uma aproximação com as representações feitas sobre os motivos da realização do 2º grau. São, portanto, em ambos os casos

representações que possuem sua origem dentro do próprio grupo social donde provêm os alunos.

Encontramos novamente o 3º grau como uma escalada normal e portanto, desejada pelos pais. Embora para alguns dos pais isto signifique um gasto superior às suas posses, não impede que o filho fique privado de um curso superior. Um sacrifício duplo: pais arcando com uma despesa impossível e o filho, por outro lado, conciliando estudo e trabalho.

Como vimos na tabela anterior, são poucos os pais que consideram a profissionalização a nível médio como suficiente para seus filhos. Pelas representações feitas, isto significa que os pais ainda acreditam que seu filho está sendo profissionalizado. Que a escola está sendo suficiente para as necessidades imediatas de seus filhos.

Vemos portanto, uma incidência entre esta temática e a temática número 1. Tanto os motivos que levaram o aluno a cursar o 2º grau como as expectativas dos pais quanto ao estudo de seus filhos não correspondem à realidade. Isto porque o grupo social acredita na igualdade de condições para ascender social e profissionalmente via escalada acadêmica. Com isso o sacrifício das necessidades imediatas é o preço pago por absorver os valores da ideologia liberal.

4. Representações dos alunos acerca da escola em que estudam

Captar a maneira como os alunos representam a escola em que estudam é importante não apenas para conhecê-los melhor. Esses dados oferecem, também, uma oportunidade de confronto com os dados provenientes de diretores, professores etc. e muitas distorções podem ser desvendadas.

TABELA 11
REPRESENTAÇÕES DA ESCOLA

Nº	CATEGORIAS	F	%	INSTITUIÇÕES			
				A	B	C	D
1	Uma boa escola, que possui bons professores, um bom nível de ensino e também há orientação tanto vocacional como moral e religiosa	32	38,00	8	2	7	15
2	Boas condições materiais e a presença de atividades extraclasse	9	10,35	4	1	1	3
3	Uma exceção da realidade brasileira e que, com seu sistema de ensino foge ao livro didático	7	8,35	7	—	—	—
4	Baixo nível de ensino e muito fechada	1	1,20	—	—	1	—
5	Não prepara para o vestibular e também não profissionaliza	13	15,50	—	2	1	10
6	Prepara para o vestibular mas não profissionaliza	10	11,90	3	1	—	6
7	Uma escola que profissionaliza	12	14,30	2	1	6	12

A maior incidência presente nas representações dos alunos é a atribuição de qualificativos à sua escola como está, sendo uma boa escola porque oferece um bom nível de ensino e principalmente porque oferece orientação vocacional e também religiosa e moral. Destacam as boas condições materiais e a presença de atividades extraclasse onde se promove a "socialização". Em percentagem insignificante, 1,20%, representa sua escola como sendo uma instituição fechada e com baixo nível de ensino.

Entretanto, há quem representa sua instituição como sendo "uma exceção da realidade brasileira" e isto pela maneira como as aulas são ministradas e pelo tipo de material utilizado pelos professores. Com isso o livro didático é um elemento secundário, apenas um

complemento para o aluno estudar em casa. Isto significa que há ainda instituições que zelam pelo ensino, que possuem um modelo próprio adequado às expectativas de seus alunos. Que se preocupam com as necessidades destes.

Quando ao aluno é permitido que fale de sua escola, é significativo que 59,50% não mencionam o aspecto da profissionalização. Preferem dizer "é uma boa escola" e nisto vemos o quanto a escola se distancia de um processo mais integrado onde a preparação para o trabalho se faça presente.

Dentre os que se reportaram à profissionalização, 27,40%, afirmam que a escola não está profissionalizando, o que comprova que a profissionalização até então obrigatória, foi apenas aparente.

Por outro lado, 14,30% dizem que sua escola está profissionalizando. Ela oferece condições ao aluno para exercer desde já sua profissão porque a escola prepara para isso. Por outro lado, temos 11,90% que reconhecem que sua instituição não prepara para o exercício de uma profissão, mas os prepara para o vestibular.

O que vem confirmar o fracasso deste nível de ensino é o fato de que a lei propõe uma terminalidade aliada a uma continuidade e isso não está ocorrendo. O que vamos encontrar, são escolas que não profissionalizam e nem preparam para o vestibular. E nesta amostra, são 15,50% que assim representam sua instituição escolar. Portanto, se neste nível de ensino era uma pretensão a lei preparar o aluno para uma terminalidade ao mesmo tempo que para uma continuidade, as representações feitas por aqueles que são submetidos a esta legislação, nos dizem que isso não ocorre. É evidente, para alguns, em nenhum dos aspectos, para outros, em apenas uma das dimensões.

Para esta temática, há nas representações dos alunos diferenças que devem ser esclarecidas entre as categorias. Notamos em pri

meiro lugar que a escola A, cuja amostra possui 5 sujeitos, se manifestou com maior freqüência em muitas categorias. São eles que enfatizam as categorias 1 e 2. Na categoria 3, a freqüência de suas falas supera o número de sujeitos, tornando-a enfática, além de serem os únicos a fazerem estas representações.

Podemos considerá-la realmente uma exceção à nossa realidade educacional brasileira? Sim, ela é ainda uma exceção porque em seu interior há uma consciência da pobreza do livro didático e que nisso se manifesta uma coerência pelo fato de se utilizarem de materiais especializados — materiais elaborados pelos próprios professores com o auxílio e ajuda da escola — que se ajustam às necessidades de seus alunos. Lembramos que este estabelecimento oferece duas habilitações. Uma, Auxiliar de Escritório, que mantém o caráter propedêutico do antigo colegial e que prepara seus alunos para o vestibular, e os 3 alunos entrevistados afirmam que os preparam para o que está se propondo. O Técnico de Contabilidade, já em funcionamento antes da 5.692, e os 2 alunos entrevistados afirmaram que a escola os prepara para exercer esta função. E isto é compatível com as informações da direção ao dizer que seus alunos do Técnico de Contabilidade, facilmente se inserem no mercado de trabalho. Não devemos, todavia, omitir o fato de que esta mesma direção informou ser o Auxiliar de Escritório também profissionalizante, o que não é na realidade. O que me foi dito é que há apenas uma ênfase em disciplinas de formação geral. Porém, isto é contradito pelos alunos. Em suas representações esta "ênfase" é o objetivo principal: preparar para o vestibular.

Merece destaque a instituição C, que dos 7 sujeitos entrevistados da amostra, 6 alunos afirmam que a escola oferece condições para exercer a profissão. E este dado confere com a informação da escola ao dizer "modéstia a parte, mas somos uns dos poucos colégios

que colocamos nossos alunos em condições de exercer sua profissão". Por outro lado, é a única escola que recebe a crítica presente na categoria 4 como pode ser visto acima. E uma última consideração acerca da instituição D, que tem a maioria dos alunos desta amostra, apenas 3 admitem que há uma profissionalização. Contudo, devemos nos reportar às informações desta instituição quando ela se mostra consciente de que o aluno quer é o vestibular, seja a curto, médio ou a longo prazo. Deve-se levar em conta que a grande maioria já está inserida no mercado de trabalho. Entretanto, isto se apresenta para a escola como um conflito e foi o que a levou gradativamente a substituir os cursos Técnicos por Auxiliares que exigem menos horas da parte específica. E isto como uma forma de resolver um impasse.

Pelas representações dos alunos, podemos dizer que a maioria dos alunos — após 10 anos de profissionalização obrigatória — não percebem o 2º grau como um nível de ensino profissionalizante. Para os que esperavam uma profissionalização ou condições de continuidade, isso ocorre em escala muito restrita.

5. Representações frente à estrutura de poder da escola

Nesta categoria, tomamos como ponto de referência para nossa análise como os alunos representam sua participação ou não nas decisões da escola. Tais representações permitem esclarecer o nível de consciência dos alunos sobre os mecanismos que a escola se utiliza para encobrir seu poder de manipulação. Antes da análise, segue a tabela com as categorias:

TABELA 12

REPRESENTAÇÃO DA ESTRUTURA DE PODER DA ESCOLA

Nº	CATEGORIAS	F	%	INSTITUIÇÕES			
				A	B	C	D
1	Participação parcial dos alunos nos processos decisórios (conselhos de classes...)	13	37,00	2	2	4	5
2	O aluno não percebe a participação como um benefício ou como um direito	7	20,00	1	1	1	4
3	Participação total dos alunos	5	14,50	—	1	—	4
4	Está começando uma organização por parte dos alunos para poder participar	4	11,50	—	—	—	4
5	Ausência de participação dos alunos das decisões	3	8,50	1	—	2	1
6	O aluno tem voz, mas não é levado em conta ou é censurado	3	8,50	1	—	—	3
TOTAL		35	100	5	4	7	19

Pelas representações dos alunos, a participação das decisões da escola, para a grande maioria, é apenas parcial. Isto porque só lhes é permitido participar de uma ou outra decisão, o que é comum para os 4 estabelecimentos de ensino: conselhos de classe. Para eles, é parcial porque muitas outras decisões são tomadas e eles não possuem acesso a elas.

Em conversa informal com alunos representantes de classe durante o período de caracterização das instituições, o representante de classe antes da reunião do chamado "conselho" é orientado para o que "pode ou não pode ser dito". Há uma triagem no material elaborado pelos alunos. Por outro lado há quem considera que a participação do aluno é total, o que ocorre em menor escala. E estas representações foram de alunos que cursam o noturno, o que significa um desco-

nhhecimento de uma burocracia escolar pelo fato de estarem na escola para assistirem as aulas. Temos, pelas mesmas razões, alunos do noturno que não percebem a participação do aluno como um benefício. O cansaço os impede, provavelmente, de perceber toda a dinâmica de sua escola e com isso, dificilmente perceberão que a atuação, mesmo nestas condições, poderá gerar benefícios próprios. Portanto, se alguns alunos consideram que a participação dos alunos nas decisões da escola é total, o que sabemos de antemão que não é real, outros não percebem a participação como um benefício. Isto evidencia o desconhecimento por parte destes alunos dos mecanismos de controle que a escola vem exercendo sobre eles. Temos aqui a reprodução de trabalhadores individuais, como analisa Cunha. A situação é tal para que o individualismo prevaleça. Assim o aluno pensa em si, no seu trabalho que provavelmente já vem exercendo, e em ser aprovado porque isso pode levá-lo a melhores condições.

Entretanto, quando nas representações dos alunos aparece que há uma "ausência", isto significa que o aluno está percebendo ao mínimo a rotina de seu estabelecimento de ensino. E nesta categoria, incluiu-se a fala do aluno que faz a colocação:

Tem representantes mas eles não nos representam. Eles são vão nestas reuniõeszinhas onde a direção e professores dizem a eles o que deveriam dizer a todos. É mais fácil assim, ainda mais que nossos representantes não vestem a nossa camisa de força.

Portanto, pelo fato de existir alunos presentes em certas reuniões, não significa para estes alunos que haja participação em decisões.

Por outro lado, podemos notar que está se concretizando uma consciência de que o aluno tem o direito de participar. Neste sentido, pela Escola D, vimos já explicitado, que existe um grupo se orga-

nizando, e que o objetivo é conquistar mais espaços dentro da escola. Isto, para eles implica até mesmo em censuras, mas são consideradas barreiras normais a serem vencidas. É interessante a informação de alunos — também obtida durante a caracterização da escola — de que a proposta por parte destes em participar em outros níveis de poder decisório, a resposta foi muito sutil: "nosso regulamento interno não prevê isso e portanto não há possibilidades". Mas para o aluno, participar de reformulações de estatutos ou de regulamentos internos é um direito que lhe cabe e o qual deve ser conquistado.

Concluimos dizendo que as representações dos alunos mostram, que se por um lado há uma alienação que interessa à formação de indivíduos dóceis para o sistema, por outro lado está surgindo uma consciência de que os rumos da escola são legítimos quando nas decisões de sua escola, o aluno está presente. Entretanto, é a burocracia interna que os impede de participar e neste sentido os priva de uma iniciação política, pela ausência de uma democracia que não está sendo desenvolvida dentro dos estabelecimentos de ensino.

6. Expectativas frente à profissão desejada

Sabemos que as expectativas, desejos, aspirações etc. também são elaborados inicialmente, no interior de uma realidade concreta. Entretanto, em geral, carregam um forte componente ideológico o que impede a compreensão do caráter seletivo da sociedade e das próprias instituições escolares que determinam trajetórias individuais muito diferentes das expectativas pessoais.

Como já vimos, os motivos representados pelos alunos e as expectativas da unidade doméstica de onde o aluno procede, o 2º grau

é uma passagem obrigatória para ingressar no 3º grau. Os alunos também não percebem, de uma maneira geral, o 2º grau como um nível de ensino profissionalizante quando falam de sua escola.

Assim temos a tabela abaixo onde mostramos em primeiro lugar, o aluno que visa continuidade e num segundo espaço, o que visa terminalidade. Veja a tabela:

TABELA 13

EXPECTATIVAS FRENTE À PROFISSÃO DESEJADA

Nº	CATEGORIAS	F	%	INSTITUIÇÕES			
				A	B	C	D
	CONTINUIDADE — 3º GRAU						
1	Área médica	11	26,80	2	1	2	6
2	Área pedagógica	8	17,00	—	1	3	4
3	Ciências contábeis, econômicas e jurídicas	11	14,60	1	2	2	6
4	Área de exatas	2	5,00	1	—	—	1
5	Área da publicidade	2	5,00	—	—	—	2
6	Área de humanas	1	2,40	—	—	—	1
	TERMINALIDADE NO 2º GRAU						
7	Profissionalização de nível médio para conciliar a médio ou a longo prazo estudo e trabalho no 3º grau	8	19,50	—	1	2	5
8	Profissão a nível médio	4	7,30	1	—	—	3
9	Não visa 3º grau, apenas cursos de aperfeiçoamento	1	2,40	—	—	1	—
TOTAL		48	100	5	5	10	28

É fácil de se observar pela tabela acima que a maioria dos alunos aspiram o 3º grau.

Na nossa amostra, mais de 70% dos sujeitos, ao concluir o ano letivo de 1983, pretendem ingressar na faculdade. Os que conside-

ram o 2º grau como uma terminalidade representam 10% da amostra. Encontramos, aproximadamente 20% dos alunos aos quais a terminalidade é relativa uma vez que o 3º grau a médio ou a longo prazo é o objetivo final.

Devemos reconhecer que para quase 30% dos alunos, o 2º grau está oferecendo subsídios necessários para sua inserção no mercado de trabalho já neste nível de ensino. Mas não podemos esquecer que os cursos técnicos anteriores a 5.692/71, preparavam seus alunos para o mercado de trabalho em condições muito superiores desta profissionalização atual, compulsória. Por outro lado, são dez anos que se passaram e não podemos nos esquecer que as condições atuais são diferentes daquelas do início da última década.

Para os alunos que visam continuidade, podemos notar uma grande concentração na área médica. Esta área envolve a medicina, enfermagem e fisioterapia. São todas profissões liberais e através delas buscam um destaque profissional e social.

A área pedagógica também se apresenta com um índice significativo de interesse. O magistério ainda é uma profissão de prestígio para as mulheres.

São ainda profissionais de prestígio na região, o contabilista, o economista e principalmente o advogado. A busca destas profissões, também liberais, está ligada mais a um prestígio social, uma vez que o mercado se encontra saturado. Como diz uma empregada doméstica: "quero fazer o 2º grau, depois contabilidade para ter meu próprio escritório".

Ciências exatas, no caso engenharia mecânica e o campo da publicidade é onde vamos encontrar menor procura.

Mas todos os alunos entrevistados "esperam gostar da profissão", conseguir uma boa fonte de renda e assim destacar-se socialmente.

Nos defrontamos novamente com uma valorização da ascensão acadêmica, o que significa a atribuição de um grande valor para as profissões liberais e isso os torna "intelectuais". Assim uma empregada doméstica deixa uma atividade pejorativa, porque manual, para tornar-se dona de um escritório.

Dentre os que visam uma terminalidade neste nível de ensino (4 da amostra de 35 sujeitos), consideram que é possível ter boas chances de emprego. Como diz um aluno:

Tem gente lá na empresa com 2º grau trabalhando no escritório e outros com faculdade estão fazendo latas.

Fazer latas (indústria de latarias) é um trabalho considerado "braçal" para este aluno, o diploma não está contando muito.

Os 19,50% que não vão imediatamente para um curso superior é porque a realidade econômica os impede. Contudo acreditam que com o 2º grau poderão ter um emprego com um salário suficiente para custear seus próprios estudos no 3º grau.

Podemos dizer, pelos dados acima, que ao longo dos anos, a sociedade não reconheceu a terminalidade deste nível de ensino, sendo as exceções insignificantes. Encontramos assim, nas representações dos alunos, a busca de uma profissionalização a nível superior.

Considerando-se que muitos são de procedência rural, que dentre eles, há quem aspire a medicina, é provável que isso não seja concretizado. Isto porque são esses os grandes candidatos "à mão-de-obra barata" servindo como exército de reserva para as empresas. São ambições irreais porque acreditam na máscara da "igualdade".

Em suma, as aspirações representadas pelos alunos frente à profissão que pretendem seguir, para uma grande maioria, não são mais

do que é dito por Moscovici (1978), que tomam desejos por realidades. Mas estas realidades nunca se concretizam. São abstrações desvinculadas do conhecimento da realidade e apoiadas nas meias verdades ideológicas e ideologizantes.

7. Relação entre Escola-Trabalho-Profissão

Dentre as inúmeras críticas à escola está a sua desvinculação com o mundo do trabalho. E a Lei 5.692/71, ao tornar a profissionalização obrigatória, pretendeu resolver um velho problema. Com esta temática, queremos, a partir do que o aluno percebe e representa, elucidar esta relação em termos reais pelo conhecimento do que está ocorrendo.

Veja a tabela e a análise que segue:

TABELA 14

RELAÇÃO ENTRE ESCOLA-TRABALHO-PROFISSÃO

Nº	CATEGORIAS	F	%	INSTITUIÇÕES			
				A	B	C	D
1	A habilitação não profissionaliza, há uma falta total da prática	18	36,00	3	3	2	10
2	A habilitação nada tem a ver com a profissão atual	16	32,00	2	2	2	10
3	A habilitação que cursa prepara para exercer a profissão	11	22,00	2	1	5	3
4	A profissão que exerce está relacionada com a habilitação que cursa	5	10,00	1	1	1	2
TOTAL		50	100	8	7	10	25

Muitos alunos desta amostra trabalham, mas para 32% dos que o fazem, a habilitação que cursam não tem relação com a atividade que desempenham. Apenas para 10% a atividade profissional que estão exercendo diz respeito à habilitação que estão cursando.

Para 22% dos alunos, a habilitação, segundo suas representações oferece condições para exercer a profissão. Este dado, a princípio parece contraditório com os dados anteriores, mas em uma retomada nas entrevistas, os alunos consideram aqui como sendo possível exercer a profissão desde que sejam assessorados no início de suas atividades porque na verdade não há a prática. Para outros, no caso da escola C, os alunos, nas duas habilitações oferecidas, têm estágio supervisionado e aos alunos que não apresentarem os requisitos exigidos, não será conferido o diploma de técnico. Das 8 habilitações que foram objeto desta pesquisa, 3 delas estão cumprindo o fim a que se propõem. Entretanto, dois destes cursos são tradicionais e anteriores à Lei da profissionalização compulsória.

Devemos lembrar que se, 22% dos alunos, pelas representações que fazem de sua habilitação, consideram-se aptos a exercê-la a partir do que a escola oferece, em contrapartida, são lançados no mercado de trabalho mais 78% dos alunos diplomados sem estas condições.

Portanto, se a Lei 5.692/71 foi criada como paradigma aos cursos técnicos então existentes, esta veio aumentar o problema: desvincular a escola do trabalho. Isto porque nas condições em que foi obrigada sua implantação, ocorreu apenas a montagem de artifícios que colocassem as instituições em conformidade com a Lei maior. O que ocorreu na realidade, foi a desvinculação da escola com o trabalho, este entendido como uma atividade humana manifesta em nossa sociedade como uma profissão.

8. Representações frente às diferenças sociais

A consciência que o aluno tem das diferenças sociais é o que tentamos apreender nesta temática. Como produtos e reprodutores que são, é importante conhecer até que ponto estão comprometidos com a ideologia dominante. Isto nos interessa na medida em que nos permite situar a instituição escolar dentro de um contexto mais amplo.

Devemos levar em conta de que os sujeitos desta pesquisa possuem condições econômicas suficientes para suprir suas necessidades básicas e também para arcar com o ônus do próprio estudo. Mesmo nas condições já descritas anteriormente, 26 alunos da amostra de 35 sujeitos trabalham. As representações que estes alunos fazem sobre as diferenças sociais que estão categorizadas na tabela a seguir, serão aqui descritas e comentadas:

TABELA 15

REPRESENTAÇÕES FRENTE ÀS DIFERENÇAS SOCIAIS

Nº	CATEGORIAS	F	Z	INSTITUIÇÕES			
				A	B	C	D
1	As pessoas são diferentes quanto às capacidades intelectuais e individuais ou em relação à capacidade de planejar o futuro (uns sabem poupar, outros não)	26	12,20	4	3	4	15
2	Há um círculo vicioso: quem já é rico fica sempre mais rico e pobre sempre mais pobre	28	13,00	4	7	5	12
3	Uns têm mais cultura, mais estudo, mais conhecimentos do que os outros	24	11,30	1	3	5	15
4	Porque uns estão em ocupações profissionais de prestígio, de alto salário e outros não	24	11,30	4	3	4	13
5	Há falta de empregos e também não existem as mesmas chances para todos	23	10,70	6	2	5	10
6	Porque há exploração e corrupção no sistema ou parte de uns sobre outros	23	10,70	2	2	6	13
7	Uns se esforçam mais, possuem maior capacidade individual e outros não, porque são preguiçosos e acomodados	23	10,70	2	1	3	17
8	Uns têm condições econômicas para seguir profissões mais rendosas e outros não	18	8,50	4	2	4	8
9	Uns contam com o auxílio de pessoas influentes e outros não	10	5,00	—	—	—	10
10	Uns têm mais sorte do que os outros	7	3,30	—	2	1	4
11	Porque uns gostam do que fazem e se sentem realizados profissionalmente e outros não têm esta chance	7	3,30	2	—	—	5

A categoria 2 ocupa o primeiro lugar nas representações feitas sobre esta temática. Aparece em falas, como: "... as pessoas que nasceram num nível mais elevado sempre conseguem, é mais fácil; quem luta mais é que está sempre por baixo" ou "É aquela pirâmide: em bai-

xo a ralê, em cima são os soberanos...". Nesta mesma perspectiva está a categoria 6:

"... hã exploração porque tem um grande erro em nossa constituição. O objetivo do capitalismo é lucro que é roubar do outro. Produzem (os pobres), mas o lucro não lhes pertencem".

Estas são as representações de 23,70% expressas nas falas dos alunos. Isto significa que o nosso sistema político-econômico é um sistema caracterizado pelo capitalismo, onde existe uma minoria detentora do poder e do poderio econômico do qual os alunos têm consciência.

Outros representam as diferenças sociais a partir da posi-ção que o indivíduo ocupa no mercado de trabalho, ou seja, ocupações profissionais de prestígio com altos salários. Ou também pela forma de acesso em profissões mais rendosas, ou ainda, aqueles que contam com o auxílio de pessoas influentes ou mesmo "sorte". Mas isso é verdadeiro para alguns (33,50% dos casos) porque sem contar com a crise nacional de empregos, percebem que as chances não são as mesmas para todos, porque:

"... uns não têm condições econômicas para ascender pro-fissionalmente; o salário é baixo e não contam com aju-da de outros e nem possuem sorte".

Estas representações encontramos em falas como: Para ganhar mais "de-pende da posição que ocupa, do apadrinhamento, do próprio poderio econômico do cara". "Uns ganham muito pouco pelo trabalho que fazem" ou "é por falta de condições de trabalho... quando o cara tenta subir, a sociedade não deixa"; ou, "uns ganham mais do que os outros, é uma

questão de sistema, eu acho errado... porque em termos de valor de ca da atividade para a sociedade, deveria ser mais igualado".

A capacidade intelectual da pessoa também a coloca em posições diferenciadas na sociedade. São aquelas que se esforçam, que sabem planejar o futuro e não são preguiçosas ou acomodadas. São aquelas que possuem mais estudo, cultura e conhecimentos. E isto é visto de duas maneiras. Para uns alunos estas "qualidades" determinam a ascensão profissional. A crença é de que há igualdade de chances para todos. Existe também uma superioridade no trabalho intelectual porque, por exemplo, "quem administra deve ganhar mais, o outro trabalho não é tão importante". Mas por outro lado é percebida a relatividade do valor que a sociedade atribui a uma profissão. "O médico ganha mais porque é uma profissão valorizada e a de lixeiro não" ou "...quem fica sentado num escritório ganha mais... não deveria ser" ou "...achei isso aí um desequilíbrio, porque o serviço de anotar reca- dos ganha um rio de dinheiro e aquele que fica cavando valeta não ganha quase nada". São 23,50% dos alunos que fazem estas representações. Vemos novamente um posicionamento contra a arbitrariedade salarial atribuída pela sociedade às diferentes funções. Vemos cada vez mais alunos tomando consciência do que ocorre em seu meio social.

E em percentagem insignificante, (3,30%), a categoria 11 merece nossa atenção porque o trabalho estaria sendo produzido em seu sentido humano, que significa uma recuperação do trabalho como uma atividade social. Porém, esta possibilidade é reduzida pelo próprio sistema.

Como vemos, estas representações não apresentam diferenças entre os alunos pelas suas instituições de origem. Apenas na categoria 5, nas escolas A e C a incidência é maior. Isto mostra que estes

alunos não acreditam na "igualdade para todos". Estas representações são extremamente importantes porque a máscara da igualdade está sendo desvendada pelos próprios jovens.

VI — A GUISA DE CONCLUSÃO

Na medida em que já tivemos oportunidade de alinhar conclusões parciais ao longo do trabalho, limitar-nos-emos, no momento, a tecer algumas considerações acerca das contradições observadas nos depoimentos dos alunos.

A inadequação do modelo de ensino de 2º grau ancorado no binômio terminalidade/continuidade, apresentou-se de maneira bastante evidente.

Se por um lado os alunos, em geral já inseridos no mercado de trabalho, buscam na profissionalização a nível de 2º grau uma oportunidade de melhoria ocupacional, por outro lado não descartam a aspiração de prosseguir os estudos a nível superior.

E se isso ocorre é porque muitos alunos, que a princípio buscavam no ensino de 2º grau a garantia de melhores salários, reconhecimento social, frustrando-se em suas expectativas, acabam por transformar este nível de ensino apenas numa ponte de passagem para o 3º grau. É pois no diploma universitário que está a verdadeira profissionalização e com este mesmo diploma as chances de ascensão profissional e social.

Entretanto esta aspiração maciça em obter o diploma de 3º

grau não pode ser vista apenas a partir da escola em si, mas dentro de um contexto social mais amplo. Na própria unidade doméstica do aluno, por exemplo, encontramos um forte componente emocional que vem exercer pressão sobre seus filhos para que prossigam na escalada acadêmica, apesar das condições adversas, para obter destaque social e profissional.

Se isso ocorre a nível familiar é porque esta unidade social reconhece que o prestígio está reservado àqueles que trabalham com a "cabeça", os intelectuais, aqueles que exercem funções de mando, entretanto desconhece que subjacente ao descontentamento de seus filhos com a escola, as notas baixas, desinteresse progressivo..., são os primeiros sintomas produzidos através dos mecanismos utilizados pela escola para fazer de seus filhos o trabalhador que interessa ao sistema.

Ficou ainda em evidência em nosso estudo as constatações também feitas por Vicentini e Assis (1983) de que a escola de 2º grau, em nome de um ensino profissionalizante, está desvinculada do mundo do trabalho. Entretanto isso não é apenas uma decorrência da inadequação entre o que é ensinado e a qualificação solicitada pelas empresas. Segundo os autores, "a relação é mais profunda e revela que a escola de 2º grau incorporou a divisão social do trabalho em intelectual e manual, dedicando-se a preparar 'os que fazem' e não 'os que pensam', como é sugerido na própria legislação que divide 'a cabeça e as mãos'".

Para finalizar gostaríamos de levar em conta que estamos cientes dos limites deste trabalho que permaneceu apenas ao nível das constatações. Sugerimos que em trabalhos similares, seja extrapolado este nível e que se elaborem propostas concretas. Ou seja, os dados obtidos em pesquisas, devem ser encarados como uma possibilidade de

tomada de posições frente a indefinição do ensino de 2º grau.

Diante desta proposta consideramos como inadiáveis as seguintes indagações: "Que propostas temos a oferecer para os alunos que freqüentam a escola de 2º grau, principalmente para os que dentro dela são os mais prejudicados: os alunos dos cursos noturnos que estudam e trabalham?" "Que concepção de mundo, de homem e de trabalho que devemos transmitir?" "O que seria 'preparar para o trabalho' dentro dos interesses das classes trabalhadoras?" "Qual é o papel da escola neste contexto?" "Como conciliar os limites objetivos das instituições escolares sem desistir da oportunidade de desenvolver a consciência social e política do trabalhador, pois muitos dos estudantes ou já estão inseridos no processo de produção ou num espaço de tempo relativamente pequeno estarão à disposição do capital?".

É evidente que as respostas a tais indagações implicam sempre numa total revisão da abordagem feita em relação ao mundo do trabalho nas escolas de 2º grau de forma a levar em consideração os diferentes interesses e culturas que se defrontam no espaço pedagógico. Somente o repensar crítico da ação pedagógica pelos seus autores pode desmistificar os mecanismos que levam à aceitação passiva e ao conformismo da ordem estabelecida, onde alguns são considerados capazes de produzir o conhecimento e os outros, apenas de recebê-los.

Entretanto, na medida em que consideramos inadiável a necessidade de estrapolar o nível da descrição, da constatação e da denúncia para atingir o nível da elaboração de PROPOSTAS EDUCACIONAIS CONCRETAS sugerimos que os dados a serem obtidos junto ao ensino de 2º grau devem ser interpretados à luz da tríplice interação que estabelece com o ensino de 1º grau, com o ensino superior e com o modo de produção capitalista. Nesse tripé surgem como questões importantes: a

crescente deteriorização do ensino superior; o desprestígio e o desinteresse frente a profissionalização a nível médio; e a contínua extensão do tempo de escolaridade onde uma profissionalização de razoável prestígio exige, por parte dos alunos, a freqüência aos bancos escolares por um período de pelo menos 16 anos de vida.

VII — REFERENCIAL BIBLIOGRÁFICO

- CHARLOT, B. A mistificação Pedagógica. Zaar Editores, R.J. 1979.
- CUNHA, L. A. A Política Educacional no Brasil: a profissionalização no ensino médio. Livraria Eldorado Tijuca, R.J. 2ª Ed. 1977.
- _____. Uma leitura da teoria da escola capitalista. R.J. 1980.
- FERREIRA, M. S. "Escolha profissional: opção ou imposição". Tese de Mestrado. Universidade Federal de São Carlos. Centro de Educação e Ciências Humanas São Carlos. S.P. 1978.
- FIGUEIREDO, Mª A. "A normalista: Expectativas da formação e da profissão". Tese de Mestrado. Universidade Federal de São Carlos. Centro de Educação e Ciências Humanas 1980. São Carlos S.P.
- FRANCO, M.L. et alli. "Áreas críticas e distorção do 2º grau no Município de S. Paulo". Educação e Sociedade, nº 14, CEDES; Campinas, S.P. 1983.
- FRANCO, M.L. et alli. "O aluno de cursos profissionalizantes a nível de 2º grau: um retrato sem retoques". Cadernos de Pesquisa nº 48, p. 39-47, S.P. fevereiro 1984.
- FRANCO, M.L. "Para entender os conceitos de Representação Social, atividade e consciência". Ex. mimeo 1983.
- FREITAG, B. Escola, Estado e Sociedade Editora Moraes, S.P. 5ª Edição (revista) 1984.

- SANE, S.T.M. O que é Psicologia Social. Coleção Primeiros Passos nº 39, Ed. Brasiliense, S.P. 1981.
- LEONTIEV, A. Atividade, Consciência y Personalidad, Ediciones Ciencias del Hombre, Buenos Aires, 1978.
- _____. O Desenvolvimento do Psiquismo. Livros Horizonte, LDA. Lisboa, 1978.
- MOSCOVICI, S. A Representação Social da Psicanálise. Zaar Editores, R.J. 1978.
- PARECER nº 1.144/82. Conselho Estadual de Educação, dezembro de 1982. Ex. mimeo.
- REGO, B.G.B. "Escola, Trabalho: Qualificação para o Trabalho". Tese de Mestrado. UNICAMP. Faculdade de Educação Campinas, S.P. 1983.
- NAGLE, J. A reforma e o ensino. Edart, 1973, 2ª edição S.P.
- RULISTEIN, S.L. Princípios de Psicologia General. Editorial Gribalbo Buenos Aires, 1982.
- TOLEDO, L.M.M. "Estudo do Conceito de Trabalho percebido pelo estudante". Tese de Mestrado. Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, Campinas, S.P. 1979.
- VICENTINI, M.I.F.L. e ASSIS, M.C. "Terminalidade geral e continuidade de Estudos de 2º grau: Expectativas congruentes?" Cadernos de Pesquisa, nº 45 p. 29-42, maio de 1983.
- WARDE, M.J. Educação e estrutura Social. A profissionalização em questão. Cortez e Moraes, S.P. 2ª ed. (revista) 1979.

ANEXOS

ANEXO 1

ROTEIRO DE ENTREVISTA PARA OS DIRETORES DAS INSTITUIÇÕES

1. Como é constituída em termos administrativos esta escola, inclusive a presença ou não de técnicos e as funções que lhes competem.
2. Qual a participação da comunidade (pais, professores, alunos) nas decisões desta escola.
3. Como e quando é feito o planejamento escolar.
4. Quem e de que forma é determinado o conteúdo das diferentes disciplinas e como é desenvolvido.
5. Como são escolhidos os livros e materiais didáticos.
6. Qual é o sistema de avaliação desta escola.
7. Qual é a formação acadêmica mínima exigida para o professor lecionar nas diferentes disciplinas.
8. Existem regulamentos que disciplinam os professores, alunos e demais funcionários.
9. E que direitos lhes são atribuídos.
10. Em sua opinião, como é o relacionamento professor-aluno e vice-versa.
11. Novamente, em sua opinião, esta escola está cumprindo a função que lhe é atribuída na formação do adolescente para o mundo do trabalho e corresponde as expectativas dos alunos.
12. Como era o funcionamento deste estabelecimento de ensino antes da Lei 5.692/71.

13. Em função desta lei, que alterações ocorreram.
14. Há laboratórios, locais de estágios, em seu ponto de vista, satisfatórios para o preparo profissional dos alunos.
15. Que benefícios ou prejuízos acarretaram a Lei 5.692/71 para este estabelecimento de ensino.
16. Frente a nova alteração que se nos impõe, frente ao Projeto em tramitação no Congresso Nacional, mais especificamente no artigo que propõe a abolição da obrigatoriedade do ensino profissionalizante em nível médio, qual é a posição desta escola.
17. Que transformações concretas poderão ocorrer ou conseqüentemente serão feitas, na hipótese de se transformar em Lei.
18. Houve reuniões anteriores ou qualquer tipo de participação em função da mudança que vem se consolidando.
19. Quais as preocupações centrais deste estabelecimento de ensino em relação a este projeto de Lei.
20. Como e quando esta escola foi informada sobre a questão.
21. Em nível de Estado, houve alguma mobilização das escolas e/ou da comunidade para participarem e proporem as suas necessidades.
22. Como esta escola tem articulado a preparação para o curso superior e a profissionalização.
23. É viável a conciliação feita até o presente momento.

ANEXO 2

FICHA ADICIONAL DE INFORMAÇÕES DA ESCOLA

1. Nome da escola _____
2. Qualificação acadêmica média dos professores de 2º grau _____

3. Nº de professores com dedicação exclusiva _____; e nº de profes-
sores com dedicação parcial _____ (2º grau).
4. Salário médio dos professores de 2º grau _____

5. Rotatividade do corpo docente _____

6. Número de alunos que cursam a 3ª série do 2º grau de acordo com o
quadro que segue:

[illegible]

7. Número médio de alunos por classes _____

8. Valor da mensalidade cobrada por aluno _____

E no caso de haver diferenças: maior _____ menor _____

9. Taxa média de aprovação no 2º grau _____

10. Taxa média de evasão escolar do 2º grau _____

11. No caso de haver seleção para o ingresso no 2º grau, como esta é feita _____

12. Como é feito o agrupamento dos alunos de uma mesma habilitação em diferentes classes _____

13. No caso de haverem atividades extraclasse para os alunos de 2º grau, citar as mais freqüentes: _____

14. Qual é a forma de acesso dos alunos de 2º grau à biblioteca e como é a freqüência destes. Para que? _____

15. Se a comunidade participa da manutenção da escola (em termos econômicos), como é feita _____

16. O prédio e suas dimensões _____

ANEXO 3

ROTEIRO DE ENTREVISTA COM OS ALUNOS

1. Quais as principais razões que o levaram a realizar seus estudos de 2º grau.
2. Considerando que você está no último ano nesta escola, o que você tem a dizer sobre ela.
3. Por que você escolheu esta escola e não outra.
4. Qual o curso que você está fazendo e o que você acha desta habilitação?
5. O que você pretende fazer no final deste curso, ou seja, no final do ano.
6. Você acha que entraria em uma faculdade sem fazer cursinhos preparatórios ao vestibular.
7. E para trabalhar, o que você saberia fazer em função do curso.
8. Você pretende ingressar em uma faculdade. Se afirmativo, qual.
9. Se você ainda não trabalha, seria fácil empregar-se dentro da área da habilitação que você cursa.
10. Se você já está trabalhando, o curso está colaborando para o seu trabalho. E se em nada está contribuindo, porque você continua.
11. Como você julga o seu rendimento escolar.
12. Para que serve a escola em sua opinião.
13. Como deveria ser uma boa escola.

14. O que é um bom professor.
15. Quais são as melhores coisas de sua escola.
16. De quem dependem as soluções dos problemas que acontecem dentro de sua escola.
17. Você repetiu alguma série do 2º grau.
18. Há quantos anos você estuda nesta escola.
19. Você sempre continuou seus estudos ou esteve algum tempo parado(a).
20. O que seus pais pensam sobre o estudo.
21. O que eles (seus pais) esperam de seu futuro.
22. E o que você espera de você mesmo(a) — profissão, ascensão acadêmica.
23. Conta qual é a sua rotina diária.
24. Dentre tudo o que você contou, o que é mais difícil, aquilo que você menos gosta de fazer...
25. O que você acha que é o trabalho.
26. E para que serve o trabalho.
27. Em sua opinião, com que idade a gente deve começar a trabalhar.
28. As mulheres devem trabalhar em sua opinião.
29. Qual o melhor trabalho para as mulheres.
30. E para os homens.
31. Por que alguns ganham mais do que os outros.
32. Por que tem gente que trabalha e está sempre pobre.
33. O que é uma profissão.
34. Por que existem várias profissões.

35. Qual a profissão que você mais gostaria de seguir.
36. E o que é necessário para chegar até lá.
37. Na sua opinião, seu curso está preparando para isso.
38. As pessoas sempre seguem as profissões que elas querem.
39. Na sua opinião, quais são as pessoas que se saem melhor na vida.
40. O que significa um bom emprego.
41. Quais as dificuldades para se conseguir um bom emprego.
42. O que ajuda a conseguir um bom emprego.
43. O que você acha do 2º grau profissionalizante.
44. Como você planejava uma escola de 2º grau.

ANEXO 4

FICHA INFORMATIVA DO ALUNO

1. Seu nome _____
2. Nome da escola _____
3. Curso _____
4. Turno que estuda _____
5. Sexo _____
6. Idade _____
7. Estado Civil _____
8. Local onde reside (unidade doméstica) _____

9. Há quanto tempo moram neste local _____

Local de nascimento

10. De seu pai _____
11. De sua mãe _____
12. E o seu _____

A casa é

13. Própria _____
14. Alugada _____
15. Outro. Qual? _____
16. Quantos cômodos tem sua casa _____

17. Possuem outros imóveis. Quais? _____

Mora com seus pais

18. Sim ☐

19. Quais as pessoas que residem junto. Descreva todas, inclusive ami-
dos ou pensionistas _____

20. Não ☐

21. Por que? _____

22. Onde você está morando? _____

23. Quantas pessoas moram com você? _____

24. Qual a escolarização de seu pai? _____

25. E a escolarização de sua mãe? _____

26. Descreva a ocupação de seu pai _____

27. Descreva também a ocupação de sua mãe _____

28. Coloque agora a idade e a ocupação principal de seus irmãos na ta
bela abaixo:

IDADE	ESCOLARIZAÇÃO	OCUPAÇÃO

Você trabalha

29. Sim ☐

30. Não ☐

31. Por que? _____

32. Em caso afirmativo. Onde? _____

33. Descreva o que você faz _____

34. Quantas horas semanais _____ Quantas horas lhe restam para es-
tudar _____

Você é

35. Externo ☐

36. Semi-Interno ☐

37. Interno ☐

38. Você faz outro curso a nível de 2º grau paralelo à escola _____

39. Tente agora somar a renda de todos os que trabalham na sua família, inclusive seu salário, aluguéis ou outros ganhos _____

40. Quanto é a sua mensalidade escolar _____

41. Quem paga ou ajuda a pagar seus estudos ou despesas pessoais _____

42. No caso de casado(a) descreva a ocupação de seu conjugê _____

ANEXO 5

CLASSIFICAÇÃO DAS FALAS DOS ALUNOS POR TEMAS AGLUTINADORES

REPRESENTAÇÃO ACERCA DOS MOTIVOS DA REALIZAÇÃO

DOS ESTUDOS DE 2º GRAU

O estudo de 2º grau é "necessário também na lavoura... e também para conseguir um pouquinho mais fácil um emprego."

"Necessidade porque com o 1º grau a gente não consegue nada."

"Eu acho importante para a vida... acho que a gente tem que lutar para alguma coisa..."

"Vontade de estudar e progredir no campo intelectual."

"Porque eu acho a profissão de enfermeira muito bacana e bastante útil."

"Porque vou precisar para trabalhar e não tendo estudo a gente não consegue nada... e também para depois fazer uma faculdade."

Porque gosta do trabalho de enfermeira e sempre tinha o desejo de poder fazer um curso de enfermagem.

"Em primeiro lugar foi uma incentivação dos pais para fazer o magistério. Também para ter uma profissão e fazer o 2º grau."

"Por influência dos pais e também por minha própria porque quero vencer na vida e ser alguma coisa."

"Porque sem estudo as pessoas não tem condições de trabalhar e de ter um futuro."

"... a gente tem que se aperfeiçoar porque agora está tudo tão difícil e eu procurei estudar para não ficar por baixo porque tem muitas pessoas que não dão valor para quem não tem estudo."

"Em princípio porque quero fazer vestibular, mas bastante por causa do meu trabalho."

O que "pretendo mesmo é terminar o 2º grau para fazer uma faculdade."

Faz o 2º grau "em 1º lugar para me aperfeiçoar, me formar um técnico para depois seguir esta profissão."

Faz o 2º grau para ter "uma profissão boa."

"Para depois cursar a faculdade."

"... é uma necessidade que a gente sente para depois seguir em frente no mundo... hoje em dia é importante esta escolaridade para depois seguir um futuro... seguir os estudos."

"Em 1º lugar para ter uma formação cultural e em 2º lugar para mais tarde conseguir uma profissão e a independência."

"pela necessidade que se encontraria em se aprimorar cada vez mais, mas antes de tudo pela continuidade."

"É fundamental para conseguir alguma coisa na vida. Sem o 2º grau hoje em dia não se faz nada."

"Principalmente para depois fazer vestibular porque o 2º grau aqui do Castelinho prepara bastante."

Está fazendo 2º grau para fazer vestibular.

O 2º grau "pra mim é importante porque meus irmãos todos trabalham na agricultura e eu não gosto, não me habito a isso."

"Porque para um emprego é o 1º passo e também porque gosto de desenho e gosto de trabalhar neste ramo."

Faz o 2º grau para ter uma maior formação "para no futuro fazer um curso superior."

O motivo principal será "para tentar uma faculdade."

Faz um 2º grau para ter um futuro melhor porque o estudo é importante.

Para conseguir um emprego melhor e para fazer vestibular.

Porque tem que fazer o 2º grau senão a gente é considerada ninguém porque para qualquer empreguinho querem 2º grau.

Considera necessário estudar para conseguir alguma coisa na vida.

Pela necessidade de ser alguma coisa no futuro porque o 2º grau ajuda a ter uma melhor colocação, porque tem gente com 2º grau melhor colocado do que quem está na faculdade.

Está fazendo 2º grau para fazer faculdade.

Porque sem o 2º grau a gente não arruma emprego que valem a pena.

Já fez 2º grau em Técnico de Contabilidade e depois iniciou Análises Químicas. Pensando em vestibular. Tentou vestibular ao completar o 1º ano e não tinha base nenhuma. Continuou Análises Químicas porque gostou do curso e isso a prepara para um vestibular se um dia fizer e também porque traz muito conhecimento, e para não ficar parada.

Para depois conseguir um emprego e se desse fazer uma faculdade, mas está fazendo 2º grau porque é ajudada por uma família.

REPRESENTAÇÕES ACERCA DAS EXPECTATIVAS DA UNIDADE DOMÉSTICA

FRENTE AO ESTUDO DOS FILHOS

O pai acha que o "estudo faz subir um pouquinho de condição social porque na lavoura não é fácil... e esse pessoal aqui tem horário fixo para trabalhar, lá não..." O pai se propõe a pagar os estudos de medicina ao filho se é isto que ele quer.

Os pais "dão muito apoio para que a gente estude... esperam que a gente tenha um bom futuro... e inclusive gostariam que a gente fizesse faculdade."

Acha que os pais consideram o estudo "muito importante porque eles nos ajudam muito e a família é grande. Fazem questão que a gente faça uma boa faculdade."

Os pais vêem o estudo como "uma coisa boa para o futuro... financeiramente. ...e se sentir importante. Esperam que eu seja uma professora de faculdade ou mais..."

"...eles acham muito importante o estudo na vida dos filhos porque eles não tiveram a oportunidade de estudar porque eram da colônia e tinham que trabalhar... e eles iriam ficar muito tristes se alguém da família iria desistir... eles querem ver os filhos formados" e isto garante um futuro seguro.

Eles acham o estudo muito importante porque eles estão vendo que a situação hoje em dia não está boa e a gente não consegue emprego facilmente. Os pais esperam que a filha exerça a função de enfermeira que também faça uma faculdade de enfermagem "porque eu tenho um irmão médico então eles gostariam que eu tirasse faculdade para nós 2 trabalhar juntos."

Meus pais dão muito valor ao estudo... eles realmente me ajudam para eu me formar. Eles esperam que "eu seja uma boa enfermeira e faça uma faculdade... inclusive meu irmão parou de estudar mui-

tos anos e agora que estou para me formar ele também começou a estudar porque começou a sentir a falta do estudo."

"Eles acham muito válido, valorizam." Pelo fato de encaminhá-la ao magistério "queriam que eu fosse professora... mas eu também quis."

Os pais pensam "que o estudo é necessário porque uma pessoa sem estudo não vai saber como viver numa sociedade, não vai conseguir crescer, evoluir." Os pais esperam "que eu seja alguém, que eu me realize profissionalmente."

Os pais "incentivam" muito o estudo. "Sempre procuram colaborar para eu continuar os estudos." Esperam que "seja alguém", que se forme e tenha um trabalho próprio."

Os pais não tiveram condições de estudar na época. "Eles valorizam muito porque eles me incentivaram a estudar." Os pais não falam mas a aluna percebe que eles gostariam que fizesse alguma faculdade.

Sobre o estudo "os pais dão o maior apoio, maior força e acham que eu não devo parar. Eles esperam que eu me realize, seja alguém, tenha sucesso..."

Os pais "dão bastante apoio. Eles dizem que é uma herança que a gente nunca perde e isso é ganho e tem que aproveitar porque muita gente não ganha." "Meus pais simplesmente querem que eu tenha uma meta e essa meta tentar chegar lá."

"... para eles o estudo é o básico. Sempre procuram incentivar eu e meus irmãos para freqüentar, tirar boas notas e aprender." Eles esperam que eu seja um técnico tanto faz em que habilitação."

Os pais "acham o estudo necessário e incentivam. Eles acham que eu devo me formar e depois ter um bom emprego."

Os pais "acham que é muito importante porque eles não tiveram tan

to estudo e pensam que se tivessem estudado seriam pessoas melhor colocadas. Sentem uma certa falta até em se expressar, então eles querem dar o que eles não tiveram, mas o que eles mais querem é me verem formada em uma faculdade."

Os pais acham "que o estudo hoje em dia é indispensável para a pessoa. Eles pensam em um bom emprego e querem que eu faça uma faculdade de qualquer jeito."

"Eles são muito a favor... e na época atual como uma coisa que não pode faltar na vida de um ser humano." Os pais "esperam minha realização profissional e pessoal... é lógico que existem conselhos para que eu siga medicina que é a única experiência de meu pai mas quero deixar claro que não estou bitolada... eu sigo porque eu quero."

O estudo é importante "e minha mãe é um dos pontos que ela tenta incentivar." Espera "uma realização profissional e também uma cultura em termos de estudo."

Os pais acham bom o estudo, porque à noite tem "toda a opção de divertimento então se a gente estuda eles sabem que a gente está bem." Não é comentado o que os pais esperam do seu futuro, mas "eles devem esperar que eu consiga ser alguém."

"Meu pai quer que eu estudo, a mãe já não... ela acha que o estudo não leva a nada. Meu pai espera que eu faça uma faculdade e não quer que eu trabalhe e minha mãe não acha que isso faz diferença" em termo de um bom emprego.

A mãe (também o pai) acha o "estudo muito importante, principalmente hoje em dia que está difícil de arrumar emprego e uma pessoa com mais estudo tem mais privilégio." A mãe espera que se realize e que faça uma faculdade.

Os pais "já que eles não conseguiram estudar eles pedem até para que os filhos estude, mas eu sou a única que segui. Eles esperam que eu consiga um futuro... um emprego e que consiga alguma coisa na vida."

Os pais "acham que agora inclusive é uma necessidade, não só para emprego... para conhecimento porque agora está indo tudo pra gramática e aí a gente precisa do português, da matemática e do próprio inglês, é tudo escrito em inglês." E eles esperam que com o estudo que eu tenho "possa futuramente tirar uma faculdade."

Os pais pensam que o estudo traz um futuro melhor "porque hoje em dia está tão difícil para quem tem curso superior, imagina para quem não tem." Eles gostariam que fizesse uma faculdade porque te nho irmãos casados que estão fazendo.

Os pais acham que o estudo "é uma coisa muito importante na formação da vida de uma pessoa porque sem estudo o nível mental não é tão elevado... dá mais capacidade, mais inteligência..." Esperam que "eu faça uma faculdade e comece e a trabalhar."

A família pensa que o estudo é uma "boa para a pessoa... arrumar um bom emprego na cidade."

Os pais "dão muita força e muito valor para que eu continue, porque eles tiveram pouca instrução e faz falta para ter uma posição social melhor." E eles esperam que a aluna seja médica.

Os pais estão por fora da realidade mas ele trabalha por própria iniciativa porque no fundo eles dizem "tem que trabalhar" "tem que estudar" e ficam perturbando quando é reprovado porque eles não sabem que tem que ficar se calando para ganhar um mísero salário. Os que eles "esperam de mim não sei porque falo pouco com meu pai e nada com minha mãe... e sobre estudo seria a última conversa."

O pai não queria o estudo da filha mas a mãe sim. Como não tinham condições de pagar seus estudos veio até a cidade, arrumou um emprego e começou a trabalhar. A mãe gostaria que a filha fizesse uma faculdade.

O estudo é um meio do "cara progredir" e os pais esperam que o filho não desista dos estudos.

O marido dá a maior força para que continue seus estudos e para isso cuida do filho à noite. Para ele tanto faz, a decisão cabe a ela e está muito de acordo que faça a faculdade.

Os pais acham o estudo fundamental, "nem pensar em parar, Deus me livre... Eles esperam que eu tenha um bom emprego, que eu tenha chance de melhorar na vida."

Os pais acham que os filhos devem estudar mesmo e fazer faculdade ou não é por conta da gente.

Os pais estão muito contentes que a filha está fazendo o 2º grau porque eles não continuaram por falta de condições e a oportunidade oferecida a aluno os deixam muito satisfeitos e gostariam que fizesse faculdade se fosse possível.

REPRESENTAÇÕES ACERCA DAS EXPECTATIVAS DA

ESCOLA COMO INSTITUIÇÃO

A escola serve para "... dar conhecimento do mundo, da vida. Tem que saber um pouco para viver neste mundo." A escola em que estuda é modelo para uma escola ideal.

A escola serve para "uma orientação, abre caminhos, dá instrução de como viver na sociedade". Na sua opinião, a escola deve dar "assistência... que ela faça o possível para formar os alunos para alguma coisa."

"Para orientar o aluno... para isso deve ter um serviço de orientação (a exemplo do SOE). Ter um 2º grau que prepara para a faculdade... desenvolver mais a parte de esportes porque tira aquela rotina tanto do professor quanto do aluno." Isto seria uma forma de tornar a escola um lugar mais agradável para o aluno vir para a escola "porque gosta e não por obrigação."

A escola serve "para orientar o aluno para ver se ele encontra um caminho na vida." Em uma boa escola não há distância entre professores e alunos... "os alunos devem participar do que acontece na escola... porque sem os alunos não seria nada — a escola não existiria — e os alunos estão sendo pouco valorizados..."

A escola em geral serve para "dar conhecimentos... sem o estudo é muito difícil conseguir um emprego melhor..." Dentro de uma boa escola deve existir muito respeito e "é muito importante ter disciplina."

A escola serve "para ensinar o aluno, para formar em algo... especializar em alguma coisa" que seria a qualificação para o trabalho e "para dar um diploma ao aluno." Uma escola ideal "é esta aqui... cada escola tem suas regras e esta tem as suas, mas den-

tro da medida certa. Tem gente que não gosta de portão fechado... mas eu acho certo porque o aluno vem para aprender."

A escola serve para o "aluno crescer, porque não adianta ficar sempre no mesmo ponto... na mesma tecla... e a escola ajuda a sair porque acho que hoje em dia quem não tem estudo não vai em frente." Uma boa escola deve dar "bastante segurança ao aluno e fazer com que ele aprenda alguma coisa..." Considera muito importante manter disciplina como por exemplo portões que determinam a hora de entrada e saída dos alunos.

A escola serve para "mostrar ao indivíduo como é a realidade" complementando a educação dada na família. "A escola deveria dar ao aluno uma chance de falar o que ele pensa... deixar uma certa liberdade ao aluno... que ele pudesse mostrar sua capacidade e sua criatividade."

A escola serve "para formar o indivíduo, para que ele aprenda a viver na sociedade e como fazer, como tratar as pessoas, orientar a vida." A escola "deveria formar o aluno para ser uma pessoa e não uma máquina."

A escola serve para "ensinar, educar as pessoas para ter um futuro". Como deveria ser uma boa escola nunca chegou a pensar nisso mas na escola em que estuda "o ensino deveria ser bem mais exigente."

"... não sei me explicar... para mim ela ajudou bastante senão eu ficaria burra, analfabeta." Ela serve para a formação do aluno, para instruir, dar cultura. As duas escolas que estudou são boas e não sabe a diferença com as outras. Não teria nenhuma modificação a fazer, considera ideal a escola como ela está.

"... para auxiliar a gente a ser mais gente... tem convivência... conhecimentos gerais." Uma boa escola deveria ter várias atividades... tipo criatividade, teatro para desinibir o pessoal... isso ajuda muito para deixar o aluno mais preparado para a vida. Mesmo Educação Física, deveria ser dado porque a gente fica sentada o dia inteiro em um escritório.

A escola serve para "entrosar o aluno na comunidade, aprender as coisas básicas para viver na comunidade." A escola deveria além de ter teoria, porque hoje em dia é só teoria, deveria ter bastante prática junto "intercalando por exemplo uma aula prática com uma aula teórica "a gente aprenderia mesmo."

A escola "serve para orientar o aluno, ensinar o aluno para quando crescer saber algum trabalho." Para uma escola ser boa deve manter disciplina e ter bons professores.

A escola serve "para aprender alguma coisa sobre a profissão que a gente quer seguir depois." E uma escola para ser boa deve ter "bons professores e que exige respeito."

"A escola serve para aumentar a cultura de uma pessoa... é um meio de aumentar a cultura do povo... fazer com que o povo pense mais, consiga acompanhar os acontecimentos." Uma escola para ser boa "deve ter bons professores, ter não bem uma rigidez mas uma organização porque uma escola desorganizada não leva o aluno a pensar." Isso a ex. do Alberto Torres que fazem com que o aluno aprenda, ficam em cima, não deixam de lado o menos interessado, "ficam persistindo, eu acho certo."

A escola serve para aumentar o nível de conhecimento das pessoas. Em uma boa escola há bons professores que não ficam só no livro mas criticam e dialógam com o aluno.

"A escola atualmente como uma instituição tem como principal objetivo a formação do aluno, mas além da formação a outra característica básica é a informação que não é transmitida nas escolas.... mas esta consegue consiliar ainda a formação com a informação... porque só a física, a matemática são importantes mas elas bitolam e deixam de lado a realidade do país, a realidade local... deve também existir também uma igualdade que tanto o professor como o aluno tenham direitos e deveres."

A escola é "muito importante para a formação do indivíduo." Para uma boa escola "acho que deveria analisar vários fatores, mas eu acho que seria principalmente integração aluno e professor..."

procurar formas de expor para o aluno para maior captação."

"A escola pra mim desde pequeno sempre foi a 2ª família... é o lugar que eu consegui desenvolver um pouquinho de cultura." Uma boa escola "deveria em 1º lugar eleminar a última aula porque eu acho que ela não traz nada para quem trabalha, mas no geral aqui é uma escola modelo."

"A escola serve pra aprender a somar, multiplicar. Eu diria que ela serve para ensinar a ler e a escrever porque assim no colégio a gente aprende muita outra coisa também. Durante a aula o professor para e fala da realidade... é bom a gente se interessa... falam de problemas sociais, dão a opinião deles." E uma boa escola "é isso aí."

A escola serve para "informar e também ajudar na formação como um complemento da família." E uma escola para ser boa deve "conseguir unir estas duas coisas: a formação com a informação."

A escola "ajuda na formação da pessoa e é necessária porque vem um de cá, outro de lá, vários tipos de famílias e a gente consegue tirar um pouquinho de cada" que seria para a aluna uma socialização. Em uma boa escola os professores devem considerar o aluno que trabalha e não exigir demais.

A escola é uma "orientação maior pra pessoa, porque na família a gente ganha, mas para encarar certas coisas não tem na família." Uma escola para ser boa deve "por exemplo, cada curso todo o material para poder trabalhar nisso" que seria condições de recursos materiais marca cada habilitação que a escola se propõe.

A escola "dentro de um certo contexto dá mais cultura" orienta o aluno em noções mais gerais. Em uma boa escola "deveria ter mais discussão do que nós estamos tendo... instruir, tudo é muito longe da realidade. Mesmo que as matérias sirvam para o vestibular isso é porque está dentro de um certo padrão" e acha que deveria mudar, ensinar aquilo que se precisa no dia-a-dia.

A função da escola é ensinar e em parte formar o aluno e uma escola deveria ter todo o material necessário, condições para formar o aluno naquilo que ela se propõe em termos de ensino.

A escola prepara a pessoa para a vida e deveria para ser uma boa escola ter disciplina, ordem e respeito.

Não sabe para que serve a escola, mas esta deveria servir "para educar a pessoa para a vida, mas ultimamente ela só visa o vestibular e não deveria ser isto, deveria também profissionalizar. Uma boa escola deveria ter filosofia e sociologia (2º grau porque foi tirado) e preparar o aluno para poder arranjar emprego e também preparar para o vestibular.

"... a escola, uns anos para cá está vendo que o problema é educação e estão querendo investir mais em educação, mas não adianta, ela não ensina o que a gente quer e não adianta ir contra porque é despedido. Uma escola boa deve ter bons professores e um equilíbrio entre liberdade e rigidez.

A família dá uma formação e a escola continua dando outra formação. Uma boa escola deveria dar matérias que interessam aos alunos."

"... talvez para conhecer-se a si mesmo, os outros e aprender" e fazer com que o aluno saia daqui realmente com uma profissão. Uma boa escola deveria ter um "plano de trabalho" que integrasse todas as matérias e que uma não entrasse no campo da outra e uma seria sempre seqüência, não se chocassem.

A escola serve para educar, melhorar a cultura e abrir caminho para a faculdade. Uma boa escola deve ter bons professores, se preocupar mais com a prática e não só com a teoria.

A escola serve para ensinar, abrir caminhos e arrumar amigos. Uma boa escola deveria promover mais encontros para debater assuntos e também mais divertimentos.

A escola serve para dar conhecimentos aos alunos. Uma boa escola

deveria ter prática junto com a teoria, porque "tem teoria que nem para vestibular serve."

A escola é um meio de socializar a pessoa, para viver bem na sociedade e também para dar conhecimentos. Uma boa escola deve ter proximidade entre professor e aluno.

REPRESENTAÇÕES ACERCA DA ESCOLA EM QUE ESTUDAM

"É uma boa escola, não tenho queixa contra". Escolheu esta escola porque não é um "colégio caro e tem o curso de Análises Químicas que é forte... e Lajeado é também uma cidade um pouquinho maior". Cita como as melhores coisas da escola "uma biblioteca bastante ampla e um bom laboratório para o meu curso."

Esta escola "dá uma boa assistência apesar de ter repetido a 1ª e 2ª série... Escolhi esta escola por ser estadual". As melhores coisas são o "SOE e o SCP e também uma noite de formação com os Irmãos porque é uma coisa diferente de ficar 5 períodos... toda noite... sentados em uma sala de aula."

"É uma boa escola, apesar de ser estadual eu gosto." Estuda nesta escola porque "todos os irmãos estudaram e se saíram bem". Nesta escola "tudo está bem... porque tem muitas classes misturadas (classes sociais) porque se existe mesmo não adianta querer ficar se separando."

Esta escola "é uma escola muito boa que ajuda o aluno... dá condições para o aluno crescer, dá orientação (orientação educacional). Escolhi esta escola porque só aqui tem magistério". Como coisas boas da escola cita "o bom funcionamento, a biblioteca, colegas, professores..."

Esta escola "é uma escola muito bacana... já me acostumei aqui por isso preferi ficar aqui." Uma das coisas boas desta escola é o "coleguismo que tem entre os professores e alunos... não marcam o aluno, eles compreendem e dão muito apoio..."

Gosta muito da escola "...aprendi muita coisa e acho que foi um dos melhores colégios que eu já estudei... é diferente, tem Irmãos que ensinam muitas coisas boas que a gente leva para fora". As coisas boas são "o relacionamento com os colegas, professores bacanas... uma escola calma". Escolheu esta escola porque "enfermagem só tem de noite nesta escola que é particular".

"Até agora me senti sempre bem nesta escola, sempre gostei dos professores. Escolhi esta escola em primeiro lugar porque é particular, a gente se sente melhor porque é mais segura e também porque tem enfermagem" que é a única na região que oferece esta habilitação. Mas caso tivesse enfermagem somente em um colégio estadual acha que não faria.

"... é uma escola muito fechada ...não tem muita liberdade para agir dentro dela... O ensino não é tão forte como a maioria das escolas" — é um mal geral. Escolheu esta escola em função do curso. Considera "bom" apenas a organização das salas, o prédio, a limpeza.

"Ela não deu tudo o que poderia dar, tem muita teoria e pouca prática para o magistério e também para preparação ao vestibular não foi suficiente. Escolhi esta escola porque noutra não tem magistério". O que é bom aqui "são os professores amigos dos alunos... é uma escola de Irmãs e uma das principais coisas e a religião que ajuda na formação do magistério."

Considera um bom colégio "apesar do estudo ser mais fraco do que os outros colégios da cidade, mas isso é o que os outros dizem... acho que é a mesma coisa, só boato". Escolheu esta escola pela proximidade de sua residência. Destaca "os colegas" como uma das melhores coisas da escola.

Estuda desde a 5ª série e "foi bom meu comportamento como o dos professores". Está nesta escola porque além de morar perto já estava "acostumada e foi difícil eu sair daqui". Há muitas coisas boas, "como a cancha de esportes, laboratório, biblioteca" mas é uma pena que à noite está tudo fechado, então é só sala de aula mesmo. A aluna diz que gosta muito de ler.

"Gosto do Melinho, é ótimo o ambiente. O aluno está mais próximo do diretor e do professor e o ensino também acho bom". Escolheu esta escola por causa do curso. "Técnico de Secretariado é a minha função, é o mais próximo da faculdade que eu quero fazer e que se relaciona com o meu serviço". As melhores coisas "daqui é o coleguismo... e tem menos alunos também."

Estuda nesta escola desde a 7ª série. O colégio é particular e consegue se entrosar bem com os colegas e professores. Acha que poderia ter isso no Castelinho "mas outras pessoas me disseram que aqui era bom e então vim por causa disto" e está satisfeito. O principal desta escola é a união entre "professores e alunos."

Considera uma escola muito boa, "comparando com as outras tem um ensino alto e para mim isso é muito importante". Estuda nesta escola desde a 1ª série do 1º grau e tem consciência que esta escola é a melhor da cidade e por isso nunca trocaria por outra. Destaca o bom nível de ensino como a melhor coisa desta escola "porque quando o aluno sai para o mercado ou para outra escola ele sempre apresenta uma maior habilidade, uma maior sabedoria."

Acha o Alberto Torres "é bom em termos de ensino de moral, todo pessoal acha que é bom e eu também." Escolheu esta escola por causa do curso de Contabilidade. Considera como uma das melhores coisas "é a amizade porque a turma é pequena e todos se conhecem". Gosta também da direção e dos professores.

"É uma escola muito boa, difícil de se encontrar atualmente porque ela prepara muito bem seus alunos. Os professores são bons e eu acho a melhor da região, assim é considerada". Considera como as melhores coisas da escola "o sistema e o material de ensino, os professores. Usam Slides por exemplo nas aulas de alemão, "porque eu estudei aqui na cidade e quando cheguei lá fiquei até abobada, tudo diferente."

Considera uma "boa escola". Estuda neste colégio "por causa dos pais que já estudou aqui e disse que era boa e pelo exemplo dele eu vim". Para ele o "coleguismo é ótimo... o esporte também é bom, basquete, volei, atletismo e os professores são todos de boa capacidade."

"Estudo desde o 1º ano (são 11 anos) posso dizer que o estudo é muito bom, professores muito eficientes, uma escola muito organizada, sendo também por ela ser particular e não ter muito desnível entre os alunos, então o clima de estudo é ótimo". Quem esco-

lheu esta escola foram os pais, "mas como eu disse que gostei e gosto, continuei". "... as melhores coisas é o ensino transmitido pelos professores e não posso deixar de citar que aqui na região é a melhor escola e uma das melhores coisas que tenho é o contato com os colegas, porque como disse antes o nível... porque se estivesse em uma escola pública a realidade seria outra... porque eu não vivo aqui dentro uma realidade brasileira... foge ao normal das outras escolas, é uma excessão."

O aluno não tem muito a dizer, porque começou o 2º grau, saiu e voltou. Na volta encontrou "uma estrutura mais simplificada, mais aperfeiçoada". Está nesta escola porque já havia estudado antes e por ser pública. Das melhores coisas "pontualidade e as aulas correndo normalmente e a própria distribuição das matérias dadas."

O aluno não tem "queixa contra" a dizer, mas o que acha errado "é ter bastante gente caminhando pelos corredores e isto atrapalha bastante porque pega o lado da rua também". O colégio tem corredores amplos e com janelas também amplas e bastante baixas. Escolheu esta escola porque estudava no seu município e com o trabalho mudou de cidade e para continuar a mesma habilitação foi a esta escola porque só ela oferece esta habilitação à noite. Não percebe nada de especial nesta escola e por isso não cita as melhores coisas dela.

"Estou nesta escola há 8 anos, eu acho legal porque dá aquela liberdade, para assistir aula ou não, mas fazem a gente entender que é importante... no recreio o portão está aberto e quem quer ir embora vai... ou se a gente não quer assistir uma aula, toma um cafezinho e depois volta." Escolheu esta escola por ser estadual e também pela habilitação. A liberdade é a melhor coisa."

Nesta escola iniciou o 1º grau e depois foi para o Alberto Torres "Gostei tanto daqui que voltei no 2º grau. Acho uma ótima escola porque ela é bastante liberal... lá o ambiente era mais rígido... os professores alguns muito velhos e parece que eles não evoluíram... o Castelinho também está num nível muito elevado e

em alguns pontos até melhor". Escolheu esta escola porque gosta.

Escolheu esta escola por ser estadual e tem o curso de Auxiliar de Escritório. A melhor coisa da sua escola são os colegas.

Gosta muito da escola e sente ter que deixá-la no final do curso. Estou nesta escola porque quando eu vim para cá minha tia me matriculou aqui porque já tinha 2º grau e perto de casa não. Para a aluna tem muitas coisas boas na escola, a principal a união. "Aqui não tem aquele negócio de secretária, a gente resolve os problemas mesmo não envolvendo muita gente. Aqui a gente pode vir pedir explicação porque tem um centro de COMO ESTUDAR, mas só para matérias básicas. Os professores são bacanas, eles conhecem a gente também na rua, cumprimental..."

Acha que deveriam exigir um pouquinho mais dos alunos mesmo que é noturno, "é mania de reclamar, estou cansado" deviam segurar um pouquinho a barra. Escolheu esta escola porque tinha A.Q. no noturno. Nesta escola a aluna não viu nada de especial, mas acha uma boa escola.

"Pelo fato de eu vir de Estrela para cá, gosto muito da escola, inclusive ela dá uma base para o vestibular muito boa... e vim para esta escola por causa do curso... ele poderia ser mais forçado". E o que lhe chamou a atenção ao vir para esta escola foi a cantina porque é um lugar onde todo mundo se reúne e também o relacionamento com os professores."

Acha que nesta escola aprendeu muito e julga uma boa escola para estudar e escolheu esta escola por ser estadual — não paga. Não vê nada de especial nesta escola.

Para quem viu outras escolas como "Martin Luther" de Estrela que é particular e o nível daqui é muito melhor. Escolheu esta escola por ser estadual e muito elogiada. Considera como uma das melhores coisas o nível de ensino, os bons professores, as vice-direções porque informam muito o aluno.

Em comparação ao ano anterior a escola melhorou muito e em relação ao colégio Alberto Torres onde estudava, ele dá muita liberdade. Lá é muito rígido, gostaria de voltar para lá só para derrubar tudo... e aqui tem liberdade demais. Escolheu esta escola no 2º grau porque a maioria dos amigos estavam aqui e também pelo curso porque lá só tem contabilidade à noite. Na escola não existe coisas boas.

A aluna está satisfeita com a escola e escolheu esta escola porque a maioria de seus colegas de origem estudam nesta escola. Não vê na escola coisas boas e nem coisas desagradáveis.

O aluno estava no seminário e chegando nesta escola o sistema é bem diferente mas "deu certo". Gosta da escola. Escolheu o Castelinho porque quando começou morava perto e depois mudou para o bairro e como gostava da escola ficou. O melhor da escola "é a filosofia" e cujo princípio básico é o de que o aluno aprenda.

Considera este colégio muito bom e há uma grande união entre professores, alunos e direção. Escolheu esta escola por causa do curso para poder ajudar na firma na parte de contabilidade.

É uma boa escola e ensina bem. Fez o 1º grau e está acostumada com a escola por isso escolheu esta escola. As melhores coisas... "os professores na maioria são bons, salas bem organizadas, biblioteca com tudo o que a gente precisa."

Considera o Castelinho uma escola muito boa, uma escola muito exigente, tem horário para entrar e isto é importante. Comparando com o Alberto Torres acha bem mais puxado este curso, talvez por ser contabilidade que não era tão profundo. Escolhi esta escola na 2ª vez porque tem curso que prepara como vestibular. Além das normas que a escola impõe em termos de obedecer horários, seria o Serviço de Orientação Vocacional, o Centro Cívico e o Grêmio estudantil.

Considera uma boa escola e apesar de ter vindo para esta escola porque outros a aconselharam, está gostando muito. Veio também em função do magistério.

REPRESENTAÇÕES DA ESTRUTURA DE PODER DA ESCOLA

Para ele "depende da conscientização da turma em entrar em um acordo ou não... mas nunca houve um incidente que não pode ser resolvido..." Pelo que lembra nunca houve determinações vindas da direção. Acha que tem participação.

A direção resolve os problema da escola mas reconhece a participação dos alunos. Não lembra ter ocorrido decisões oficiais da direção que os afetassem.

Acha uma escola muito democrática e a solução dos problemas em parte depende da diretoria mas reconhece a participação de alunos e do próprio grêmio estudantil.

Para a aluna, todos participam na solução dos problemas que acontecem na escola e que lhes dizem respeito. Os que competem a direção é a própria direção que resolve.

Sente-se participativa na resolução dos problemas que acontecem na escola, embora apenas uma vez tenha ocorrido problemas com um professor.

Participam da solução de problemas que se relaciona com aluno e os outros é a própria diretoria que resolve.

"As vezes a gente participa das decisões... pedem opinião para a gente, se a gente concorda ou não."

Os alunos participam, "mas a solução mesmo é da direção". ...nem sempre pedem ajuda do aluno e depois é que informam". Esta escola "está de cima para baixo."

"Os alunos ajudam a resolver certos problemas, mas a maior parte é com a diretoria mesmo."

A solução dos problemas da escola dependa da direção com a participação dos alunos.

A solução dos problemas depende da direção mas tem a participação dos alunos mas "não diretamente porque tem representantes de classe e o grêmio".

Quando acontecem problemas que envolve alunos e professores, os representantes de classe e o grêmio participam na solução dos problemas.

Os problemas da escola por ser uma escola de Campanha quem resolve é uma diretoria, mas se envolve alunos e professores, estes participam.

A solução dos problemas que acontecem na escola "é claro que depende da direção e dos alunos... o aluno deve estar por dentro dos problemas da escola para tentar resolver, como ele é aluno e está freqüentando ele teria que saber."

Depende do diretor, mas nós à noite temos o coordenador, acho que ele conversa sempre com o diretor. Os alunos que são os líderes de classe participam do conselho.

Existe na escola um sistema de representação de alunos mas tem muitas decisões que vem prontas da direção.

O aluno não vê a participação de alunos na solução de problemas porque isso "é do diretor com a diretoria".

Há problemas que dependem do aluno e outros da direção e a "direção está aí para isso". Mas os alunos participam de forma direta e indireta. "Indireta a direção toma a decisão e o professor nos comunica e direta nós temos um representante onde ele eleva os problemas da classe e depois trás a resposta.

O aluno já tem alguma participação, mas é pouca. "O aluno está começando a se interessar aos poucos, começando abrir as vistas para isso."

Quando envolve alunos e professores, dificilmente não é solucionado. Se não for vai pra direção, vice-direção, o SOE, SCP. Os professores se interessam muito e a gente se entende. E quanto a questão de não assistir aulas, ou de não fazer um trabalho ganha zero, mas não tem castigos outros.

Há participação de alunos através do grêmio e de representante de classe. Só no 1º ano quando a direção veio sugerir para um colega cortar o cabelo porque era muito cumprido e "como não cortou aí vieram outra vez e os alunos tomaram o partido dele". Também em outros casos os alunos são muito unidos.

A decisão de problemas depende "ou do conselho de classe ou até mesmo do professor" e dificilmente recorrem à direção.

A aluna considera que há participação dos alunos na solução dos problemas que acontecem na escola.

Embora exista oficialmente representação de alunos pelos problemas que já ocorreram sempre prevalece o que a direção pensa então a solução depende deles.

Nunca tem observado como são resolvidos os problemas que acontecem na escola.

Os problemas são encaminhados através do líder de turma e através dele os alunos são ouvidos o que considera correto.

Há participação de alunos mas a direção e vice-direção fazem as comunicações pelo interfone, mas os alunos participam, principalmente o grêmio.

Tem representantes mas "isso aí é só pra dizer que tem, só para assistir uns negócios que a direção tem pra dizer e pra não dizer pra todo mundo diz só pra eles, mas as decisões vem sempre de cima". É preciso vestir outra camisa, "a nossa camisa de força".

Para a aluna nunca aconteceu nenhum problema na escola e não sabe

como seria solucionado caso viesse a ocorrer, provavelmente da direção.

Acha que os alunos deviam ser mais atuantes, tomar iniciativas além de participar. Muitas coisas vem da direção porque os alunos não se envolvem.

Sempre são procuradas as soluções com os envolvidos e há um representante e um conselheiro que participam, só em último caso vai para a direção.

Problemas de classe são resolvidos entre a classe e os envolvidos, mas dificilmente tomam conhecimento dos problemas gerais.

Não considera que há participação de alunos na solução de problemas da escola mais diretoria mesmo.

Estão com uma representante de classe muito competente e todos os problemas são resolvidos. Dos problemas que passam pela classe a direção é sempre convocada e levado a uma solução com a participação dos alunos.

REPRESENTAÇÕES ACERCA DA PROFISSÃO DESEJADA

A profissão é medicina. Para isso pensa em uma boa preparação, muito estudo. E o que espera para seu futuro é "ser médico". E a habilitação que cursa estaria preparando "em parte para o vestibular".

"Não me decidi ainda se vou prestar vestibular logo e nem qual a faculdade. ...depende da situação financeira". Mas para ingressar em uma faculdade acha necessário fazer um cursinho preparatório.

A profissão que mais gostaria é "trabalhar em um escritório". Espera "conseguir um bom emprego pra não depender dos outros... se fosse para continuar sendo empregada doméstica eu não precisaria estudar ...penso em fazer uma faculdade porque eu acho muito importante". Para isso precisa se esforçar muito, procurar emprego de auxiliar de escritório e depois "montar um escritório próprio". O curso estaria já dando "uma base... mas poderia ter mais prática".

Pretende fazer Fisioterapia e para ser fisioterapeuta "é preciso estudar muito. Espera "conseguir enfrentar todas as barreiras, assumir a profissão". Acha que o curso está ajudando não em termos de profissão mas de preparação para o vestibular "porque não tem muita diferença entre Desenho de Publicidade, Análises Químicas e Auxiliar de Escritório... porque todas as habilitações têm disciplinas iguais para o vestibular."

No final do curso pretende dar aula e também fazer simultaneamente uma faculdade que "pode ser História, Ciências Biológicas, Matemática... mas a nível de licenciatura". Não acha necessário cursinho para fazer vestibular "é só estudar um pouco".

O que eu sempre queria era ser artista de novela... depois medicina. Mas eu devia ir a PA com 14 anos e aí não dava..." Mas acha que é o magistério mesmo que ela quer. Precisa muita força de von

tade para conseguir, de querer melhorar cada dia". O que espera de si mesma "é ser uma boa professora". Acredita que sim embora a parte prática é dada na 3ª série e mais um semestre com regência de classe supervisionado.

No final do ano pretende trabalhar em um hospital "se conseguir um emprego... senão eu continuo no jornal. Tinha pensado em fazer faculdade mas não tenho certeza ainda...não gosto de estudar". Caso fizer faculdade sente a necessidade de fazer um cursinho pré-vestibular.

A profissão preferida é veterinária. Espera conseguir o que está planejando porque gosta muito de animais e "talvez eu ia me dar bem com isso". Sente a necessidade de conhecer melhor a profissão "... para não ter que desistir durante a faculdade porque des_ubro que não é aquilo". Em parte o curso de enfermagem estaria preparando "porque a parte fisiológica do corpo humano não tem muita diferença de um animal".

No final do curso gostaria de fazer faculdade mas não sabe se terá condições de estudar logo por motivos de saúde. Depende de um tratamento médico. Acha que necessita de um cursinho preparatório para o vestibular porque "química, física e matemática são insuficientes para enfrentar o vestibular".

A profissão que mais gostaria de seguir é enfermagem. Para chegar até lá é "preciso muita garra" para ser uma boa enfermeira e também para conseguir um emprego para exercer a função". Isto em nível técnico e mais tarde fazer faculdade. E o curso "é claro" está preparando para isso.

No final do curso gostaria de fazer outros mas não sabe ainda se é logo a nível superior. Mas se fosse vestibular precisa fazer um cursinho pré-vestibular "porque o colégio não prepara".

A profissão é enfermagem e já está inserida no mercado de trabalho da área. Espera para o seu futuro "em primeiro lugar ser uma boa enfermeira e se conseguir ir para a frente, vou pra frente"

que seria cursar a faculdade o seu grande sonho.

No final do curso pretende fazer faculdade "mas quero dar aula também". Quer fazer Ciências Biológicas. Acredita que estudando não há necessidade de fazer cursinho pré-vestibular.

A profissão que pretende seguir é o magistério e este é o que sonha ser: professora. Para conseguir isso precisa de muita força de vontade e o curso está ajudando para alcançar seu objetivo.

No final do 2º grau pretende fazer vestibular e cursar uma faculdade de Psicologia ou Pedagogia. Acha que consegue vencer o vestibular sem cursinho estudando sozinha, pesquisando em livros. Para isso está assistindo aulas à noite com enfermagem de química, física e matemática pois os professores são os mesmos. A profissão preferida é Psicologia e para chegar até lá precisa de "muito esforço" mas o curso não está preparando "porque eles se preocupam muito com a teoria das matérias específicas para o magistério".

A profissão que aspira é advocacia e para chegar até lá precisa muito esforço e considera que o curso que faz "dá uma base da parte de legislação" e espera conseguir esta profissão "para arrumar um emprego que dê para viver melhor" mas terá que trabalhar enquanto cursar a faculdade para pagar os estudos.

Pretende fazer vestibular mas pretende "descansar um ano... no fim a gente vai gostar mais da faculdade. Pretende fazer letras porque uma ex-aluna que agora é professora do mesmo colégio que estuda "fez e se deu bem". Acha bom fazer um cursinho pré-vestibular.

Ainda não sabe qual a profissão que vai seguir "pra mim eu topo qualquer parada, o que vem morre porque sou assim, pra sobreviver hoje em dia a gente não deve ligar para o que vem pela frente e que estivesse ao alcance. Está muito indecisa e acha que deveria estar fazendo o magistério quando está fazendo secretariado. Não tem objetivo ainda.

No final do curso pretende fazer faculdade de Administração de Empresas, mas precisa fazer um cursinho pré-vestibular.

A profissão "é esta que estou seguindo. Administração de Empresas para trabalhar como escriturária executiva ou administração". Para isso é "necessário dar muito de si. Por ex. agora no 2º grau já consegui trabalhar nisto. Tem que trabalhar para conseguir "O curso está colaborando para atingir sua meta e espera "ter muito sucesso".

No final do curso pretende fazer faculdade de odontologia mas sente a necessidade de fazer um bom curso pré-vestibular "porque não tem muita coisa de faculdade".

Pretende seguir odontologia. "Tenho que estudar bastante, ter uma boa base porque não é fácil uma faculdade mais alta". O curso que faz está dando uma base muito pequena para as matérias que entram no vestibular.

No final do curso pretende ingressar nas Forças Armadas mas se não conseguir pretende ser contabilista. Acha que se fosse fazer um vestibular o curso que faz é suficiente para ingressar mesmo sendo noturno. Por enquanto não está decidido em partir para uma faculdade, prefere trabalhar.

A profissão que pretende seguir é após a conclusão do 2º grau ingressar nas Forças Armadas e nas próprias escolas fazer eletrônica. Para ingressar é necessário apenas um teste e a escolaridade exigida é apenas o 1º grau. Acha que o curso que faz sempre dá conhecimentos gerais, embora não tenha relação com eletrônica. Mas seu sonho é ingressar nas Forças Armadas.

No final do curso pretende fazer faculdade de ciências contábeis e não vê necessidade de fazer cursinho pré-vestibular.

Pretende ser contabilista e para isso é "preciso estudar, se interessar. Não levar o curso na brincadeira, mas a sério" e o curso a estaria preparando plenamente, não deixando nada a desejar. Espera de si mesma "ter um emprego bom que eu saiba fazer realmente e que eu me dê bem com os colegas".

No final do curso "pretendo fazer vestibular para biologia ou me-

dicina, ainda estou em dúvida". Não vê necessidade em fazer outros cursos pré-vestibular porque o colégio dá condições e "tem muitos exemplos a se tomar de gente que foi e passou".

Ainda está em dúvida "mas gostaria de ser professora. Só sei que quero estudar biologia, mas não sei se é bióloga ou professora, médica ou mestre". Para isso precisa de "muito estudo e muita dedicação". O curso prepara muito bem para ingressar na faculdade. Espera ser um dia uma boa profissional.

No final do curso pretende fazer vestibular para eletrônica. Sente segurança em fazer o vestibular sem fazer cursos pré-vestibulares.

A profissão que quer seguir é engenharia eletrônica. Para chegar até lá é necessário "muito estudo e vontade, porque não adianta estudar e não ter vontade". O curso não estaria preparando para eletrônica pois para isso deveria fazer um curso de Técnico Eletrônico mas está preparando para o vestibular. O seu sonho é fazer faculdade "e ter um bom emprego".

No final do curso pretende fazer vestibular para medicina e estudando, revisando tudo o que foi dado não há necessidade de fazer outros cursos.

A profissão que vai seguir é medicina que precisa de "muito estudo e muita confiança em si mesma" e o curso que faz prepara para o vestibular que é o interesse da aluna.

O aluno pensa em vestibular para uma faculdade no campo da publicidade. Acha que seria muito bom poder fazer um cursinho pré-vestibular, daria mais segurança.

A profissão seria Relações Públicas. Precisa de "muito estudo, muito empenho". O curso está "dando um apoio que dá para considerar". Espera de si mesmo atingir seu objetivo que é a faculdade e a profissão definida.

No final do curso pretende fazer vestibular para Ciências Contábeis, embora deva continuar trabalhando. Acha necessário um cursinho para passar no vestibular "porque eu não tenho muita facilidade e não me interessa muito em estudar".

Esteve no seminário "e não eram como imaginava e aí voltei". Desde pequeno gostava de jogar futebol mas "quebrei a perna e caí fora. Agora quero ser bancário". Para chegar até lá precisa no mínimo faculdade para enfrentar concursos. Considera esta habilitação muito fraca para o que aspira. Mas o que espera mesmo é fazer uma faculdade "para arrumar um emprego melhor do que este".

No final do curso pretende fazer Faculdade de Letras porque gosta de língua ...tirar desenho todo mundo comenta que é muito difícil, belas artes também ...mas eu gosto mais de inglês e tem em Lajeado. Não vê necessidade de um curso preparatório ao vestibular.

Está em dúvida entre publicidade, arquitetura, enfermagem, mas pretende fazer Letras porque acha mais fácil e gosta de ensinar os outros que seria no caso magistério. O curso estaria preparando e ajudando em termos de uma base para as várias profissões com restrições a enfermagem. Para chegar até lá... "é só querer". O que espera de si mesma é passar logo no vestibular "porque quanto mais espero mais demoro".

No final do curso a aluna pretende fazer vestibular para faculdade de farmácia. Pretende fazer um cursinho de final de ano, mas acha que daria para passar assim.

A profissão que pretende seguir é farmácia e precisa de "muito estudo". O curso está preparando "porque muitas matérias são afins e também prepara para o vestibular". A aluna espera realizar-se como farmacêutica.

Depois de concluir o curso pretende parar um ano e depois fazer faculdade de química ou matemática para ser professora. É difícil entrar em uma faculdade sem um cursinho e por isso pretende parar um ano para poder fazer cursinhos.

A profissão é "ou ser professora ou trabalhar em escritório, mas antes ser professora do que trabalhar em um escritório". E para chegar lá depende do lugar para conciliar emprego e estudo. O curso que faz acha que não está preparando-a para o que quer e dela mesmo espera sempre o melhor... "é uma pergunta difícil de responder".

No final do ano pensa em fazer o técnico de enfermagem e mais para frente faculdade de enfermeira instrumentista ou psicologia. Se fosse fazer faculdade acha necessário cursinhos preparatórios embora esta não seja a sua vontade imediata.

A profissão que mais gostaria de seguir é enfermagem e para isso precisa de um curso e sua preferência seria a nível técnico mesmo. E o curso que faz não tem a ver com seus objetivos mas faz para ter 2º grau. De imediato pretende terminar este curso e tentar um bom emprego ou fazer outro curso.

Pretende no final do ano fazer faculdade de Ciências Biológicas e como pretende fazer na UFRGS acha que o curso não está no nível suficiente para competir com muitos candidatos vai fazer cursinho.

O que "eu mais gostaria de ser é pesquisadora em biologia e para isso precisa de bastante esforço, estudo e interesse em pegar mais livros de biologia na biblioteca, me dedicar mais tempo para ver o que indica este campo" porque sente necessidade de informações sobre o que pode fazer um biólogo. E o curso está preparando para o que quer, em termos de vestibular e também uma boa base de biologia. Espera de si mesma conseguir ser bióloga pesquisadora e não professora de biologia.

No final do curso pretende fazer Engenharia Química e acredita que não há necessidade de fazer outros cursos preparatórios ao vestibular.

A profissão que gostaria de seguir é engenharia química, mas precisa também conhecer melhor o mercado de trabalho porque "começa

ram a dizer que não tem campo... isso mexe com a gente. Sair de uma faculdade e não onde trabalhar. Gosto também de Oceanologia". Espera que possa fazer uma faculdade que lhe dê um bom emprego e se possível continuar estudando.

No final do curso pretende arrumar um emprego na cidade como auxiliar de escritório. Não sabe ainda se vai a faculdade, mas se fizesse seria Ciências Contábeis que tem na cidade, mas se fosse fazer vestibular acha que este curso não prepara o suficiente.

Pretende trabalhar em escritório e o curso já estaria preparando para isso, para ser um chefe de escritório e para chegar a isso sente a necessidade de mais estudo que seria uma faculdade.

No final do ano pretende fazer vestibular para medicina e não acha necessário outros cursos se continuar estudando sozinha.

A profissão que quer seguir é medicina e para chegar até lá "o 1º passo é o vestibular". O curso estaria preparando para o vestibular principalmente pela química.

No final do ano pretende deixar o emprego "e viajar pelo mundo até onde der o dinheiro". Não está pensando em faculdade e não sabe dizer se estaria ou não preparado com o curso que faz.

A profissão que mais gostaria de seguir é bancário. E pra chegar até lá... "...meu pai devia ter me colocado no banco quando eu era menor, aí dava". E o curso não tem nada a ver e com Análises Químicas também não quero nada. Financeiramente seria interessante assumir o lugar do pai que é herança, mas no comércio a vida da gente é muito prejudicada em fins de semana, bancário já na 6ª feira está livre.

Não sabe o que vai fazer no final do curso, mas se fosse prestar vestibular não vê necessidade de cursos complementares. Mas se vier a cursar faculdade está indecisa entre direito e publicidade.

Não pensou ainda qual a profissão que gostaria de seguir e nem pensou em futuro, por isso não tem a dizer o que espera de si mesma. Está desanimada.

No final do curso o aluno pretende cursar Ciências Contábeis e continuar trabalhando na mesma firma. Não pensa em promoção porque é difícil. Mas para passar no vestibular vê a necessidade de um cursinho preparatório.

A profissão que pretende é ser contabilista com escritório próprio e o curso que faz já é um passo porque tem matérias específicas mas que poderiam ser em carga maior e mais prática. Para chegar até lá é preciso conciliar estudo e trabalho e ser muito perseverante.

No final do curso pretende fazer vestibular para fazer Letras. Não há necessidade de outros cursinhos porque há muita vaga e a concorrência não é grande.

Pretende ser professora de Inglês e para chegar até lá precisa de muita dedicação. Fez cursinho de Inglês e está fazendo aux. de escritório em função da firma e também para ter um 2º grau. Seu sonho é fazer curso superior, se especializar em Inglês e seguir o magistério.

A aluna não sabe o que vai fazer no final do curso. Mas se um dia fizesse um vestibular teria possibilidades de passar porque sempre vai bem na escola embora o curso em si não dê essas condições. E se fizerm fará Física.

O que mais gostaria é Física para seguir o magistério e para chegar lá precisa de dinheiro porque está caro. O curso está apenas dando uma base, porque química é dado apenas no 2º e 3º anos. Espera que através do estudo consiga arrumar um emprego melhor e ter uma boa colocação, ser independente.

Pretende fazer faculdade de Biologia ou Veterinária mas não sabe se será no próximo ano porque precisa conciliar trabalho e estudo.

Acredita que não necessita de cursinhos para passar no vestibular.

A profissão que gostaria de seguir é veterinária e para chegar até lá precisa de um trabalho que pague os estudos. O curso já está preparando para o vestibular e também a carga de biologia será boa para o curso superior.

No final do curso se tiver oportunidade fará faculdade de Educação Física para aumentar o nível de classificação senão o salário é muito baixo. Mas pretende dar aula enquanto estuda e pretende fazer um cursinho pré-vestibular.

A profissão preferida é o magistério e para chegar nisso é preciso aproveitar bem o curso e depois prosseguir e o curso está na opinião da aluna preparando para isso. Espera ser uma boa professora, ir se atualizando sempre e criando coisas novas.

REPRESENTAÇÕES ACERCA DA RELAÇÃO ENTRE
ESCOLA-PROFISSÃO-TABALHO

Análises Químicas é um bom curso, mas como habilitação prepara um pouco, "mas não especificamente... mas precisa de uma instrução meio geral, porque só especializar em alguma coisa também não vale". Sabe algumas coisas muito gerais de laboratório. Mesmo assim considera "mais fácil do que difícil" arrumar emprego.

Gosta de habilitação e ser Auxiliar de escritório "acho uma boa e tem bom campo de trabalho". Para trabalhar sabe lidar com "processamento de dados, organização de técnicas comerciais e muitas coisas de INPS, FGTS". Para arrumar emprego "eu acho que não é fácil porque eu já tenho procurado, feito teste... a procura é muito grande".

"Gosto do curso... não porque eu gosto de Desenho. De Análises Químicas eu também não gosto e o outro curso só a noite e eu não iria estudar à noite. Desenho deu pra mim". Para trabalhar o curso oferece uma boa base em Desenho Arquitetônico e também publicidade. "Daria tranqüilo para trabalhar... mas o mercado de trabalho não está bom".

Considera um curso muito bom "não só como professora mas como mãe de pos". Por enqua-to não é possível falar "porque só tivemos a parte mais teórica, com o estágio vamos ver se vai melhorar. Não acha difícil arrumar uma vaga no magistério. O trabalho não tem relação com o curso, mas é necessário o diploma para exercer a profissão.

Enfermagem é "um curso bom, quanto mais a gente aprende mais a gente vai gostando". Acredita que ao final das 1.000 horas de estágio obrigatório tem condições de exercer a função. Não considera fácil emprego mas durante o estágio as melhores alunas são aproveitadas e esta é sua única chance. O trabalho atual nada tem a ver com a habilitação que cursa, mas está no jornal há 5 anos e continua porque gosta. E está fazendo o curso de enfermagem por-

que "eu deveria escolher alguma coisa para fazer o 2º grau" e para não mudar de escola porque estava acostumada não teve outra opção.

Considera uma habilitação muito boa. "Estou estagiando... é uma experiência muito boa". Por enquanto sabe pouca coisa mas com o estágio "eu posso assumir tranqüilamente a chefia de um setor" porque o curso dá condições. Embora não tenha procurado "acho difícil arrumar emprego porque o mercado de trabalho para enfermeira não está bom. Sabe que seu trabalho atual não tem relação com a habilitação que cursa "mas é exigência da minha mãe morar e trabalhar com meus tios porque ela não quer que eu more em pensão".

Cursa o Técnico de enfermagem e acha um curso muito bom "mas para quem realmente gosta do trabalho de enfermagem". O curso exige muito, especialmente no estágio e não dão diploma para quem não tem o estágio cumprido. Para arrumar emprego no campo, atualmente não está muito fácil. O curso está colaborando bastante com o trabalho porque "quando comecei trabalhava na copa" e pelo curso trabalho em vários setores de enfermagem. Considera a parte teórica muito importante uma vez que lida com a prática.

Esta habilitação "é boa em parte" pensando no tipo de atividade que vai exercer, "mas por outra, o curso não é muito forte para preparar uma professora... prepara apenas mais ou menos... mas cada um tem a sua maneira de ser". Não acha que vai ser muito difícil ingressar na carreira do magistério.

Quanto a habilitação que cursa diz que "não pretendo seguir esta profissão. É só para concluir o 2º grau mesmo". Não sabe se o curso está preparando para trabalhar na habilitação que se propõe. Se fosse trabalhar como técnico de secretariado acha que não teria vez no mercado de trabalho porque "é só para moças". O curso não tem nada a ver com o trabalho mas o que interessa é a conclusão do 2º grau.

Visa o vestibular. "Se eu me esforçar bastante vai dar para fazer um vestibular mas a matéria dada não prepara porque eu já olhei provas de um vestibular de Sta. Cruz e eu não sabia a metade" e não sabe dizer se o curso prepara para a habilitação que se propõe pois "não tenho idéia de funcionamento de uma secretária". Para trabalhar "acha que tudo se aprende vivendo", um curso não faz muita diferença.

Cursa o Técnico de secretariado e gosta desta habilitação. Em função do curso "neste ano estou aprendendo estatística, porcentagem, gráficos mas que em já venho fazendo isso mensalmente sobre expediente, contas a pagar". O curso está colaborando para o seu trabalho "apesar de que mais vale a prática". As coisas que aprende na escola são as mesmas que faz no seu trabalho.

Quando entrou nesta escola foi para fazer Leite e Derivados, mas como foi interrompido teve que continuar no secretariado — o básico era comum aos 2 cursos. Se fosse trabalhar como Técnico em secretariado não tem nem noção do que saberia fazer porque a "prática é pouca mesmo". Considera difícil o mercado de trabalho para qualquer emprego. Para o seu trabalho o curso até ajuda um pouco como sistemas de arquivos.

Cursa Técnico de Contabilidade e acha que o contabilista é importante dentro do mercado de trabalho. A parte prática do curso esta começando a ser dada e acha que sairá bem preparado para trabalhar e considera fácil empregar-se como contabilista. Não esta ainda trabalhando como contabilista, mas algumas coisas que aprende consegue relacionar no seu trabalho que é setor de pessoal.

Cursa o Técnico de Contabilidade "porque gosta, mas é um pouquinho difícil". Nunca trabalhou em contabilidade e por isso não tem prática ainda mas pelo curso acha que conseguirá trabalhar na parte de contabilidade, embora a prática é bem diferente que a teoria. Quanto ao mercado de trabalho acha difícil emprego porque já está procurando e não está fácil.

Auxiliar de escritório, mas é só nome "não é profissionalizante, é mais vestibular". Para trabalhar não "sinto segurança nenhuma só para o vestibular, porque não tenho a prática". Mas se fosse procurar emprego para ele não seria difícil.

"Faço auxiliar de escritório, mas o nome do curso não diz muito ao curso... é mais uma preparação ao vestibular e se fosse trabalhar saberia pouca coisa e também o mercado não está bom, só com ajuda de terceiros."

O Curso de Auxiliar de Desenhista de Publicidade "em si eu acho muito bom, muito interessante e nesta área eu pretendo continuar. No sentido da teoria da publicidade deixa alguma coisa a desejar... porque é mais desenho artístico e arquitetônico. Eu gosto, eu me adapto melhor na publicidade". Para trabalhar o curso oferece pouca coisa "pouquíssima". Para trabalhar precisaria mais algum curso — isso a nível médio — para um melhor aperfeiçoamento mas o campo de trabalho "está amplo aqui na cidade também". Não tem interesse em mudar de emprego porque terá que mudar de cidade para continuar os estudos, por isso não trabalha na área.

É auxiliar de escritório porque "é obrigado hoje ter uma profissão (nome)... mas o principal é ensinar para o vestibular. Eles preparam para auxiliar de escritório, mas dão mais força para as outras matérias. "Eles intensificam a parte profissionalizante à noite porque é técnico". Para trabalhar em um escritório saberia fazer "orçamento, cuidar do capital de uma firma, da parte passiva e ativa de uma firma, fechar balanço e saber quando dá prejuízos, lançamento de notas..." Para arrumar emprego não seria muito difícil, porque tem muito escritório".

Faz Auxiliar de escritório, e "acha bastante boa, apesar de que muita coisa a gente não vai usar no emprego... só no vestibular. Embora trabalhe na área o curso está ajudando muito pouco, mas continua pensando na faculdade. Se não estivesse trabalhando, considera muito difícil arrumar emprego neste campo.

Faz Publicidade porque se deu mal em Química. Desenho é uma "coisa mais livre... química tem que ficar decorando fórmula". Para trabalhar acha que se sairia bem em desenho geométrico. Emprego não é tão difícil, nem precisa ter 2º grau, mas "preferem quem não estuda para trabalhar mais horas". Não tem tentado trabalhar porque pensa em faculdade em outra área.

Quanto a habilitação que cursa — A.Q. — acha muito interessante porque está acompanhado da prática no laboratório que são de 4 hs. semanais. A prática está muito no começo e se "fosse trabalhar agora não saberia fazer nada". Só com o 2º grau a aluna considera difícil empregar-se nesta habilitação.

Auxiliar de escritório é um bom curso, mas "falta prática". Para trabalhar o curso não prepara e não saberia trabalhar em escritório ainda. Não vê dificuldade em empregar-se como auxiliar de escritório porque mesmo na loja em que trabalha conseguiria. Sabe que o curso não tem nada a ver com o trabalho mas continua trabalhando porque gosta de ser balconista e o curso continua para ter o 2º grau.

Da habilitação de desenhista acha que dá para partir para diversos ramos, até professor de desenho se quiser. Em função do curso daria para auxiliar em engenharia fazendo plantas ou como auxiliar de baixo nível de uma agência de publicidade. Considera fácil arrumar emprego porque há muito engenheiro procurando até alunos.

Desta habilitação gosta das matérias como Física, Química e Biologia. E pra trabalhar na área saberia fazer pouca coisa, só mesmo sendo auxiliado. Faz o curso que nada tem a ver com o trabalho porque visa o vestibular e para arrumar emprego nesta habilitação só em cidades maiores, na cidade está restrito o campo de trabalho.

Cursa Auxiliar de análises químicas e "no que ele se propõe está fazendo bem". Para trabalhar na área o mercado não está bom. É

possível arrumar emprego mas não na região. Mas ainda não dá para ter uma base do que se saberia dizer porque a parte prática está começando agora.

Faz Auxiliar de escritório e acha que prepara para trabalhar em escritório mas não é suficiente porque não saberia fazer muita coisa em escritório ainda. Acha difícil arrumar emprego porque tem procurado e não tem conseguido, mas depois de formado não porque eles perguntam se é ou não formado.

Análises químicas dá mais base para vestibular do que para trabalhar e se fosse trabalhar não saberia fazer muita coisa. Não tem procurado emprego, por isso não conhece o mercado, em termos de habilidades que exigem, mas acredita que neste campo há empregos.

Não está sendo um curso "profissionalizante, ele só lança bases" mas para trabalhar não é suficiente e emprego não está fácil na região. Faz o curso só para ter um 2º grau e trabalha para ter o dinheiro a mais.

Faz auxiliar de escritório e sua expectativa era de que o curso preparava para isso mas não está preparando e para trabalhar no final do curso saberá muita pouca coisa. Continua o curso para terminar o 2º grau embora não tenha nenhuma perspectiva.

Acha que deveria ter matérias mais práticas, mais escritório mesmo... "O que vou querer com Física, Química e Biologia". Para trabalhar, em ajuda é possível, mas não sabe muita coisa. Acha difícil conseguir emprego em auxiliar de escritório, mas não impossível. O curso nada tem a ver com o trabalho, mas continua porque pretende entrar na área de escritório, contabilidade.

É um curso profissionalizante e como tal não prepara bem para isso. Sugere um ano só de matérias específicas profissionalizantes. Já tem experiência em escritório, mas o curso não ajuda muito, é só teoria. Embora tenha experiência seria difícil arru

mar emprego pelo fato de ser cada porque é uma das las. Perguntas que fazem.

Faz auxiliar de escritório e acha um serviço bom, mas que dá condições de começar por baixo e depois fazer outros cursos por fora- Seria muito difícil trabalhar sem ter uma ajuda de quem está trabalhando. Pensa em arrumar um emprego em auxiliar de escritório enquanto cursa a faculdade, e ter 2º grau. Não fez outra habilitação porque nenhuma tem afinidade com Física na cidade.

Para profissionalizar, este curso está bastante distante é a parte de laboratório está iniciando agora e só está sabendo teoria. Falta muita prática. Em função do curso não sairá preparada para trabalhar. O estudo nada tem a ver com o trabalho, mas faz em função do vestibular. Não acha fácil arrumar emprego neste campo.

É uma habilitação muito boa como profissão e também para a própria educação dos filhos no dia em que casar. Para exercer o magistério apenas está sendo iniciada a parte prática e neste aspecto deixa a desejar. Não está fácil ingressar na carreira do magistério porque agora não tem mais contratação, só nomeações com concurso.

Considera o magistério "uma boa habilitação porque há falta de bons professores". Diz que em função do concurso já saberia dar aulas e ao sair do curso terá condições de ser uma professora muito competente. Considera "fácil ingressar na carreira do magistério porque há falta de bons professores".

REPRESENTAÇÕES ACERCA DAS DIFERENÇAS SOCIAIS

Quem trabalha e está sempre pobre "lá no interior (lavoura) eu diria que não sabem se organizar. Ganham numa coisa e botam em outra". Já em empregos "é porque não sabem guardar o dinheiro... jogam fora em bebida, jogo e drogas... "Quem administra deve ganhar um pouco mais... o outro trabalho não é tão importante". E as pessoas que ocupam estes cargos são aquelas que tem "um bom nível cultural... e mais conhecimento específico em alguma coisa". As pessoas não seguem sempre as profissões que querem porque "não tem vaga e então arrumam outro".

Aqueles que trabalham e estão sempre pobres é "porque não sabem aplicar o dinheiro... gastam no desnecessário... ou porque não têm chance de ganhar mais". Os que se saem melhor seria "por tempo de serviço... ou aqueles que são indicados por outros... ou são mais inteligentes" em caso de concurso. Muitos não seguem a profissão que gostariam "principalmente pela falta de empregos".

"Tem gente que trabalha e está sempre pobre... é uma pergunta que todo mundo faz... Trabalham, trabalham e não tem dinheiro... moram até numa favela. Acho que é egoísmo... alguns ficam com tudo ...não encheram... deveria dividir um pouco mais os ganhos. Alguns ganham mais do que os outros, infelizmente é assim. Não está certo... quem fica sentado num escritório ganha mais... não deveria ser. As pessoas que nasceram num nível mais elevado sempre conseguem, é mais fácil. E quem luta mais é que está sempre por baixo."

Tem pessoas que "ganham muito pouco pelo trabalho que fazem... e isto tem muito a ver com o sistema político.". As pessoas que ganham mais são aquelas que exercem profissões de prestígio como "artista, médico... Mas quase sempre as pessoas não seguem a profissão que querem, ou por problemas financeiros... ou os pais não deixam... ou ainda porque não sabem o que querem e acabam fazendo qualquer coisa..."

Tem gente que trabalha e está sempre pobre porque "eles não tem chance de crescer. O egoísmo dos que têm por medo de que os outros podem se igualar a eles, então impedem para ver os outros sempre por baixo. Muitas pessoas sonham com uma profissão mas não conseguem" geralmente por questões econômicas. As pessoas que dominam são as que "estão por cima e querem ficar sempre por cima". Sempre as pessoas que estão bem economicamente se saem melhor. Há uma "má distribuição" de renda e que geralmente está relacionado a influência dos antepassados" que deixaram boas heranças e também prestígio.

Tem gente que trabalha e está sempre pobre "porque esbanjam, jogam fora em bebida, fazem gastos desnecessários". Alguns ganham mais do que os outros "isto eu já me perguntei várias vezes, porque a gente ganharia pouco pelo trabalho. Às vezes tem pouco estudo e quem tem muito mais ganha bem menos... porque eu não sei". As pessoas que se saem melhor na vida "são aquelas especiais, inteligente e muito espertas no sentido de tenazes e não de pilantras. As pessoas não seguem na maioria das vezes a profissão que querem "porque não há mercado de trabalho" há muito desemprego.

Tem gente que trabalha e está sempre pobre "porque esbanjam, não sabem economizar ou por doença também". Uns ganham mais do que os outros "não acho certo porque muitas vezes aquele que trabalha mais justamente ganha menos... deveria ser mais igualado". Nem sempre as pessoas seguem a profissão que gostariam porque se abrigam a pegar o emprego que aparece. As pessoas que se saem melhor são as que estudam e outras que não tem estudo mas por elas mesmas conseguem uma cultura pessoal.

Alguns ganham mais do que os outros "é o estudo talvez... com o diploma você consegue um serviço melhor". Tem gente que trabalha e está sempre pobre "porque sempre tem os de cima que dobram os de baixo pra trabalhar, trabalhar e nada. E o poder acima de tudo". As pessoas que se saem melhor são as "que tem mais poder econômico, mais capacidade também". Reconhece que pessoas mesmo com qualificação profissional se obrigam a seguir qualquer profissão para sobreviver.

Quem trabalha e esta sempre pobre e "porque não consegue calcular e distribuir o que ganha". Muitos esbanjam, mas também pode ser "pelo baixo salário que recebem... e a falta de sorte". Alguns ganham mais do que os outros "talvez por serem responsáveis por seções ou por terem estudado... ou também porque alguns não encontram emprego conforme teriam capacidade". E as pessoas não conseguem seguir a profissão que gostariam "porque a oferta de trabalho é pouca, é pequena". As pessoas que se saem melhor na vida "são as pessoas de famílias ricas... por causa do dinheiro, da fama e já ajuda muito. Também pessoas que estudam e demonstram vontade, se esforçam levam vantagem".

As pessoas não seguem na maioria das vezes a profissão que querem por falta de condições econômicas. Pessoas que se saem melhor na vida "acho que é só o presidente... aquelas que tem poder". Quem ganha mais são "os mais instruídos os que tem mais estudo". Quem trabalha e está sempre pobre é porque "não sabem aproveitar o dinheiro, jogam fora, talvez vivos" e os que não "jogam fora" estes não seriam pobres.

Não sabe porque alguns ganham mais do que os outros mas acha "que é a capacidade, do trabalho que faz, do setor, da função". Quem trabalha e está sempre pobre é "por causa do baixo salário... só da para aquela rotina de comer pagar aluguel ou que não sabem aplicar o dinheiro. E para sair dessa é só ganhar na loteria mesmo... ou ter melhor salário, melhor ajuda do governo". Por necessidade as pessoas se obrigam a trabalhar "num determinado serviço mesmo sem gostar". As pessoas que se saem melhor são as que tem "personalidade, comunicativas, expansivas... que tem instinto de crescimento, otimistas"

Alguns ganham mais talvez "por sorte" mas a vontade também influi porque tem gente que ganha o salário e está contente. "Outros já nascem com o dinheiro na mão... é só produzir em cima que é fácil". Quem trabalha e esta sempre pobre "isto está ligado ao regime político do País,... porque tem a minoria que ganha quase tudo e o mínimo reparte com os empregados". Acha que as pessoas que se saem melhor na vida são as que tem "base, vontade... os que se relacionam com o sistema que a base da família é boa eles aplicam o

dinheiro em financeiras" e também que tem um bom padrinho. Nem todos seguem a profissão que gostariam porque depende também do poder econômico da família além da falta de empregos.

Alguns ganham mais do que os outros porque isto depende de cada firma em pagar melhor ou não. Depende também da capacidade e das habilidades de cada pessoa bem como da prática. Se tem gente que trabalha e está sempre pobre é porque ganha pouco para manter a família. As pessoas que se saem melhor são aquelas que tem "mais estudo teria melhores condições para alcançar seus objetivos". As pessoas não seguem sempre a profissão que gostariam "porque não tem condições de seguir aquela que desejam".

Alguns ganham mais do que os outros "é a pergunta que eu faço, acho que todos deveriam ganhar igual. Tem gente que trabalha e está sempre pobre porque "alguns não sabem controlar e outros também ganham pouco... não conseguem nem cobrir as despesas. Nem sempre as pessoas seguem a profissão que querem porque não tem dinheiro para estudar e precisam trabalhar em qualquer lugar porque se obrigam a isso. As pessoas que se saem melhor na vida são "aquelas que se interessam, que trabalham e levam a sério o serviço".

Quem ganha mais, "é porque tem um emprego que dá mais". Se tem gente que trabalha e está sempre pobre é porque "a sociedade não dá muito valor aos empregos. Por ex. o médico ganha mais porque é uma profissão valorizada, enquanto que isto não acontece com o lixeiro. O problema é do valor dado pela sociedade". As pessoas nem sempre seguem as profissões que querem "aí vai muito pelo dinheiro, como muitos médicos não pela vontade de ser médico mas pelo dinheiro e daí a falta de interesse com os doentes". As pessoas que se saem melhor "são aquelas que gostam da profissão que escolheram".

Alguns ganham mais do que os outros "é uma questão de sistema, eu acho errado... porque em termos de valor de cada trabalho para a sociedade deveria ser mais igualado". Se tem gente que trabalha e está sempre pobre "é porque há exploração, porque tem um grande erro em nossa constituição. O objetivo do capitalismo é lucro que

é tirar do outro. Produzem mas o lucro não lhes pertence". Nem sempre as pessoas seguem a profissão que querem "por falta de chance e se saem melhor aquelas que atingem uma realização profissional e pessoal e em termos econômicos é relativo, depende da chance, porque tem médico pobre". O médico também pode ser explorado".

Alguns ganham mais "primeiramente por tempo de serviço, por experiência, 2º por efetividade, produtividade. Se bem que isso está dando margem a mão de obra barata, sendo que muita gente com mais idade está perdendo para dar lugar a mão de obra mais barata porque são novos ou recém formados e em certos casos oferece um trabalho mais dinâmico por menos custo". Quem trabalha e está sempre pobre "aí depende muito do estudo para a realização do trabalho ou talvez por falta de perspectiva ou alguma formação básica mais importante". As pessoas que se saem melhor na vida são as que "lutam e batalham bastante". Mas aquelas pessoas que tem privilégios mesmo sem luta e sem estudo "qualificaria em 1º lugar como sorte, em 2º como uma transa bem montada de injustiça e corrupção... e isso existe muito e até pessoas bem encaminhadas são prejudicadas por causa disto". E as pessoas, "mais do que nunca, hoje está restrita essa ambição devido a questões financeiras. Muita gente deixa a sua própria busca, seu próprio anseio por empregos mais rendosos" e isso acrescido ao desemprego do país.

Alguns ganham mais "porque estudam mais, mas tem quem estuda e não consegue. Tem quem se aproveita de situações e explora os outros. E há também quem não trabalha. Quem trabalha e está sempre pobre "é por falta de condições de trabalho. O médico trabalha menos que o lixeiro e ganha muito porque ele tem condições físicas mas não mental. Quando ele tenta subir a sociedade não deixa. As vezes as pessoas por falta de condições se sujeitam a qualquer emprego para sobreviver, são obrigadas. As pessoas que se saem melhor são as que tem um bom "nível cultural, geralmente tem chance e também tem aquelas que não estudaram e já estão ligadas ao poder que vem de geração".

Ganhar mais "em alguns lugares é a cultura, alguns lugares é a sorte, alguns lugares tem um padrinho. Quem trabalha e está sempre pobre é "porque não aplica bem o dinheiro... ou falta de oportunidade... porque quem está bem não quer que o outro chegue mais perto porque talvez ficaria ameaçado" "...as pessoas geralmente seguem aquelas profissões que tem oportunidade senão ficam sem emprego". As pessoas que se saem melhor são as que se esforçam e também a ajuda de "padrinhos".

Uns ganham mais "acho isso aí um desequilíbrio porque o serviço de anotar recados ganham um rio de dinheiro e aquele que fica cavando valeta não ganha quase nada. Quem trabalha e ganha pouco é por acomodação, falta de esforço pessoal e o estudo tardio é uma forma de sair dessa. As pessoas não seguem a profissão que gostariam "porque a necessidade de trabalhar é mais importante do que escolher". As pessoas que se saem melhor na vida "são aquelas que pisam nos outros, eu já notei isso aí... não dando chance e por chantagem e daí sobressaem".

Alguns ganham mais do que os outros "ou porque tiveram sorte, ou porque trabalham mais, tiveram condições, foram empurrados, ou tiveram outros que ajudaram ou ainda venceram". Se tem gente que trabalha e está sempre pobre é porque "não tiveram condições, não tiveram ajuda e também pelo sistema porque tem gente fazendo pouco e ganhando muito e gente fazendo muito se arrebrandando e não conseguem sair daquilo". Acha que nem todas as pessoas seguem o que gostariam, uns "porque os pais insistem e acabam aceitando, outras escolhem a profissão porque é rendosa ou também porque não tem campo". As pessoas que se saem melhor "são as que batalham, ou ambiciosas... é duro mas é porque roubam, na verdade não são meios limpos mas vão para cima e o sistema está colaborando para isso".

Alguns ganham mais que os outros "e exatamente quem trabalha menos ganha mais, este é o problema" e isso tem a ver com o próprio governo. Quem trabalha e está sempre pobre é porque "talvez não sabem cuidar do que tem, jogam fora... ou a falta de estudo, as vezes de oportunidade. Nem sempre as pessoas seguem a profissão que querem porque "isto depende de ajuda, da colaboração de ou-

tras pessoas" elas também são impedidas por outras. Se saem melhor na vida aquelas pessoas "bem preparadas e que trabalham mais".

Alguns trabalham e estão sempre pobres "é porque esbanjam... falta de oportunidade... outros quando tentam sair são esmagados pelos grandes". Uns ganham mais mas isto vai do estudo mas não está certo esta diferença entre um lixeiro e do outro que comanda. Quem mais trabalha menos ganha. As pessoas que se saem melhor são aquelas que conseguem o que ambicionaram, mas nem sempre atingem o objetivo porque se obrigam a fazer o que não gostam para sobreviver.

Uns ganham mais porque "isto depende do valor que cada empresa dá para cada tipo de trabalho" e o que faz um trabalho que dão mais valor ganha mais. Tem gente que trabalha e está sempre pobre "geralmente estas pessoas são as que fazem serviços pesados que ganham pouco e que na realidade deveriam ganhar mais... tem também quem não sabe administrar o que ganha..." Não considera fácil emprego, mesmo o que não gostaria demora para aparecer e aí é bastante difícil conseguir entrar na profissão que deseja. Se saem melhor na vida os que se esforçam, se interessam e também os que tem dinheiro ou padrinhos.

Alguns ganham mais do que os outros... "isto tem a ver com a parte de formação e existe também coisas que não dá para entender porque uma pessoa faz um trabalho mais importante que a outra e ganha menos. Mas isto eu acho próprio do capitalismo que quem tem mais ganha mais. Quem trabalha e está sempre pobre... "é um dos frutos do capitalismo, quem está pobre fica cada vez mais pobre". E as pessoas não conseguem as profissões que gostariam por fatores econômicos porque são obrigados. Se saem melhor aquelas pessoas que tem pais, parentes bem colocados.

Aqueles que ganham mais "é porque tem emprego melhor". E aqueles que trabalham e estão sempre pobres é porque gastam no desnecessário". Acredita que todas as pessoas conseguem a profissão que querem e as pessoas que se saem melhor na vida são aquelas que fazem o serviço que gostam e isto mesmo na lavoura, se gostam se

saem bem porque vivem contentes e felizes.

Alguns ganham mais do que os outros "é também uma questão de estudo... outra coisa também é que tem gente que não precisa de estudo porque tem influência, tem nome, então ganham mais". Tem gente que trabalha e está sempre pobre "porque nem sempre o que a gente ganha é produto do trabalho da gente, porque os ricos sempre que rem mais e vão sempre sugando o mais pobre. Eles não fazem nada e ganham muito mais do que os operários que estão lá na fábrica quase 24 horas por dia... os maiores exploram os menores". Nem sempre, isto está condicionado ao "poderio econômico... e outras vezes por influência dos pais".

Umas pessoas se saem bem por "mérito, mas tem outras que se saem melhor ainda porque encontram o caminho limpo..."

Alguns ganham mais "por tempo de serviço ou porque entendem mesmo da coisa ou também porque ganham em cima dos outros". E quem trabalha e está sempre pobre é porque são acomodadas e se querem estudar tem tantas condições como bolsa de estudo, auxílio. Aqui no Brasil o país não dá condições para seguir a profissão que gostaria, a gente pega onde tem vaga". Há liberdade, mas não tem oferta." As pessoas que se saem melhor são aquelas que já tem uma herança... voce quer que eu diga que são as pessoas que tem estudo... eu acho que precisa é só usar um pouquinho a cabeça".

Uns ganham mais que os outros porque na maioria das vezes "e trapça". E quem ganha muito consegue as custas dos outros. A falta de emprego impede que as pessoas sigam as profissões que gostariam. As pessoas que se saem bem é "por sorte ou também porque lutam".

Quem ganha mais "depende da posição que ocupa, do apadrinhamento, do poder econômico do cara" e quem trabalha e está sempre pobre "é problema de vícios". As pessoas nem sempre seguem as profissões que querem por não se "interessar e lutar por aquilo que quer". E as pessoas que se saem melhor na vida "são aquelas que tem vontade e lutam para conseguir um objetivo... e o apadrinhamento.

soberanos" que não querem que os outros cheguem até lá. As pessoas que se saem melhor na vida são as que "se esforçam e que tem um objetivo definido".